- 2010 200 ANOS DA CRIAÇÃO DA ACADEMIA REAL MILITAR À ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

CLÁUDIO MOREIRA BENTO



Edição da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB)

Composição da capa: Pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, filho do autor, criador e administrador do site www.ahimtb.org.br da AHIMTB e seu Grande Colaborador e atual Adido Naval em Buenos Aires.

Digitação dos originais: O autor e as professoras Maria Verônica de Abreu de Itatiaia-RJ e Ivonete Maria Costa, prestadora de serviços à AHIMTB.

Revisões finais: Acadêmicos e 2º e 3º vice-presidentes da AHIMTB e seus Delegados em Porto Alegre e Rio de Janeiro o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e ex-instrutor de História Militar na AMAN e Ten R2 e Eng Israel Blajberg que estudou no Largo do São Francisco onde funcionou a Academia Real Militar de 1811-1858 e mais pela Gráfica e Editora Irmãos Drumond - Josilene Leone Marcelino e Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Ávila

Logística de pré-produção: José Antônio Alves

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL DA PUBLICAÇÃO

Bento. Cláudio Moreira

2010 - 200 anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras

200 pg.

ISBN: 978-85-60811-14-4

- 1- Exército Brasileiro
- 2- Formação de oficiais do Exército no Brasil 1792
- 3- Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho 1792-2010
- 4- História da Academia Militar das Agulhas Negras
- 5- Academia Real Militar 1811
- 6- Escola Militar da Praia Vermelha 1855
- 7- Escola de Guerra em Porto Alegre 1906
- 8- Escola Militar do Realengo 1911

Catalogação na publicação Departamento Nacional do Livro

SUMÁRIO

•	Apresentação	5
•	Dedicatória	11
•	Prefácio	12
•	Introdução	14
•	A Academia Real Militar e sua evolução até a Academia Militar das Agulhas Negras,	
	1944 -2010 (artigo do autor, comemorativo do bicentenário da vinda da família real	
	para o Brasil em 1808)	18
•	A Academia Real Militar de 1810, sua antecessora e sucessoras 1792-2010	
	e suas significações históricas	23
•	A Casa do Trem (1792-1810)	25
•	Largo de São Francisco (1812-1858)	29
•	Escola Militar da Praia Vermelha (1855-1904)	32
•	Escola de Guerra de Porto Alegre - RS (1906-1911)	34
•	Escola Militar do Realengo (1912-1944) (EMR)	36
•	Academia Militar das Agulhas Negras, desde 1944	38
•	A ampliação da AMAN em 1988 no Projeto FT-90	41
•	O primeiro dirigente, instalador e orientador da Academia Real Militar em 1811	46
•	O engenheiro construtor da Academia Real Militar no Largo de São Francisco	48
•	Os primeiros 73 alunos da Academia Real Militar em 1810	50
•	O Ten Gen José Maria Pinto Peixoto	56
•	O mais ilustre aluno da Academia Real Militar	57
•	A introdução da Cadeira de História Militar na Academia Real Militar	61
•	O idealizador da AMAN e de suas tradições	64
•	O Marechal José Pessôa visto pelo projetista da AMAN	76
•	O 1º comandante e instalador da AMAN Cel Inf Mário Travassos	81
•	Henrique Lage – o cadete nº 1	85
•	O construtor da AMAN	86
•	O sentido do ensino na AMAN segundo o Marechal Eurico Gaspar Dutra	88
•	Os desvios do ensino militar profissional no passado, na opinião de ilustres chefes	89
•	O espadim dos cadetes do Exército - histórico	91
•	Primeiros cadetes clasificados em 1º lugar na entrega dos espadins (1946-2008)	99
•	Cadetes clasificados em 1º lugar no espadim e espada	101
•	Os comandantes da AMAN - 1944-2010	102

Uma histórica ordem do dia de comandante da AMAN	104
Um aluno da Escola Real Militar que foi General de Simon Bolívar	
e um dos libertadores da América Espanhola	110
A projeção histórica de Abreu e Lima e sua significação histórica na Ver	nezuela 110
A falsa imagem de Abreu e Lima	113
A real imagem de Abreu e Lima	115
A falsa visão ultra pragmática de Abreu e Lima	117
Traços do perfil militar de Abreu e Lima	117
Matrícula na Academia Real Militar	119
No 1°Ano Matemático da Academia Real Militar - 1812	122
No 2° Ano Matemático da Academia Real Militar - 1813	123
No 3° Ano Matemático da Academia Real Militar - 1814	123
No 1° Ano Militar da Academia Real Militar - 1815	124
No 4° Ano Matemático da Academia Real Militar - 1816	126
Comparação: formações de Caxias e Abreu e Lima	126
Indefinições no itinerário de Abreu e Lima (1816-1817)	127
O martírio do Padre Roma, segundo seu filho Abreu e Lima	129
Abreu e Lima a serviço da Grã-Colômbia	130
Primeira missão de Abreu e Lima	132
Itinerário militar de Abreu e Lima em 1819	133
Atuação na conquista da Ponte de Boyacá	133
Herói de Porto Cabello	135
Prenúncios da Guerra Civil	135
A Guerra Civil	136
Comandante da Brigada Pacificadora do Rio Hacha	137
Fé de ofício do General Brasileiro Abreu e Lima	138
Retorno ao Brasil	140
Opinião de Abreu e Lima sobre a Guerra do Paraguai	141
Explicação da duração prolongada da Guerra do Paraguai	142
Conclusão	143
Posfácio	145
Preservadores da História da Casa do Trem à AMAN	149
• Uma injustiça cinquentenária ao Marechal José Pessôa em Brasília a ser re	eparada152
Fontes bibliográficas e hemerográficas das Escolas Militares	156
Dados sobre o Autor Cel Cláudio Moreira Bento	179
Álbum de Fotos	191

APRESENTAÇÃO



É com muita satisfação e honra que na qualidade de Comandante da AMAN em seus 200 anos e 3º Presidente de Honra da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que apresento aos leitores esta obra de autoria do Presidente da AHIMTB, o Cel Cláudio Moreira Bento, que desde 1978 vem colecionando, preservando, pesquisando, produzindo e divulgando fontes de História da AMAN e de suas antecessoras.

História iniciada em dezembro de 1792 com a criação da Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, fundada pelo Conde de Resende, o 13° Vice Rei do Brasil, sob a égide do Príncipe Regente D. João, no aniversário da Rainha D. Maria I, A Piedosa. Esta Escola Militar destinava-se à formação de Oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros militares e civis para o Brasil Colônia.

Segundo o autor da presente obra a citada Real Academia foi a pioneira do Ensino Militar Acadêmico nas Américas e do Ensino Superior no Brasil com os seus Cursos de Engenheiros civis e militares. Mais tarde, ela foi sucedida pela "Academia Real Militar", criada há 200 anos pelo Príncipe D. João e então destinada a formar Oficiais para todo o Reino de

Portugal que, desde 1808, fora transferido para o Brasil, em razão da vinda da Família Real forçada por Napoleão.

A Academia Real Militar foi instalada inicialmente na Casa do Trem, aproveitando as instalações e infra-estrutura da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, que ali funcionava desde 1792.

A Academia Real Militar foi considerada por Decreto do Presidente Getúlio Vargas como sendo a raiz histórica da AMAN e hoje consagrada como a sua denominação histórica.

O autor, neste trabalho, nos conta a evolução histórica do Ensino Acadêmico Militar Terrestre no Brasil que foi desenvolvido primeiro na Casa do Trem, depois passando pelo Largo de São Francisco e a Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, posteriormente indo para o Casarão da Várzea em Porto Alegre, voltando para o Rio em Realengo e, finalmente transferindo-se para Resende, onde teve, primeiro, a denominação de Escola Militar de Resende até passar em 1951 para a designação atual de Academia Militar das Agulhas Negras, ou simplesmente AMAN, como é conhecida. Esta evolução está ilustrada nas imagens destas sedes na 1ª Capa.

O autor muito tem divulgado a História da AMAN nos seguintes trabalhos de sua autoria:

- História da Academia Militar das Agulhas Negras, em seu discurso de posse como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicado na Revista desta entidade (Jul / Set 1982);
- Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas 1792-1984, encomendada pela FHE-POUPEx e apresentada pelo Exmo Ministro do Exército Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves no Clube do Exército, em Brasília, e distribuída, amplamente, pelas Unidades das nossas Forças Armadas sob a forma de álbum;
- 1994 Academia Militar das Agulhas Negras Jubileu de Ouro em Resende;
- Resende História Militar 1744 2001, onde destaca a presença da AMAN;
 - Os 60 Anos da AMAN em Resende 2004, sob a égi-

de da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que ele fundou e preside, com sua sede localizada em instalações externas da AMAN, desde o Comando do Gen Bda José Mauro Moreira Cupertino, e ampliada no comando do hoje Gen Div Marco Antônio de Farias.

E assim, a presente obra vem coroar esta série notável, destinada principalmente aos Oficiais que estudaram em nossas Escolas Militares e seus descendentes. Trabalho patrocinado pela FHE- POUPEx e que tem por título:

- 2010 - 200 Anos da Criação da Academia Real Militar à Academia Militar da Agulhas Negras.

Este é o principal conjunto das obras do autor, tendo por tema a História da AMAN. São trabalhos que o consagram como o maior pesquisador historiador da AMAN e de suas antecessoras. Outros trabalhos do autor, relacionados com a História da AMAN, constam da extensa e rica bibliografia ao final do presente volume.

Este livro, publicado no ano do Bicentenário do Decreto de criação da Academia Real Militar, possui o caráter de obra interna destinado ao público alvo mencionado.

A obra comemorativa do Bicentenário da AMAN com caráter institucional vem sendo escrita por uma equipe da nossa Academia, sob a coordenação do Cel Eng QEMA Carlos Ribeiro Peres, acadêmico da AHIMTB detentos da cadeira nº 47 General Umberto Peregrino.

O Cel Peres traz a experiência de ter dirigido os trabalhos que resultaram no livro **A ECEME - A Escola do Método - Um século pensando no Exército**, obra publicada pela BIBLIEx, quando comandava a ECEME o Gen Bda R/1 Eduardo Rocha Paiva, hoje, ocupante da cadeira n° 17 da AHIMTB, Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, também ex-Comandante da ECEME; Escola que leva hoje seu nome, como denominação histórica.

Esta obra teve como redator do texto final o também acadêmico da AHIMTB, Cel Inf QEMA R/1 Hiran Freitas Câmara, ocupante da cadeira especial Div Carlos de Meira Mattos ex-Comandante da AMAN, e recebeu o prefácio do acadêmico

Gen Ex R/1 Paulo Cesar de Castro, atual ocupante da cadeira da AHIMTB General Estevão Leitão de Carvalho, outro antigo Comandante da ECEME e líder dos "Jovens Turcos", criadores em 1913 da **Revista A Defesa Nacional**.

Obra para qual, a nosso convite, o Cel Bento prestou a sua colaboração com valiosos subsídios depois de apresentados os originais da obra para a sua apreciação.

Merece destaque nesta obra o resgate que o autor faz da esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre que funcionou de 1906 a 1911, no antigo Casarão da Várzea, e onde foi implantada o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do "bacharelismo militar" para o "profissionalismo militar".

O "bacharelismo militar" fora consequência da adoção do Regulamento de Ensino anterior, implantado em 1874 e que vigorou até 1905. Segundo alguns antigos e ilustres chefes e também historiadores militares como o Marechal João Batista Mascarenhas de Morais e o Marechal Estevão Leitão de Carvalho, este "bacharelismo" teria causado muitos males ao Exército, no período em que vigorou de 1874 a 1905.

Nesta mesma Escola de Guerra de Porto Alegre estudou e foi Aspirante a Oficial o Marechal José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, que mais tarde seria o idealizador da nossa AMAN e o introdutor de suas mais caras tradições. Ele é um personagem que o autor aborda com destaque no presente trabalho, revelando notáveis aspectos de sua personalidade e de suas realizações, como a sua importante contribuição para tornar realidade a mudança da Capital Federal para o centro do país, na condição de Presidente da Comissão de Localização e de Mudança da Nova Capital, nomeada pelo Presidente Getúlio Vargas em 1955. Missão que traduziu em seu derradeiro livro publicado em 1958: **Nova Metrópole do Brasil - relatório geral de sua localização**.

Neste mesmo prédio do Casarão da Várzea, onde funcionou a Escola de Guerra, cursei o Colégio Militar de Porto Alegre entre os anos de 1967 e 1970, e o Cel Bento foi aluno da Escola Preparatória de Porto Alegre/EPA em 1951 e 1952. De grande tradição e importância para o nosso Exército este estabelecimento é um histórico recordista em serviços contínuos prestados ao Ensino no Exército. O autor desta obra estudou em detalhes esta contribuição e a registrou em 2008 no livro **História do Casarão da Várzea 1885-2008**, em parceria com o Cel Caminha.

O Cel Bento também aprofunda na presente obra diversos e relevantes dados sobre a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho e a Academia Real Militar, que até 1938 eram quase que desconhecidas, conforme declarou o próprio Marechal José Pessoa ao escrever na **Revista da Escola Militar** sobre o Espadim de Caxias e outras tradições da AMAN.

"Escrevo sobre o Espadim para que não aconteça o que aconteceu com a Academia Real Militar que hoje apenas sabe-se que existiu".

Em nome da AMAN agradeço ao Presidente e Acadêmico Emérito da AHIMTB, Cel Cláudio Moreira Bento, por mais este assinalado trabalho, e também ao autor das abas, o Exmo Gen Ex R/1 Clóvis Jacy Burmann, Presidente da FHE - POUPEx, patrocinadora da obra.

Gostaria de agradecer ainda ao Cel Luiz Ernâni Caminha Giorgis, outro Acadêmico Emérito e dedicado parceiro do Cel Bento, autor do prefácio, e ao também Acadêmico, Engenheiro e Ten R/2, Israel Blajberg que, no posfácio, relaciona a AMAN com o Largo de São Francisco, onde ele formou-se em Engenharia.

Gen Bda EDSON LEAL PUJOL Comandante da AMAN, 3º Presidente de Honra da AHIMTB e seu acadêmico cadeira 22 Marechal José Pessoa A concretização desta obra foi possível graças ao apoio da: Associação de Poupança e Empréstimo



Associação de Poupança e Empréstimo

DEDICATÓRIA

Dedicado pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) aos cadetes de ontem, de hoje e de sempre da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), para que prestigiem, divulguem e pratiquem, como atividade profissional militar, a **História Militar Crítica do Exército** o resultado da análise militar crítica à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, do precioso, rico e até hoje pouco explorado patrimônio cultural do Exército, acumulado em mais de 5 séculos de lutas, responsáveis em grande parte pelas dimensões continentais do Brasil, que não foram obra de um milagre.

Atividade fundamental, a serviço da formação dos quadros do Exército em Arte e Ciência Militar Brasileira e ao desenvolvimento progressivo de uma Doutrina Militar Terrestre genuína para o Exército Brasileiro, do que deu eloquente exemplo, em 1861, como Ministro da Guerra, o Duque de Caxias, atual Patrono do Exército e da AHIMTB, ao adaptar a Doutrina do nosso Exército à Doutrina de Portugal, de influência inglesa, que ele adaptou, às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara no comando de 4 vitoriosas campanhas pacificadoras e de uma guerra externa:

"até que nosso Exército possuísse uma doutrina militar genuína".

Este foi o seu grande sonho, ainda a realizar.

Academia de História Militar Terrestre do Brasil Resende, 25 de janeiro de 2010

PREFÁCIO



Um dos fatos mais determinantes na História do Brasil foi a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, premida que foi pela avalanche napoleônica na Europa e na Península Ibérica.

O Príncipe Regente Dom João soube enganar o Imperador francês, simplesmente transferindo a sede do Império Português para a colônia tropical sul-americana, o Brasil.

Napoleão seria derrotado em seguida, em Portugal e na Europa, mas Dom João decidiu ficar, e esta decisão é que teve excelentes frutos para o futuro do nosso País.

Juntamente com outras iniciativas importantíssimas, como a Abertura dos portos às nações amigas, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a Biblioteca Real, o Alvará de Liberdade Industrial e muitas outras, Dom João investiu também na área castrense através de obras relevantes.

Dentre elas, ressalta a Academia Real Militar e a Academia da Marinha, fundadas em 1810 dentro do espírito da formação de oficiais para a segurança do Império e de suas colônias.

200 anos depois, a sucessora da antiga Academia Real Militar, a nossa excelsa Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) continua a formar oficiais para o Exército Brasileiro, dentro do espírito de defesa da nação e da democracia, através de uma mentalidade profissional e dedicada aos valores pátrios.

Esta história de 200 anos de dedicação e patriotismo ora nos é contada pelo Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), o Coronel Cláudio Moreira Bento, através desta obra que, como as anteriores, está destinada a ser de Referência. Neste caso, naquilo que se refere às diversas escolas de formação do nosso Exército e também aos líderes que se destacaram ao longo do tempo.

Confirma assim a AHIMTB a sua linha de trabalho: o estudo da História Militar crítica, como forma de contribuir para uma cultura militar brasileira, própria, e a consequente construção de uma mentalidade e de uma doutrina genuinamente nossa, conforme já defendia o próprio Duque de Caxias.

Fazendo um retrospecto das escolas anteriores a AMAN, este livro nos revela o que foi essa evolução. Destaca também chefes militares que não poderiam deixar de ser citados, face às suas contribuições ao Exército e à nação brasileira.

Está de parabéns o Exército, a AMAN e a AHIMTB com a publicação desta obra. História é verdade e justiça.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara Porto Alegre

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado **2010 – 200 anos da cria- ção da Academia Real Militar à AMAN**, objetiva nos 200 anos da criação da Academia Real Militar pelo Príncipe Regente D. João fazer um retrospecto do ensino militar acadêmico no Brasil, desde a antecessora da Academia Real Militar, a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, criada em 1792 pelo Vice-Rei Conde de Resende, sob a égide do Príncipe D. João e no aniversário da rainha D. Maria I, a Piedosa.

Academia que historicamente se constituiu na raiz histórica da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e que foi a pioneira do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil, com a criação, junto com ela, do ensino superior civil com seu curso de Engenheiros militares e civis, que inaugurou.

Neste livro serão enfatizados detalhes da bicentenária criação e instalação da Academia Real Militar e da Academia Militar das Agulhas Negras, sendo a primeira considerada oficialmente a denominação histórica da AMAN.

Os detalhes das escolas que desde 1792 tem se dedicado à formação de oficiais do Exército no Brasil, como Colônia durante 30 anos e como país independente desde 1822, podem ser resgatados pelos pesquisadores e leitores interessados na bibliografia publicada ao final desta obra.

Bibliografia em grande parte por nós levantada e colecionada desde 1978, ao chegarmos na AMAN como instrutor de História Militar, então já consagrado como historiador militar, autor em 1971 do livro **As batalhas dos Guararapes – descrição e análise militar**. Recife: UFPE, 1971(Ver foto 1 no Álbum, ao final).

E autor do capítulo As Guerras holandesas da obra **História do Exército, perfil militar de um povo,** editada pelo Estado-Maior do Exército em três volumes, como contribuição aos festejos, em 1972, do Sesquicentenário da Independên-

cia do Brasil. Obra desenvolvida pela Comissão de História do Exército (do EME) que integramos como Adjunto de seu presidente, o Cel Francisco Ruas Santos, que muito havia feito na AMAN como chefe da sua cadeira de História Militar na década anterior (Vide foto 2 da capa no Álbum ao final).

E assim assumimos a nossa função, já sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de História e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, etc. E trazendo na bagagem o ensaio **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, que foi editado ainda em 1978 pelo Estado-Maior do Exército, como manual, reeditado pelo mesmo Estado-Maior em 1999 e então ampliado, com a parceria da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que havíamos fundado em 1996 em Resende, ao abrigo da AMAN (vide foto 3 das capas no álbum ao final).

E na cadeira de História, ainda em 1978, coordenamos as obras da cadeira de História da AMAN, produzidas pela equipe que eu integrava, composta mais pelo Ten Cel Inf QEMA Ney Salles e Ten Cel Inf QEMA Sérgio Monteiro Marcondes, e revisadas pela cadeira de Redação e Estilística a cargo do Ten Cel Art (ME) Ney Paulo Panizutti e do Ten Cel Inf (ME) Manoel de Brito:

- História da Doutrina Militar (Da Antiguidade à 2ª guerra Mundial, 1979), nela incluindo, na Cronologia Sumária da Idade Moderna e Contemporânea, a Cronologia da História Militar do Brasil (Vide foto 4 da capa no álbum ao final).
- História Militar do Brasil, 2 v. (texto e mapa). (vide foto 5 da capa do álbum ao final). Esta foi enriquecida com a introdução detalhada das Batalhas dos Guararapes, sobre a qual havíamos escrito em nosso citado livro e sobre as Guerras do Sul, a Reconquista do RGS em 1776, assunto sobre o qual muito havíamos produzido no Simpósio da Restauração do Rio Grande do Sul do IHGB e IGHMB e mais sobre a Batalha do Passo do Rosário que havíamos desenvolvido em 1977 em São Paulo e Rio de Janeiro e publicada na Revista

A Defesa Nacional nºs 680 e 681 em 1977-78. E em 1977 ampliada (Vide foto 6 no álbum ao final) e A Guerra da Restauração (Vide a foto 7 do álbum ao final).

Nestes livros **História da Doutrina** e **História Militar do Brasil** foram incluídos o Processo de Ensino de História Militar para facilitar os novos instrutores de História Militar e preservar o processo de Ensino que foi desenvolvido por equipes anteriores a nossa. E por longo tempo estas obras serviram ao Ensino de História na AMAN e creio que ainda o servem.

As fontes de história da AMAN, inclusive as por nós produzidas, iniciei a colecioná-las em 1978, transferindo-as em 1998 para as atuais instalações da AHIMTB no comando do General José Mauro Moreira Cupertino que as cedeu à AHIMTB e que foram ampliadas no comando do General Marco Antônio de Farias.

E o que abordamos neste trabalho é fruto da interpretação destas citadas fontes que espero sejam enriquecidas. E em especial as seguintes obras que já produzimos sobre a AMAN, dentre as numerosas constantes da Bibliografia:

- História da Academia das Agulhas Negras in Revista do Instituto_Histórico e Geográfico Brasileiro. V. 336 p. 170 -194, jul/set 1982 que foi o nosso discurso de posse neste Instituto em 13/dez/1978;
- 1994 Academia Militar das Agulhas Negras, Jubileu de Ouro em_Resende (Apresentada pelo Gen Rubem Augusto Taveira (Cmt da AMAN 1992/1993). (Vide foto 8 do álbum ao final).
- **História Militar de Resende 1744 2001**. Pela AHI-MTB. (Apresentada pelo Gen Reinaldo Cayres Minatti, Cmt da AMAN). (Vide foto 9 no álbum ao final).
- **2004 Os 60 anos da AMAN em Resende** (Apresentada pelo Gen Claudimar Magalhães Nunes (Cmt da AMAN). (Vide foto 10 no álbum ao final).

Merece especial destaque entre as fontes produzidas sobre a formação de Oficiais do Exército no Brasil o álbum de nossa autoria, **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil** (1792-1987), (Vide foto 11), patroci-

nado pela FHE-POUPEX na Presidência do General Milton Paulo Teixeira Rosa, com textos de nossa autoria e pinturas sob nossa orientação do pintor Nilton Coutinho. Obra lançada no Clube do Exército em Brasília e lá apresentada pelo Exmo. Sr. Ministro de Guerra Leônidas Pires Gonçalves e distribuída amplamente para organizações militares do Exército, Marinha e Aeronáutica espalhadas por todo o Brasil.

Por último, foi publicado de nossa autoria na Revista Cidades do Rio, ano 01, nº 01/set. 2009 e sem a chamada na capa, característica atual de publicação de assuntos militares, o artigo 200 anos de Ensino Militar 1810-2010 da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras.

Na presente obra destacamos o mais ilustre aluno da Academia Real Militar, o Duque de Caxias, patrono do Exército e da AHIMTB e que estudamos a fundo em seu bicentenário em 2003 na obra **Caxias e a Unidade Nacional** (vide foto 12 no álbum ao final) e também o ilustre General Inácio Abreu e Lima, que participou com destaque como General de Simon Bolívar das guerras da Independência da Venezuela, Colômbia e Peru, como o único de seus generais formados numa Academia Militar, no caso a Bicentenária Academia Real Militar, hoje consagrada, repetimos, como denominação histórica de nossa Academia Militar.

No mais, votos de que a presente obra, no 40° ano de minhas atividades como historiador e em especial como historiador militar e historiador da nossa querida mãe profissional - a AMAN - atinja os objetivos que inspiraram a sua produção e publicação pela AHIMTB. Em plaqueta de minha autoria **Memórias de minhas atividades como historiador e em especial como historiador do Exército** (vide foto 13 no álbum ao final) relaciono os livros e artigos que produzi e, dentre eles, o resultado de minhas obras relacionadas com a Academia Militar das Agulhas Negras.

Cel Cláudio Moreira Bento Presidente e fundador da AHIMTB

A ACADEMIA REAL MILITAR E SUA EVOLUÇÃO ATÉ A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS 1944-2010

(Artigo do autor comemorativo do Bicentenário da vinda da familiar real para o Brasil em 1808 e divulgado em diversas publicações e sites)

A Casa do Trem (1792-1810)

O Príncipe Regente D. João, decorridos quase dois anos depois de sua chegada ao Brasil, criou a Academia Real Militar, destinada à formação de oficiais do Exército de Portugal para todo o Reino.

Ela foi instalada na Casa do Trem, atual local do Museu Histórico Nacional, onde vinha funcionando a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, fundada em 17 de dezembro de 1792, aniversário da Rainha D. Maria I, A Piedosa, pelo Vice-Rei Conde de Resende, sob a égide do Príncipe Regente D. João. O Conde de Resende foi quem criou a atual cidade e município de Resende em 1801, cidade que levou o seu nome e onde juntas convivem a AMAN e a cidade de Resende desde 1944.

Real Academia Militar até então destinada a formar para a Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros militares e civis, consagrando-se historicamente como o Berço do Ensino Militar Acadêmico nas Américas e do Ensino Superior Civil no Brasil, pois a Academia Militar de West Point só foi criada pelo Congresso dos EUA em 1802, 10 anos depois da nossa Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho.

(Ilustração omitida - vide foto 14 no álbum ao final)

Legenda: A Academia Real Militar foi criada por D. João, por Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810 e instalada na Casa do Trem em 23 de abril de 1811, aproveitando a

estrutura de Ensino da Real Academia que ali funcionara a partir de 1792 .

De 1812 a 1858, a Real Academia Militar funcionou no Largo de São Francisco, local hoje considerado o Santuário da Engenharia Civil e Militar do Brasil.

Dirigiu-a por largo período, desde a Casa do Trem, o Ten Gen Augusto Napion, atual patrono do Serviço de Material Bélico do Exército.

No Largo de São Francisco (Largo Real da Sé Nova) ela funcionou como Academia Militar da Corte de 1832/38 e Escola Militar de 1839/58.

Nesta Academia estudaram os oficiais que lutaram nas guerras da Independência (1822/24), na Guerra Cisplatina (1825/27), na Guerra contra Oribe e Rosas (1851/52), na Guerra contra Aguirre (1864) e na Guerra do Paraguai (1865/70).

E entre eles os patronos no Exército: Duque de Caxias – Patrono do Exército; Marechal Emílio Luiz Mallet – Patrono da Artilharia e Ten Cel João Carlos Villagran Cabrita – Patrono da Arma de Engenharia. Esta, arma centenária em 2008, foi criada pelo General Hermes Ernesto da Fonseca no contexto da centenária e grande Reforma do Exército que ele promoveu em 1908, na qual foram criadas as Brigadas Estratégicas, as raízes históricas de muitas Grandes Unidades que comemoraram em 2008 os 100 anos, sem esquecer o centenário dos velhos fuzis Mauser 1908, que tão assinalados serviços prestaram à Defesa Nacional.

(lustração omitida - vide foto 15 do Largo do São Francisco no álbum ao final)

Legenda da ilustração omitida: Academia Real Militar transferida em 1812 da Casa do Trem, onde se instalou inicialmente, aproveitando a estrutura da Real Academia Militar criada pelo vice-rei Conde de Resende sob a égide do Príncipe Regente D. João em 17 Dez 1792 e destinada a formar oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e engenheiros civis e militares para o Brasil Colônia.

Foi professor de Fortificações e Mecânica naquela escola o Visconde do Rio Branco, que foi Ministro da Guerra de 1858-

59. Segundo Mário Barata, "poucos edifícios são tão queridos no Rio quanto ele", que foi o primeiro, segundo Paulo Pardal "a ser construído especialmente para abrigar uma Escola de Nível Superior".

Em 1939 o Marechal José Pessôa escreveu na **Revista da Escola Militar** do Realengo a História do Espadim de Caxias que havia sido instituído por proposta sua como arma privativa dos Cadetes do Exército.

E declarou que assim procederia para não acontecer o que havia acontecido com a Academia Real Militar que então apenas se sabe que existira.

E novos elementos foram sendo descobertos ou achados sobre a sua História. O falecido patrono de cadeira na AHI-MTB, General Francisco de Paula Azevedo Pondé, pesquisando, descobriu nas dependências do Largo de São Francisco os livros de Registros da Academia Real e divulgou várias matérias sobre o tema nos **Anais do Sesquicentenário da Independência**, publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Cedidos estes exemplares por empréstimo ao Arquivo Histórico do Exército, quando éramos seu Diretor, micro filmamos os mesmos e organizamos um Instrumento de Trabalho do Historiador com os nomes e alterações de todos os seus alunos.

Mais tarde, o professor Paulo Pardal resgatou grande parte da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, demonstrando que seu nome camuflava a sua finalidade maior, a de formar oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros militares e civis para a Colônia Brasil. Entre seus ex-alunos encontravam-se os pais de Duque de Caxias e de seu amigo Miguel Frias.

As matérias previstas no 1º ano Matemático da Academia Real Militar eram Aritmética, Álgebra (equações de 3º e 4º graus), Geometria, Trigonometria Retilínea e noções de Esférica e Desenho. Eram indicadas obras específicas dos seguintes autores franceses: Sylvestre François Lacroix (1765-1843) – Matemático; Adrien Marye La Gendre (1752-1834) – Geometria; Jean Baptista J. Delambre (1759-1808) – Astrônomo e o suíço Euler

Leonard (1707-1783) – Geômetra, conhecido por Eulero.

No 2º Ano Matemático da Academia Militar Real as matérias previstas eram Resoluções de Equações, Analítica, Cálculo Diferencial e Integral, Descritiva e Desenho.

A Carta de Lei indicava as obras específicas dos seguintes mestres franceses: Sylvestre François Lacroix (1765-1843), Matemático e Gaspar Monge (1746-1818), Geometria.

No 3º Ano Matemático da Academia Militar as matérias previstas eram Mecânica (Estática e Dinâmica); Hidráulica (Hidrodinâmica e Hidrostática); Balística e Desenho. Foram indicados os seguintes autores franceses e dois ingleses: Louis Benjamin Fracoeur (Mecânica); Gaspard Clair François M. Prony (1755-1839) — Hidráulica; Olinthus Gilbert Gregory (1774-1841) - Mecânica, (inglês); Jean Antoine Fabre (1749-1834) - Engenheiro; Adabe Charles Bossut (1730-1814) Matemático; Etienne Bezout (1730-1783) — Matemático; Benjamin Robins (1707-1751) - Matemático (inglês) e Leonard Euler (1707-1783) - Geômetra (conhecido como Eulero).

O 1º Ano Militar Academia Real Militar era atribuído a dois professores. O primeiro lecionava Tática, Estratégia, Castramentação (Arte de Acampar), Fortificação de Campanha e Reconhecimento de Terrenos. O segundo professor lecionava Química.

Para assuntos militares devia-se atentar no que de importante havia aparecido sobre a matéria e, em especial, nos escritos dos seguintes generais franceses:

Barão Simon François Gay de Vernon (1760-1822). Havia sido capitão de Engenheiros em 1790 e servido com distinção no Exército do Reno (1792-93). Como major-general no Exército do Norte ele fez aceitar o plano de campanha de que resultou as batalhas Honds, Choote e Menin e a libertação de Dunkerque. Integrou a direção da Escola Politécnica em 1798-1811. Fez a campanha de 1812 e dirigiu, em 1813, a defesa de Torgau. Era o autor de duas obras notáveis sobre Fortificações de Campanha.

O Conde de Cessac, Jean Girard Lacuée (1752-1841), capitão em 1785, integrou em 1789 o Comitê instituído pela

Assembléia Francesa para reorganizar o Exército da França. General de Brigada, em 1793, encarregado de organizar a defesa da Fronteira dos Pirineus. Dirigiu o Bureau de Guerra em 1795. Presidente de Secção de Guerra do Conselho de Estado em 1803. Ministro da Guerra em 1808, Inspetor Geral de Infantaria em 1814.

Curiosidade: D. João, obrigado por Napoleão a transferirse para o Brasil com a Família Real estruturou o ensino Matemático na Real Academia com base em cientistas franceses e o ensino militar em obras de dois generais franceses que se destacaram na formulação da Doutrina Militar da Revolução Francesa, que foi abordada pela Cadeira de História da Academia Militar e de forma sintética na obra: AMAN - **História da Doutrina Militar na Antiguidade à II GM**. Barra Mansa, Gazetilha. 1979 - p.79-83 (Vide foto 4 no álbum ao final).

O brasileiro General Inácio Abreu e Lima, que foi general de Bolívar, foi o único dos libertadores da América Espanhola que havia sido formado numa Academia Militar. Estudou nestas obras em 1815 e o futuro Duque de Caxias em 1819.

A ênfase dada à Engenharia na Real Academia e Academia Real demonstram que elas foram estabelecidas para, prioritariamente, construírem o Brasil, o que perdurou até a Revolução Industrial, que obrigou a um preparo mais sofisticado da Infantaria, Cavalaria e Artilharia para sobreviverem num campo de batalha coberto por grande intensidade de projéteis de armas leves e de Artilharia, forçando os Exércitos a procurarem proteção em fortificações e trincheiras.

(Vide foto 16 da AMAN no álbum ao final)

Legenda da foto omitida: Decreto nº 1718 de 17Jun1937. Considerou a Escola Militar, atual AMAN, como tendo por raiz histórica a Academia Real Militar. Esta raiz histórica foi oficializada por decreto Presidencial, mas não é a raiz histórica, a qual, em realidade, é a Real Academia de 1792, fundada pelo Conde de Resende, o criador do município de Resende em 20/09/1801. Real Academia Militar criada 10 anos antes do que a Academia de West Point, criada em 1802 pelo Congresso dos EUA.

A ACADEMIA REAL MILITAR DE 1810, SUA ANTECESSORA E SUCESSORAS 1792-2010 E SUAS SIGNIFICAÇÕES HISTÓRICAS

- A Casa do Trem (1792-c.1810)
- Largo de São Francisco (1812-1858)
- Escola Milifar da Praia Vermelha (1855-1904)
- Escola de Guerra (1906-1910) Porío Alegre-RS
- Escola Militar do Realengo (1912-1944)
- Academia Milifar das Agulhas Negras, desde 1944

Em 1938, o General José Pessôa escreveu na **Revista Agulhas Negras** artigo (já citado) contando a História do Espadim de Caxias "para que não viesse acontecer com a Academia Real Militar que apenas se sabia que havia existido". E foi com apoio neste pouco conhecimento que no Comando do Cel João Batista Mascarenhas de Morais que, por decreto do Presidente Getúlio Vargas, seu colega e amigo desde a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, a data de instalação da Academia Real Militar na Casa do Trem em 23 de abril de 1811 passou a ser considerado o dia do aniversário da Escola Militar do Realengo. (Vide foto 16 da Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo no álbum, ao final).

Mais tarde foi que ocorreu uma série de descobertas esclarecedoras pelo Gen Div Francisco de Azevedo Pondé, decorrentes da localização nos arquivos da Escola de Engenharia do Largo de São Francisco, na antiga sede da Academia Real Militar, de seus livros de registros, o que foi comunicado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sob o título "Academia Real Militar", nos Anais do Congresso da Independência do Brasil. Livro que como diretor do Arquivo Histórico do Exército (1985/90) mandamos micro-filmar, dele colhendo dados do desempenho acadêmico de seus ex-alunos.

Em 1974 o historiador Paulo Pardal aprofundou o estudo da Real Academia de Fortificação e Desenho, publicando livro a respeito sob o título *Real Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho,* que desvendou seus segredos e demonstrou, em que pese seu nome, ela foi criada para formar oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e engenheiros militares e civis para o Brasil Colônia. Academia que foi a pioneira nas Américas do Ensino Militar Acadêmico e pioneira no Brasil do ensino acadêmico civil. E mais, a Academia Real foi criada com apoio na estrutura da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, desenvolvida durante cerca de 18 anos de atividade, e agora não mais para formar oficiais para o Brasil Colônia, mas para todo o Reino de Portugal com sua sede no Brasil.

Estas conclusões e outras as transmitimos em nosso Álbum Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil, patrocinado pela FHE-POUPEx e lançado no Clube do Exército, sendo apresentado pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves em cuja administração a AMAN foi ampliada (Vide foto 11 ao final no álbum de Escolas de Formação de Oficiais).

E divulgamos estas conclusões em nosso discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, intitulado *História da Academia Militar das Agulhas Negra,* publicado em sua revista de jul/set 1982. E nas seguintes publicações sobre a História da AMAN:

- 1994 Academia Militar das Agulhas Negras Jubileu de ouro em Resende (Vide foto 8 no álbum ao final);
- Os 60 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende (Vide foto 10 álbum ao final);
- Resende História Militar (1774-2001) (Vide foto 9 no álbum ao final).

Obras de texto singelo, mas que relacionaram a extensa bibliografia sobre a História da AMAN, que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil preserva em sua sede administrativa em dependências externas da AMAN e que colecionamos desde 1978.

Em 2008, nos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil divulgamos, até onde nos foi possível, no contexto das comemorações e em especial no site da AHIMTB www.ahimtb. org as principais criações militares de D. João ao chegar no Brasil e, dentre elas, a Academia Real Militar, o Regimento de Cavalaria (atual Dragões da Independência em Brasília).

Além disso, a AHIMTB comemorou os 200 anos da chegada do Corpo de Fuzileiros Navais junto à comitiva da Família Real, em marcante e concorrida Sessão no Museu da Marinha do Brasil. Divulgou também a História da criação em seu Informativo **O Guararapes**, distribuído em Sessão da Academia na antiga sede da Academia Real Militar no Largo de São Francisco. E também na Sociedade de ex-alunos da Escola Politécnica, com sede naquele prédio histórico, empossando como acadêmico um dos historiadores da Engenharia Brasileira, que foi iniciada na Escola da Casa do Trem e continuada no Largo de São Francisco, por longo tempo formadora de engenheiros militares e civis.

A seguir, uma visão da significação histórica destas escolas de formação de Oficiais do Exército no Brasil durante 218 anos, dos quais 200 anos a partir da instalação da Academia Real Militar em 23 de abril de 1811 e considerada, por decreto presidencial, raiz histórica da AMAN e hoje também sua denominação histórica.

A Casa do Trem (1792-c.1810)

A Pioneira do Ensino Militar Acadêmico nas Américas e do Ensino Acadêmico em Geral no Brasil

Esta Casa foi mandada erigir em 1762 pelo Gen Gomes Freire de Andrada, Capitão-General do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (1733-63). Ela destinou-se a abrigar o Material Bé-

lico do Exército então Demarcador do Tratado de Madrid de 1750 o qual, sob o direto comando de Gomes Freire, atuara na longa Campanha do Sul (1751-59), em cujo contexto ocorreu a Guerra Guaranítica (1754-56). Guerra que culminou com a expulsão dos jesuítas e índios dos Sete Povos das Missões, com a ajuda de um exército de Espanha. É provável que o projeto tenha sido do Cel Fernandes Pinto de Alpoym, o comandante da Artilharia do Exército Demarcador (citado) e Engenheiro-Mór na Colônia.

A reconstituição da Casa do Trem se baseou no Panorama do Rio de Janeiro elaborado, cerca de 1762, pelo Cel Miguel Ângelo Blasco, Quartel-Mestre do Exército Demarcador da citada Campanha. O original do Panorama encontrava-se na Diretoria do Patrimônio do Exército, em Brasília, e o levamos para o Arquivo Histórico do Exército, quando o dirigimos de 1985-91. Existem cópias no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na 5ª Divisão de Levantamento, no Morro da Conceição, e no Arsenal de Guerra, no Caju, entre outras.

Na Casa do Trem, em 17 de dezembro de 1792, aniversário de D. Maria e sob a égide do Príncipe Regente D. João foi instalada, pelo Vice-Rei Conde de Resende, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho (1792-1810) destinada, segundo seus Estatutos "à formação de oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros" no Brasil Colônia.

Foi esta Real Academia que apoiou, com sua estrutura de ensino, a instalação, em 23 de abril de 1811, na Casa do Trem, da Academia Real Militar, criada por Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810, pelo Príncipe Regente D. João e destinada à formação de oficiais do Brasil e das demais partes do Reino de Portugal.

A Casa do Trem é a pioneira no ensino acadêmico militar nas Américas. Data de 1792, dez anos antes da instalação da Academia de West Point (1802) pelo Congresso dos EUA, e destinada a formar oficiais das quatro armas do Exército de então. É, também, pioneira do ensino acadêmico no Brasil. A Academia Real de Guardas-Marinha (1782 em Portugal) só chegou ao Brasil em 1808, 16 anos depois da instalação da Real Academia (1792).

Na Casa do Trem, segundo a Congregação da Escola de Engenharia da UFRJ, teve lugar, em 17 de dezembro de 1792, o início

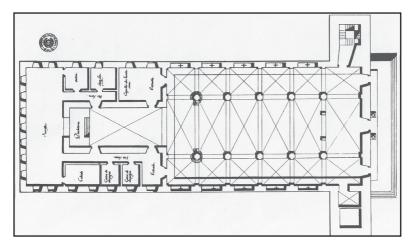
do ensino formal de Engenharia Civil no Brasil. Antes de se tornar Academia Militar, a Casa do Trem serviu de berço à indústria pesada no Brasil e atendeu a atividades industriais civis.

Naquele local foi, ainda como Arsenal de Guerra, velado o corpo do legendário herói guerreiro Mal Manoel Luis Osório, Patrono da Cavalaria, após falecer em 4 de outubro de 1879, como Ministro da Guerra. Seu corpo permaneceu longo tempo na capela da ilha do Bom Jesus, hoje em ruínas, e contígua ao extinto Asilo de Inválidos da Pátria. Dali foi removido o corpo para o seu monumento na Praça XV, sob a guarda da Cidade do Rio de Janeiro. Hoje se encontra, desde 1993, em Tramandaí, no Parque Histórico Marechal Manoel Luis Osório. Osório é personagem que abordamos em nosso livro **General Osório - o maior herói e líder brasileiro**. Resende: AHIMTB/IHTRGS/Graf Drumond, 2008 (Vide foto 17 no álbum ao final).

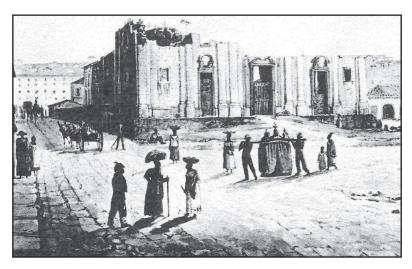
A Casa do Trem, remodelada, íntegra, desde 1922, o conjunto que forma o Museu Histórico Nacional. O futuro Regente do Império, Mal Francisco de Lima e Silva, pai do Duque de Caxias, estudou de 1796-97 na Nova Academia de Aritmética, Geometria Prática, Fortificação e Desenho e Língua Francesa, desmembrada temporariamente da Real Academia.

Nova Academia que foi frequentada por oficiais de "Infantaria, de Cavalaria, de Fortalezas, de Milícias e de Ordenanças" do Rio de Janeiro, a qual teve como primeiro Diretor o filho de Goiás, Mal Francisco Xavier Curado, herói da Integridade e da Independência, primeiro oficial brasileiro a atingir o generalato no Brasil-Colônia e de atuação militar decisiva no feliz desfecho do Dia do Fico, fato histórico que concorreu significativamente para a Proclamação da Independência do Brasil.

O Museu Histórico Nacional até hoje mantém prédio semelhante no local onde existiu a primitiva Casa do Trem, que também serviu, entre 1762-92, de quartel para a Companhia de Cavalaria do Vice-Rei. Esta unidade militar participou da Guerra de Restauração do atual Rio Grande do Sul (1774-79) que esteve durante 13 anos sob domínio parcial dos espanhóis. Nesta unidade, serviu o Alferes Joaquim José da Silva Xavier - O Tiradentes - hoje Patrono Cívico do Brasil.



Planta baixa da projetada Catedral da Sé Nova onde a Academia Real Militar iniciou as atividades em 1812, na já construída sacristia, até o término da construção do prédio da Real Academia Militar, aproveitando-se os alicerces do que havia sido concluído da Nova Catedral do Rio de Janeiro (Fonte: BARATA, Mário. Escola Politécnica do Largo do São Francisco. Berço da Engenharia Brasileira. Original pertencente ao Arquivo Histórico Ultramarino-Lisboa).



Aquarela de Ender em 1817, cujo original encontra-se na Academie der Bildenden Kunste de Viena. (Foto: BARATA, Mário. Escola Politécnica do Largo de São Francisco - Berço da Engenharia Brasileira. Mário Barata a obteve de Marcos Ferrez). A Academia Real Militar ali se instalou em 1812, ao fundo, nas instalações já cobertas da não concluída Catedral da Sé Nova, que Ender focalizou acima em 1817, 5 anos depois da Real Academia haver se instalado ao fundo desta construção.

LARGO DE SÃO FRANCISCO (1812-1858)

(Largo Real da Sé Nova) Santuário da Engenharia Civil e Militar do Brasil

Sob a direção do atual Patrono do Serviço de Material Bélico do Exército, Ten Gen Carlos Antônio Napion, primeiro dirigente da Academia Real Militar, desde a Casa do Trem, a Academia Real aí instalou-se em 1812.

Neste edifício teve lugar a formação dos oficiais do Exército até 1858, com as academias: Real Militar (1812-31); Militar da Corte (1832-38) e Escola Militar (1839-58). Em 1832 foi Academia Imperial Militar (Exército e Marinha). De 1859-74, como Escola Central do Exército, complementou a formação de oficiais da Praia Vermelha. No Largo de São Francisco estudaram oficiais que lutaram nas guerras: da Independência (1822-24); contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70). Ali estudaram o Marechal de Exército Luís Alves de Lima e Silva (1819-22), o Duque de Caxias. Patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil: o Marechal de Exército Emílio Luiz Mallet (1823-25), Patrono da Artilharia; o Ten Cel João Carlos Vilagran Cabrita (1840-47), Patrono da Engenharia, e o Mal Carlos Machado Bittencourt (1859-61), Patrono da Intendência. Aí também estudaram os ex-Presidentes Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, respectivamente, o Proclamador e o Consolidador da República, bem como o General Francisco de Abreu e Lima (1812-16), o brasileiro que foi general de Bolívar e, ainda, o Brigadeiro José Mariano de Mattos (1819-26), Ministro da Guerra da República Rio-Grandense (1836-44) e do Império em 1864, além de Vice-Presidente daquela República, a qual presidiu por largo período, no impedimento do líder Bento Goncalves da Silva.

Como Escola Central do Exército (1858-74) passou a formar engenheiros civis, encargo transferido à Escola Politécnica (1875-1936), continuado pela Escola Nacional de Engenharia

(1936-65) e pela de Engenharia da UFRJ até os anos 70.

Cursaram a Politécnica, entre muitos, o Gen Lyra Tavares, falecido membro da Academia Brasileira de Letras, e Patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Alte Álvaro Alberto, que presidiu a Academia Brasileira de Ciências por duas vezes neste local e criou os Institutos de Matemática Pura e Aplicada, o Nacional de Pesquisas da Amazônia e o Brasileiro de Bibliografia e Documentação, além de delineador da estratégia nuclear brasileira.

Ali pontificou (1841-79), como aluno, mestre e diretor, o Visconde de Rio Branco, Ministro da Guerra (1858-9, 1871 e 1872-3). Ele lecionou inclusive Artilharia, Fortificações e Mecânica na Escola Militar. Naquela escola aconteceram realizações pioneiras: a transmissão por telégrafo, a iluminação a gás em 1851 e a elétrica em 1856. Ligou-se intimamente ao velho casarão o Dr. Paulo de Frontin – Patrono da Engenharia Civil no Brasil.

Para Mário Barata, "poucos edifícios são tão queridos dos habitantes do Rio quanto ele". Para Paulo Pardal "foi o primeiro construído no Brasil, especialmente para abrigar uma escola de nível superior". Já abrigou o 1º Curso de Engenharia Industrial do Brasil, a Escola Técnica do Exército, atual IME, e a 1ª Reunião da hoje Caixa Econômica Federal. A fachada neoclássica, de autoria de Bezerat, datada de 1826, passou a admitir civis em 22 de outubro de 1823.

Foi neste prédio, no espaço transformado em Sala do Trono, ainda existente no centro do segundo pavimento do primeiro sobrado, com janelas para o pátio, que também se comemorou o cinquentenário da Independência do Brasil (1872), quando se inaugurou a estátua de José Bonifácio. Estavam presentes o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz, o Conde D'Eu e a Princesa Izabel, os descendentes dos Andradas, o Corpo Diplomático e demais autoridades. Os estudantes da Escola aclamaram o Imperador na Sala do Trono, aos gritos de – *Viva o rei cidadão! Viva o Imperador!* Motivo: D. Pedro II pagou a libertação do único escravo que trabalhara no monumento a José Bonifácio.

O Largo de São Francisco foi mandado abrir de 1733-63 pelo General Gomes Freire de Andrada, com nome de Largo da Sé, para abrigar a nova catedral do Rio de Janeiro. As obras foram paralisadas em 1752 com a partida de Gomes Freire para o Rio Grande do Sul, como comandante do Exército Demarcador do Tratado de Madrid no Rio Grande do Sul. E lá enfrentou a Guerra Guaranítica 1752-56 que abordamos na **História da 3ª Região Militar 1808-1989 e Antecedentes**. Porto Alegre: SENAI/3ª RM,1994 (Vide foto 18 no álbum ao final).

Retornando, Gomes Freire deu continuidade às obras, que foram paralisadas com a sua morte em 1763. Aquarela do pintor austríaco Thomas Ender publicada neste trabalho, mostra as obras da catedral paralisadas, com as paredes à meia altura e peças avulsas de cantaria espalhadas em sua volta. Por Decreto de 23 de janeiro de 1811, ficou determinado de que a sede da Academia Real Militar seria no Largo de São Francisco, devendo ser aproveitadas as obras da projetada e inacabada catedral do Rio de Janeiro. O prédio destinado a sediar a Academia Real Militar foi iniciado em 1811, segundo projeto do Brigadeiro João Manuel da Silva. Inicialmente era de dois andares e ao longo dos anos foi sofrendo acréscimos e alterações. Hoje nele funciona o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e na sua entrada (à direita) possui sua sede a Associação de ex-alunos da Escola Politécnica onde, em conferência, a AHIMTB empossou como seu acadêmico, na cadeira Pedro Calmon, o historiador da Engenharia no Brasil, Engº Pedro Carlos da Silva Telles e assistiu palestra ilustrada do Engenheiro Cézar Drucker, detalhando as obras de D. João VI no Rio de Janeiro.

O nosso apreciado amigo e confrade no IHGB e ex-soldado do Forte de Copacabana Mário Barata, em seu precioso livro **Escola Politécnica do Largo de São Francisco - Berço da Engenharia Brasileira** apresenta cópia em preto e branco da Aquarela de Thomas Ender com o que restou da construção inacabada da projetada Catedral do Rio de Janeiro, paralisada desde 1763, e em cujo fundo construído, iniciou as atividades na Academia Real Militar, a qual terminou de ser construída gradativamente, durante o seu funcionamento.

E publicou também, no citado livro, a planta baixa do projeto da Catedral e as modificações decorrentes para a construção da Academia na sua planta baixa, bem como a iconografia da evolução do prédio, construído especialmente para servir de Escola Militar, da mesma forma que o edifício da AMAN, inaugurado em 1944.

ESCOLA MILITAR DA PRAIA VERMELHA (1855-1904)

O Celeiro de Bravos Tenentes e Capitães da Guerra do Paraguai e dos Artífices da Reforma Militar (1889-1945)

(Vide foto 19 no álbum ao final)

Como Escola Militar de Aplicação (1855-59), Militar (1860-80), Militar da Corte (1881-88) e Militar da Capital Federal (1889-1904), aí foram formados oficiais do Exército (1859-1904) e se destacou como comandante o Brigadeiro Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão. A caleça (carro) que usava para chegar à Escola, foi usada pelo Cel José Pessôa para chegar à Escola no Realengo (1931-34). Ela se constitui, também, em elo simbólico da Escola Militar (Império-República).

Na Praia Vermelha estudaram tenentes e capitães que lutaram na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70). Entre eles, Floriano Peixoto, herói do Batalhão de Engenheiros em Tuiutí, e o intrépido cearense Ten Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, que saiu da escola afirmando que voltaria da guerra do Paraguai como coronel ou não voltaria. Voltou, como o maior líder de combate, ao nível batalhão. Hoje está imortalizado na Praça Mal Tibúrcio, na Praia Vermelha, graças, em parte, ao registro de seus feitos por seu companheiro Dionísio Cerqueira, hoje patrono de Cadeira na AHIMTB, o qual foi à guerra como alferes e voltou como seu cronista ao escrever o livro clássico **Reminiscências da Guerra do Paraguai.**

Ali também estudaram os marechais João Nepomuceno Medeiros Mallet, Ministro da Guerra de 1898-1902; e Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra e Presidente da República (1906-14). E também os marechais Caetano de Farias, Chefe do EME e Ministro da Guerra (1910-18); Alberto Cardoso de Aguiar, Ministro da Guerra (1919); o Mal Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, e Estevão Leitão de Carvalho, chefe de grande projeção na modernização do Exército.

Leitão de Carvalho foi autor de **Memórias de um chefe legalista**, obra que denunciou os perigosos desvios doutrinários do ensino na Praia Vermelha, os quais culminaram com o seu fechamento e extinção em 1904. A relação segue com Cândido Mariano Rondon, Patrono das Comunicações do Exército e do Brasil e da Delegacia da AHIMTB nas Missões, em Santo Ângelo, RS e Augusto Tasso Fragoso, de assinalada contribuição à Reforma Militar (1898-1932), particularmente como Chefe do EME, onde se consagrou como o Pai da História do Exército.

A doutrina positivista introduzida na Escola Militar terminou por desviá-la da finalidade de preparar oficiais aptos à defesa interna e externa no Brasil. A Guerra Civil no Sul, a Revolta na Armada no período 1893-95 e a Guerra de Canudos em 1897 demonstraram, na prática, este desvio. A Revolta da Vacina Obrigatória, em 1904, na Praia Vermelha, foi a gota d'água, que culminou com seu fechamento e a adoção do Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar. Foi extinto o título de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e o posto de Alferes. Este foi substituído pelo de Aspirante a Oficial.

A Escola Militar da Praia Vermelha, através de seus corpos docente e discente, teve assinalada projeção nas campanhas cívicas que culminaram com a Abolição e a República.

Sua primeira fase (1855-73), foi essencialmente profissionalmilitar e, de 1872 a 1904, bacharelesca, em função do Regulamento de Ensino de 1874, potencializado pelo Regulamento de Ensino de 1890, baixado pelo Ministro da Guerra Ten Cel Prof. Benjamin Constant, que aprofundou a separação dos oficiais bacharéis dos profissionais militares, estes tratados como tarimbeiros.

ESCOLA DE GUERRA PORTO ALEGRE-RS (1906-1911)

A Encruzilhada da Profissionalização Militar do Exército Brasileiro e Celeiro dos Consolidadores da Reforma Militar

(Vide foto 20 no álbum ao final)

Em Porto Alegre foi implantado o Regulamento 1905, inflexão do ensino no Exército, de bacharelismo para profissionalismo militar. O bacharelismo militar, distorção da filosofia positivista, provocou o despreparo do Exército no período 1893-97, para enfrentar a Guerra Civil, a Revolta na Armada e mais a Revolta de Canudos, quando revelou o mais baixo índice de operacionalidade de sua História.

O **Regulamento de 1905**, ato do Ministro Argolo, filho de veterano da Guerra do Paraguai, traduziu aspirações de outros filhos de veteranos deste conflito, que foram sendo Ministros nesses tempos: Machado Bittencourt, Medeiros Mallet, Hermes da Fonseca e mesmo os veteranos Caetano de Faria e Bento Monteiro.

O prédio abrigou as escolas: Militar da Província do RGS (1883-88), Militar de Porto Alegre (1889-97), de Guerra (1906-10) e mais o CMPA (1913-39) e a EPPA (1939-61). Interrompeu entre 1898 e 1905 para funcionar como Escola Preparatória e de Tática em Rio Pardo (Vide foto 16 no álbum ao final).

A Escola de Guerra foi o celeiro de chefes que lideraram e consolidaram a Reforma Militar (1930-45). Dalí saiu aspirante o Presidente Dutra, que foi Ministro (1937-45) de ação administrativa marcante. Inspirado no Mal Foch ele restabeleceu na AMAN o equilíbrio entre a cultura geral e a profissional "a toda hora levada a cada um dos perigosos extremos por um ou outro chefe".

Foram seus contemporâneos os marechais César Obino, criador da ESG, Pantaleão Pessôa, Valentim Benício, reorgani-

zador da BIBLIEx, inclusive transformando-a em editora, e Raul Silveira de Mello, historiador militar da Fronteira Oeste.

Em 1909, dalí saiu aspirante o Mal José Pessôa, idealizador da AMAN e modernizador da formação de oficiais, com filosofia que persiste até hoje. Em 1911, alí formou-se Mário Travassos, o primeiro comandante da AMAN (1944). Cursaram a Escola de Guerra em Porto Alegre J. B. Magalhães, pensador militar dos mais fecundos, e Paula Cidade, idealizador da **Revista dos Militares** de Porto Alegre (1910-12), e que levou para a Escola de Guerra no Realengo (1911-12), "os objetivos de profissionalização do Exército sonhados por seus companheiros".

Paula Cidade foi o intérprete da evolução do pensamento militar terrestre brasileiro em **Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira** e introdutor, no Realengo e na ECEME, da Geografia Militar, com **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**. Esforço dentro do ideal de nacionalização da Doutrina Brasileira, expressado por Caxias em 1863.

Em Porto Alegre formou-se, em 1910, Pedro Aurélio de Góes Monteiro, chefe militar da Revolução de 30, ideólogo da Segurança Nacional e do fortalecimento político do Exército.

A Escola de Guerra forneceu 8/12 dos oficiais que combateram no Exército da França na 1ª GM: Onofre Lima, José Pessôa, Cristóvão Barcelos, Andrade Neves, Octávio Aché, Eubank Câmara e mais os pilotos Alzir Lima e Mário Barbedo, pioneiros da Aviação do Exército.

À Missão Indígena da Escola do Realengo (1919-22) forneceu 7/15 dos instrutores iniciais: Newton Cavalcanti, Dermeval Peixoto, Barbosa Leite, Paquet, Orozimbo, Bentes Monteiro e Sérgio Ari Pires.

À fundação de **A Defesa Nacional** forneceu 2/13 dos oficiais: Paula Cidade e Maciel da Costa. A amostragem comprova a grande contribuição da Escola de Guerra de Porto Alegre à profissionalização do Exército, iniciada sob o estímulo da Reforma do Mal Hermes (1908).

Antes do Casarão, a Escola serviu ao Ensino Militar de 1851 a 83, com interrupção (1865-73) pela Guerra do Paraguai, funcionando no local (hoje) do guartel do 1º BPM da sesquicen-

tenária Brigada Militar do RS na Praia de Belas. Alí funcionaram as escolas: Militar de Porto Alegre (1851-57); Militar Preparatória (1858-66); Militar Auxiliar (1860-62); Preparatória (1863-64) (Interrupção) e o Curso de Infantaria e Cavalaria da Província (1874-76) e, finalmente, a Escola Militar da Província, transferida para este prédio em 1883. O prédio, iniciado em 1872 para Quartel, foi apropriado para Escola Militar em 1880, pelo Ministro Mal Câmara e concluído em 1887, ano em que este chefe presidiu, no Rio, a cerimônia de fundação do centenário Clube Militar.

O Casarão da Redenção, ou da Várzea, é o recordista em serviços contínuos ao ensino militar. Daí o fato de se constituir numa espécie de Santuário do Ensino do Exército, História que resgatamos na obra **História do Casarão da Várzea 1885-2008** em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. (Vide foto 21 no álbum ao final)

ESCOLA MILITAR DO REALENGO (1912-1944) (EMR)

O Motor da Reforma Militar

(Vide foto 22 no álbum ao final)

De 1912 a 44 teve lugar, no Realengo, a formação de oficiais do Exército. Seu retorno ao Rio ocorreu na Presidência do Mal Hermes da Fonseca. Ele evitara, como comandante da Escola Preparatória e Tática do Realengo (1898-1905), que ela tomasse parte na Revolta da Vacina Obrigatória (14 de novembro de 1904), à qual aderiu a Escola da Praia Vermelha.

A partir de 1904 tiveram grande projeção na profissionalização do Exército os, mais tarde, Mal Hermes (citado), como Ministro da Guerra e Presidente da República (1906-14), o Mal Caetano de Faria, como Chefe do EME e Ministro da Guerra (1910-18), e o Mal Bento Ribeiro, ex-comandante no Realengo da Escola de Aplicação de Artilharia e Engenharia (1906-12).

Caetano de Farias, que debelara a Revolta da Praia Vermelha, em 1904, criou o **Boletim Mensal do EM***E* (1911) e estimulou a criação de **A Defesa Nacional** e do **Anuário da Escola Militar**, em 1913, valiosos suportes da corrente do pensamento militar terrestre brasileiro, restaurada. Esta responsável, em grande parte, pelo grande salto em índices de operacionalidade do Exército em Canudos, aos alcançados pela FEB, na Itália. Corrente reforçada com a criação do Arquivo do Exército (1934), do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (1936) e a reorganização da Bibliex (1937). Tudo visando, a partir de 1930, em última análise, a formulação da Estratégia e Tática do Exército, com apoio na análise militar crítica da História e Geografia Militar da América do Sul, onde as Forças Terrestres do Brasil acumularam, em quase cinco séculos, valioso patrimônio cultural, traduzido em lutas internas e externas vitoriosas.

Lutas em grande parte responsáveis pela configuração, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Corrente, desde o final da última guerra, ameaçada de extinção progressiva pela não renovação de escritores do Exército, em que pesem os incentivos da Lei de Promoções, mas sem o conveniente suporte editorial.

Subordinada ao EME, a Escola (de 1913 a 22) viveu período áureo. Lá funcionou a Missão Indígena, integrada por 17 oficiais selecionados em concurso, sob a influência doutrinária de oficiais com o Curso no Exército Alemão (1910-12), exercida diretamente ou, através de **A Defesa Nacional**, a qual fundaram em 1913.

Este grupo realizou uma revolução nos padrões de ensino da EMR e muitos de seus alunos vieram a ter grande influência na vida brasileira até data recente. A EMR passou período crítico de 1922-30, quando muitos alunos e instrutores foram atingidos por punições, em decorrência da adesão à Revolução de 22, liderada pelos 18 do Forte de Copacabana e motivada pela prisão do Mal Hermes em 1922, em local incompatível com a sua condição hierárquica, sendo ex-Ministro da Guerra, ex-Presidente do Clube Militar e ex-Presidente da República.

Depois da Revolução de 30, sob a influência de dois dos excombatentes enviados pelo Brasil para a Europa para combaterem a disposição dos Aliados na 1ª GM, a formação de oficiais foi

revolucionada e seus benéficos efeitos perduram até hoje. Foram eles o Ministro Leite de Castro e o Cel José Pessôa. Este, como comandante da EMR (1930-34), restabeleceu o título de cadete, introduziu os uniformes históricos e o Espadim de Caxias, cópia fiel em escala, da invicta espada de Campanha de Caxias, hoje no IHGB. Criou o Corpo de Cadetes com respectivo Estandarte e idealizou a transferência do Realengo, para Academia Militar das Agulhas Negras que projetou e viu concretizado em 1944, como o maior sonho de sua vida.

São egressos da EMR os oficiais que elevaram bem alto o nome do Exército representado pela FEB na Itália, à exceção de seu comandante, o Mal Mascarenhas de Morais. São egressos do Realengo do período (1919-37) os ex-presidentes marechais Castelo Branco e Costa e Silva e generais Geisel, Médici e João Figueiredo.

As últimas gerações do Realengo, no Exército, transferiram o bastão de comando da Instituição para os egressos da AMAN, em Resende. Realengo foi o motor da Reforma Militar pela ação conjunta dos chefes idealistas e escritores militares que produziu. Foi grande preservador da memória do ensino do Exército, de 1792-1813, o Ten Cel Dr. Alfredo do Nascimento e Silva com o trabalho "Histórico das sedes da Escola Militar" publicado no Anuário da Escola Militar, 1913-14.

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS desde 1944

A mais antiga Academia Militar das Américas

(Vide foto 22 no álbum ao final)

Neste local, em Resende desde 1944, tem lugar a formação de oficiais do Exército, sendo que de 1944 a 51 como Escola Militar de Resende.

Cidade criada pelo Vice-Rei, Conde de Resende, foi instalada, em 29 de setembro de 1801. A AMAN instalou-se em

Resende no ano do bicentenário do Vice-Rei que instalou em 1792, na Casa do Trem, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho "destinada a formar oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros".

Real Academia pioneira do ensino acadêmico militar nas Américas e acadêmico em geral no Brasil. Real Academia que, em verdade, é a raiz histórica da AMAN, que assim a torna, historicamente, a mais antiga Academia Militar das Américas, seguida de perto por West Point, criada pelo Congresso dos EUA somente em 1802. Comprovar a afirmação é obra de verificação histórica.

É sabido hoje que a Academia Real instalou-se na Casa do Trem, em 1811, aproveitando a estrutura e instalações da Real Academia que alí funcionara (1792-1810). A AMAN foi idealizada pelo Mal José Pessôa que, ao vê-la construída em 1944, realizou o maior sonho de sua vida.

A pedra fundamental da AMAN foi lançada pelo Presidente Getúlio Vargas em 23 de junho de 1938, aniversário da morte do Mal Floriano, no distrito junto a Resende, hoje denominado Floriano.

O autor do projeto básico, executado com modificações pelo Gen Luiz Sá Affonseca, foi o arquiteto Raul Penna Firme. A inauguração da AMAN ocorreu em 1º de março de 1944, no 74º aniversário do término da Guerra do Paraguai e quando o Brasil aprestava a FEB para lutar na Itália. Seu primeiro comandante foi o Cel Mário Travassos que, como assistente do Cel José Pessôa, o ajudou, em 1932, a escolher o local da AMAN e a justificá-lo do ponto de vista geopolítico, como grande autoridade que foi nesta matéria.

Extinta a Escola de Realengo em 31 de dezembro de 1944, a AMAN passou a formar os oficiais. Assim, em 11 de agosto de 1944, realizou a primeira declaração de aspirantes, os quais muitos já atingiram o último posto da hierarquia e assumiram postos de Comando e Administração ao nível de Alto Comando.

Em 24 de dezembro de 1945, a AMAN declarou como aspirantes a primeira turma formada integralmente por ela. De-

les, Sinval Senra Martins, de Intendência, foi o primeiro a atingir o generalato e Ramiro Monteiro de Castro, o primeiro oficial formado integralmente na AMAN, a comandá-la (1981-83).

As instalações da AMAN foram ampliadas para abrigar maior número de cadetes. Ela superou, em 15 de janeiro de 1990, o recorde anterior de sua permanência de 45 anos, 10 meses e 14 dias no Largo de São Francisco.

Hoje, todo o Exército está sob o comando de seus excadetes. O projeto da AMAN levou em conta o que de mais moderno existia em instalações acadêmicas militares no mundo e foi assim definido: "Arquitetura sóbria neoclássica, apropriada ao espírito de transição moderno. Mantém equilíbrio de tendências arquitetônicas sem ferir a tradição e deixar de tirar proveito dos predicados progressistas da atualidade e procurando também atender às condições técnicas compatíveis com as construções de grande vulto".

Até agora, do plano diretor idealizado pelo Mal José Pessôa, faltou o Pantheon de Caxias que ele previu no atual Campo de Marte "onde repousarão os restos mortais do grande brasileiro" A Comissão Construtora da AMAN assim referiu:

"O Pantheon de Caxias – repositório sagrado dos restos mortais do inolvidável Mal Duque de Caxias, será muito em breve maravilhosa realidade e, sem dúvida, o fecho de ouro de toda esta série de magníficas construções da Escola Militar".

Parece que o destino reserva que este fecho de ouro seja colocado na AMAN por um chefe dela egresso. Academia que, em realidade, possui raiz histórica na Real Academia do Conde de Resende de 1792 e, também criador de Resende em 1801, onde feliz e estranha coincidência, desde 1944 ela possui sua sede.

Em 7 de maio de 1980 a AMAN abrigou a cerimônia oficial principal evocativa do centenário da morte do Duque de Caxias, na Fazenda Santa Mônica, em Valença. Cerimônia de alto sentido cívico-castrense, foi imortalizada pela **Revista da AMAN**-1980, na qual publicamos o artigo ilustrado "Condecorações do Duque de Caxias" (Vide foto 23 do autor com a Espada de Caxias no IHGB no álbum ao final).

A AMPLIAÇÃO DA AMAN EM 1988 NO PROJETO FT-90

Em 27 de fevereiro de 1988, dentro do Projeto Força Terrestre 1990 (FT-90), foi inaugurada a duplicação do Novo Conjunto Principal da AMAN pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Gen Leônidas Pires Gonçalves, com placa comemorativa da ampliação e colocada na entrada principal do Novo Conjunto Principal, que assim definiu o expressivo melhoramento, nas palavras do Ministro:

"Preservando suas históricas tradições, a Academia Militar das Agulhas Negras amplia sua estrutura física, para possibilitar o engrandecimento da estrutura anímica e profissional do oficial brasileiro, que há de enfrentar os desafios impostos ao Exército que se prepara para o século XXI.

AMAN, 27 de fevereiro de 1988.

Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves, Ministro do Exército".

Em discurso que pronunciou na ocasião assim referiu-se, em certo trecho, o Ministro Leônidas:

"A inauguração da ampliação da AMAN insere-se no contexto das transformações imprescindíveis e inadiáveis consubstanciadas no projeto Força Terrestre 1990 (FT-90), o qual visa modernizar o Exército de modo a transformá-lo numa força terrestre, que em 1990, esteja por sua vez, apta a incorporar inovações estratégicas, táticas e tecnológicas, que tornem uma Força adequada às necessidades, riscos e imposições do ano 2000".

A implantação da massa da ampliação foi realizada nos anos 1986-87 sob o comando do General Délio de Assis Monteiro e tiveram curso com o General Tamoyo Pereira das Neves.

O projeto da ampliação da Academia foi assim con-

cebido:

"As obras já existentes não deveriam confundirse com as novas, nem serem as existentes apequenadas pelas novas. Dever-se-ia preservar o antigo e construir-se o novo como tal, porém, procurando-se criativamente soluções arquitetônicas, em escala e estilo harmônico, de modo que no final, todo o conjunto mantivesse a beleza e a funcionalidade do projeto original".

E isto, não resta a menor dúvida, foi conseguido pelos projetistas sob a orientação do Coronel Luiz Augusto Cavalcante Moniz de Aragão, chefe da CEO/1 da 1ª RM, que instalou seu escritório, em Resende, no local hoje ocupado pela sede Administrativa da AHIMTB, que a dividiu para acolher escritório avançado da Delegacia da FHE-POUPEX no interior da AMAN e pela Casa do Cadete Laranjeira do 4º Ano.

A terraplanagem para implantar o Novo Conjunto teve início em 15 de junho de 1986 e movimentou 850.000 m³ de terra para implantar os 46.000 m² do Novo Conjunto, que praticamente duplicou o antigo. O seu amplo pátio recebeu o nome de Pátio Marechal José Pessôa, onde são realizadas as mais importantes cerimônias da AMAN.

Atualmente, o pátio foi denominado Marechal Mascarenhas de Moraes, e o antigo, que levava o seu nome, voltou a chamar-se Tenente Moura, o seu nome original. E o Marechal José Pessôa, passou a denominar a Biblioteca no Conjunto Principal, por ele idealizada e sonhada, que é usada como Salão Nobre e Museu da AMAN, e denominada inicialmente Cel Prof. Rocha Santos, o qual chefiou por longos anos a Cadeira de Física.

A denominação da nova Biblioteca do Novo Conjunto seria Marechal Mário Travassos, conforme pretendia o Gen Carlos de Meira Mattos, ex-comandante da AMAN, herói da FEB, acadêmico emérito da AHIMTB e hoje Patrono de cadeira especial, inaugurada pelo acadêmico

Cel Hiram Freitas Câmara.

Meira Mattos me declarou, em vida, que proporia aquela denominação à nova Biblioteca considerando que Travassos foi o 1º Cmt da AMAN e seu instalador, e consagrado geopolítico como ele, e que até hoje não possuía nenhuma homenagem na AMAN. E como Travassos, em vida, esteve sempre ligado com o Marechal José Pessôa ao Projeto AMAN, permaneceriam assim unidos pelo corredor/museu que une as duas bibliotecas. Mas Meira Mattos faleceu antes de propor a sua ideia.

Foi lavrada artística Ata da inauguração da ampliação sob a denominação de - Ata da Entrega das Obras de Ampliação da AMAN - que foi assinada pelas autoridades presentes, com a mesma caneta de ouro com a qual o então Coronel José Pessôa assinara a Ata de Criação do Corpo de Cadetes, em 25 de agosto de 1931.

A Revista da ACIAR (n° 7/1986) publicou ampla reportagem de Roseane Taucei, focalizando a ampliação da AMAN sob o título: "AMAN - uma cidade de 12.000 habitantes".

O Moderno Polígono de Tiro da AMAN foi inaugurado em 5 de maio de 1989, o monumental Teatro em 3 de março de 1990 e o conjunto de Piscinas que, em 1944, era considerado o mais moderno da América do Sul, foi modernizado com um complexo de células solares para aquecimento da água.

Na Revista ACIAR (citada), Frederico de Carvalho publicou artigo "Profecia de um general sobre o turismo em Resende", no qual reproduziu entrevista dada pelo Coronel José Pessôa, em 1931, que se fixara em Resende para sediar a Escola Militar, na qual ressaltava as possibilidades de Resende para o Turismo. Testemunhou José Pessôa ao repórter carioca:

"Resende está situada em região privilegiada, com excelente clima, abundância de água, presença do rio

Paraíba, sem endemias, meio social modesto, mas bem constituído, variedade topográfica (planície e montanha) e facilidades de comunicações e localizada entre as duas capitais principais do Brasil, Rio e São Paulo, os dois pólos da civilização nacional, e servida pela Central do Brasil... Sobre o seu clima uma comissão de médicos a alcunhou de Suíça Brasileira... Nem mesmo lhe falta um símbolo, as Agulhas Negras no Itatiaia..."

Quando era Ministro do Exército o Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves, fomos Diretor do Arquivo do Exército (1985-90), a sua denominação foi mudada por nossa proposta e apoio do Secretário do Exército Gen Ex Jonas de Morais Correia Neto, hoje acadêmico emérito da AHIMTB, para Arquivo Histórico do Exército. E nele procuramos desenvolver o que hoje é definido como objetivo atual nº 1 do Exército, para cuja conquista em colaboração com o Exército a AHIMTB trabalha febrilmente há 14 anos:

"Preservar, Pesquisar, Cultuar e Divulgar a História, as Tradições e os Valores morais e culturais e históricos do Exército".

Entre as iniciativas deste tempo foi a comemoração dos centenários de generais de nosso Exército, época que coincidiu com os centenários dos generais Eurico Gaspar Dutra, Aurélio Góes Monteiro, José Pessôa Cavalcanti de Albuquerque e outros, que frequentaram a Escola de Guerra de Porto Alegre. Foi uma ideia que copiamos do Serviço de Documentação da Marinha. E sempre consultando experientes chefes e, também, escritores militares hoje patronos de cadeira na AHIMTB, os generais Aurélio de Lyra Tavares, Jonas Correia, Francisco de Paula Azevedo Pondé e mais o General Edmundo de Macedo Soares, patrono da Delegacia que leva o seu nome em Volta Redonda, onde ele construiu a Companhia Siderúrgica Nacional.

E o Arquivo do Exército, então mero fornecedor de certidões, o transformamos em Arquivo da Doutrina do

Exército, conforme reflete histórica Placa de Bronze colocada na parte externa do Gabinete do Diretor do Arquivo Histórico, que por muitos anos foi o Gabinete do Chefe do EME.

No contexto do Projeto FT-90, o Arquivo trabalhou muito para tornar o Museu do Forte de Copacabana realidade, ao presidir Comissão constituída de destacadas e reconhecidas autoridades civis em Museologia e elaborar relatório sobre a organização do museu, hoje uma realidade. Relatório que foi entregue ao 1° comandante do Museu no Forte de Copacabana.

Por oportuno, no contexto do Projeto FT/90, destaco a criação da Aviação do Exército, constituída de aeronaves de asa móvel, os helicópteros, lembrando que ao frequentarmos a ECEME (1967/69) um colega de Cavalaria insistia em suas intervenções na ideia de nosso Exército possuir helicópteros. E tal a sua insistência que vez por outra seus amigos, como brincadeira, colocavam miniaturas de helicópteros em seu escaninho (armário onde a Divisão de Alunos colocava material escolar para os alunos).

Outro grande avanço foi a introdução do levantamento de cartas cartográficas por satélites pelo Serviço Geográfico do Exército.

E mais, o desenvolvimento da Doutrina de Guerra Eletrônica num centro em Brasília destinado ao assunto (CIGE), onde atuou o falecido acadêmico Cel Com Humberto Correia que inaugurou cadeira Especial da AHIMTB - Eletrônica Militar do Exército, vaga no momento, e que passará a denominar-se Cel Humberto Correia. E de igual modo a cadeira Especial Historiadora Militar Brasileira, inaugurada pela Major Elza Cansanção Medeiros, passará a ter o seu nome. Enfim o Projeto FT 90 deu um bom impulso na modernização do Exército e inclusive na sua História, Tradições e Valores.

E hoje a AHIMTB sonha com o desenvolvimento da História Militar Crítica Institucional e Operacional, para ser colocada a serviço da formação dos seus quadros em Arte da Guerra, e subsidiar a formulação de uma Doutrina Brasileira genuína, calcada no precioso patrimônio cultural acumulado em cinco séculos de lutas externas predominantemente vitoriosas, e em grande parte responsáveis pelas dimensões continentais do Brasil. O que não é obra de um milagre, e assim concretizar os sonhos do Duque de Caxias e dos Marechais Floriano Peixoto e Humberto Castelo Branco. Também, em especial, da Guerra de Resistência no Nordeste, Sul e Amazônia com Pedro Teixeira no Baixo Amazonas, General Cabralzinho no Amapá e Plácido de Castro no Acre. E incorporando os ensinamentos colhidos pelo Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), classificado em reportagem da TV Globo como o melhor do mundo.

O PRIMEIRO DIRIGENTE, INSTALADOR E ORIENTADOR DA ACADEMIA REAL MILITAR EM 1811

O Tenente-general **Carlos Antônio Napion**, talentoso e renomado químico, metalurgista e mineralogista e autor de livros sobre estes assuntos, é considerado o primeiro comandante e Presidente de Junta Militar Diretora da Academia Real Militar, criada pelo Príncipe Regente D. João em 1810, quando ela foi instalada provisoriamente na Casa do Trem, em 23 de abril de 1811. O Ten General Napion foi consagrado, pelo Decreto de 12 de Agosto de 1966, Patrono do Quadro de Material Bélico.

Isto em razão de haver, de 1808-14, implantado e implementado, entre nós, a infraestrutura militar de Material Bélico, essencial à sustentação militar da Soberania, Integridade, Unidade e Independência brasileira, colocadas sob

sérias ameaças nos primeiros passos do Brasil, como nação independente. Infraestrutura igualmente de grande projeção no desenvolvimento do Brasil.

Como Inspetor Geral da Real Junta da Fazenda dos Arsenais, Fábricas e Fundições, criou a Fábrica de Pólvora no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, depois transferida para Estrela e mais o Arsenal Rio de Janeiro. Ambas, raízes históricas de toda a infraestrutura de Material Bélico e com assinalados serviços prestados, em mais de 150 anos, às armas brasileiras em seus confrontos externos e internos.

Napion foi também o Diretor de Ensino da Academia Real Militar, montada na Casa do Trem em 1811, onde funcionara por largo período, desde 1792, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho que estava, conforme seu regulamento, formando oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros, tornando-se assim, o mais antigo estabelecimento militar acadêmico das Américas e, em realidade, a raiz histórica da AMAN.

Coube-lhe então montar o currículo da Academia Real, em atendimento aos seguintes objetivos do Príncipe D. João:

"Assegurar a formação de oficiais para responder às necessidades de Defesa e Segurança de meus vastos domínios, além de oficiais engenheiros para responderem às necessidades de desenvolvimento de meu Reino e habilitados a dirigir assuntos relativos a 'Minas e Caminhos, Portos, Canais, Pontes, Fontes e Calçadas".

Além disto, Napion foi fiscal da Fábrica de Ferro de Ipanema, teve destacada atuação no apoio à Expedição de Caiena, em 1809 e, na infraestrutura de apoio em Material Bélico, à campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental (1811-12) e na melhoria do poder defensivo das fortalezas que protegiam o Rio de Janeiro.

Napion nasceu em Turim – Itália, em 30 Out 1756. Pertenceu às Academias de Ciências de Turim e Lisboa. Lutou contra Napoleão na campanha de 1793-95, quando foi promovido a major por atos heróicos. Foi contratado como tenente-coronel por Portugal em 1800. Em 1807 era Diretor

do Arsenal de Guerra de Portugal. Morreu no Rio de Janeiro em 27 Jun 1814, aos 58 anos, depois de 6 anos de intenso, profícuo e estafante labor. Dizem que morreu de excesso de trabalho. E isto sabendo que Napoleão, o invasor e conquistador de seu berço natal – Turim, abdicara e estava prisioneiro na Ilha de Elba.

Até hoje se desconhece gravura ou pintura que represente o tenente-general Napion. É possível que algo seja encontrado nas Academias de Ciências de Turim ou Lisboa. Mesmo que nada seja encontrado, mais do que a memória de seu semblante, vale a memória de seu gesto de devoção e de desprendimento em prol da segurança do Brasil, para a qual sacrificou a sua saúde e deu o melhor de sua vida: o saber, além de constituir-se em exemplo de sublimação das Virtudes Militares de Devotamento e Desprendimento.

O ENGENHEIRO CONSTRUTOR DA ACADEMIA REAL MILITAR NO LARGO DE SÃO FRANCISCO

Foi o Ten Gen graduado Engenheiro Militar João Manuel da Silva, então promovido a brigadeiro em 29 de junho de 1810, tendo sido nomeado, ainda como coronel, desde 26 de outubro de 1808. A partir de 1809 foi encarregado de organizar no Brasil o Arquivo Militar da Corte e a Inspetoria do Corpo de Engenheiros, e nomeado Diretor do Arquivo Militar, repartição esta que reunia os engenheiros militares de Portugal no Brasil, plantas de edificações, mapas e cartas topográficas terrestres e marítimas.

Repartição que foi confundida como raiz histórica do Arquivo Histórico do Exército, criado em 1937, pelo Ministro da Guerra General Aurélio de Góes Monteiro, o que foi negado pelos historiadores, hoje acadêmicos eméritos da AHIMTB, Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares e Gen Div Engenheiro Fran-

cisco de Paula Azevedo Pondé, conforme consta no Histórico do Arquivo do Exército que elaboramos como seu Diretor.

A ligação do Arquivo Histórico do Exército com o Arquivo Militar passou a existir quando conseguimos incorporar àquele as plantas de construções militares e cartas topográficas históricas, que um dia, foram reunidas pelo Arquivo Militar e absorvidas pelo Arquivo Histórico Militar, provenientes em parte do Serviço Geográfico do Exército (cartas topográficas históricas) e da Diretoria de Obras de Cooperação (DOC). Conseguimos suas transferências para o Centro de Documentação do Exército e de onde, parte como duplicatas, conseguimos suas transferências para o Arquivo Histórico do Exército.

O Brigadeiro João Manuel da Silva nasceu em Portugal e veio para o Brasil com a Família Real no posto de major. Aqui foi promovido a tenente-coronel em 19 de maio de 1808, a coronel graduado em 26 de outubro de 1808, a brigadeiro em 24 de junho de 1810, a marechal de campo graduado em 17 de dezembro de 1815, a marechal de campo efetivo em 06 de fevereiro de 1818 e a Tenente-General graduado em 13 de maio de 1819.

Em maio de 1813 era o engenheiro militar de maior patente no Rio de Janeiro, sendo assim incumbido de importantes missões.

Como Tenente-General graduado, depois de 13 anos de relevantes serviços como engenheiro militar na construção da infraestrutura do Reino no Brasil, foi nomeado em 6 de março de 1821, Governador e Capitão-General de Moçambique.

Foi seu homônimo, nascido no Brasil, o notável Engenheiro João Manuel da Silva, possivelmente seu neto, nascido no Rio de Janeiro em 21 de março de 1840, e que foi membro do Instituto Politécnico, vice-presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, engenheiro do Distrito da Inspetoria Geral de Obras Públicas, da Comissão da Carta Geral do Império do Brasil e Chefe da Triangulação do Município da Corte.

OS PRIMEIROS 73 ALUNOS DA ACADEMIA REAL EM 1810

(Contribuição do Acadêmico Israel Blajberg)

73 primeiros alunos matriculados na Academia Real em 1810, por n°.

nº	Nome	Posto	Arma	Idade	Natural
1	Conde da Ponte	Capitão de Cavalaria da Corte	CAV	15	Lisboa
2	Luiz Antônio de Abreu e Lima (1)	Sargento Mor		25/26	Viana do MIinho
3	Manoel Francisco de Souza Passos			36	Valença do Minho
4	José Maria Pinto Peixoto	Capitão Esquadrão do Reino de Angola	CAV	22/23	Lisboa
5	José Paulo dos Santos	1º Tenente de Artilharia de Costa	CAV	33	Rio de Janeiro
6	Francisco Salazar Moscozo	1º Tenente de Artilharia de Costa	CAV	21	Vila de Oeiras
7	Luiz Manoel da Silva Menezes	2º Tenente Real Corpo de Engenheiros	ENG	32/33	Rio de Janeiro
8	Luiz Manoel de Abreu e Seabra	2º Tenente Real Corpo de Engenheiros	ENG	26	Rio de Janeiro
9	José Manoel de Souza	2º Tenente da Brigada Real da Marinha	MAR	20/21	Lisboa
10	Manoel da Fonseca Lima e Silva	Alferes 1º Regimento de Infantaria de Linha	INF	18	Rio de Janeiro
11	Carlos Martins Panna	Alferes 1º Regimento de Infantaria de Linha	INF	20	Minas Gerais

nº	Nome	Posto	Arma	Idade	Natural
12	Luiz Alberto Duarte e Albuquerque	Alferes dos Dragões de Mato Grosso	CAV	34	Vila do Paracatu do Principe
13	Luiz Carlos de Souza	Alferes de Cavalaria da Legião da Bahia	CAV	36	Vila Rica (Capital de MG)
14	Jozé Januário de Souza Osório	Alferes de Cavalaria da Legião da Bahia	CAV	32	Vila Rica – MG
15	Luiz de Vasconce- los Parede e Souza	Alferes de Cavalaria da Legião da Bahia	CAV	27	Vila Rica (Capital MG)
16	Francisco Pedro Limpo de Abreu	Alferes do 2º Reg de Inf de Linha	INF	17	Lisboa
17	Manoel Antônio Bittencourt	Alferes 1° Reg Inf de Linha de Pernambuco	INF	28	Ilha Gra- ciosa
18	João Garcez d'Almeida Trant	Cadete Porta-Estandarte Reg Cav de M G	CAV	25	Serro Feio
19	José Maria da Silva Bittencourt	Cadete do Reg Art Costa	CAV	16	Rio de Janeiro
20	João Carlos Pardal	Cadete do Reg Art Costa	CAV	18	Lisboa
21	Manoel Ignácio da Silva	Cadete do Reg Art Costa	CAV	15	Rio de Janeiro
22	Antônio Sampaio d'Almeida Mezzo	Cadete do 1º Reg Inf da Legião de Cav	INF	18	Rio de Janeiro
23	Domingos Alves de Abreu Picaluga	Cadete do 1º Reg Cav Ex	CAV	20	Cidade do Porto
24	Luiz Lopes Villas Boas	Capitão do Reg Art. da Bahia	CAV	20	Bahia
25	Joaquim Claudino de Souza Brandão	Cadete do Reg Cav de Minas Gerais	CAV	43	Vila D'Aurora
26	Manoel Pereira de Araújo Barreto	Cadete do Reg Cav de MG	CAV	25	Vilal da Barra
27	Ignácio Luiz Sodré	Cadete do Reg Art Costa	CAV	20	

n ^o	Nome	Posto	Arma	Idade	Natural
28	Manoel de Mello e Castro	Cadete do Reg de Inf de Linha da Costa	INF	18	Rio de Janeiro
29	Gaspar Menezes de Vasconcellos Drumond	Cadete do 2º Reg Inf de Linha da Corte	INF	18	Rio de Janeiro
30	Theodoro de Macedo Sodré	Cadete do Reg Art Costa	CAV	19	Freguesia de Jacarep- aguá
31	Elias Rodrigues da Silva	Sargento Cia Bombeiros Reg Art Costa	CAV	25	Rio de Janeiro
32	Joaquim José de Faria	Cabo do Esquadrão do Reg Cav de MG	CAV	27	Vila Rica
33	João Firmino Rangel (1)			22	Lisboa
34	Alfredo Furtado de Mendonça (2)	Sargento-Mor do Reg Cav	CAV	24	Lisboa
35	Thomé Joaquim de Almeida Ramos	Cad Porta-Band Reg 1° Linha da Corte	INF	22	
36	Conrado Jacob de Niemayer (3)	Tenente Engenheiro	ENG	23	Lisboa
37	Luiz Manoel Avelino da Fonseca Costa	Cadete 1° Reg Inf de Linha da Corte	INF		Rio de Janeiro.
38	José Joaquim Vieira Souto	1º Reg Cav do Exército	CAV	24	Rio de Janeiro
39	João José de Almei- da Ramos	Cad Porta-Band do 1º Reg Inf de Linha	INF	18	Rio Grande do Sul
40	José Maria de Carvalho França	Cadete do Reg Art Costa	CAV	22	Vila da Ilha Grande
41	João Rodrigues de Bulhões	Sargento do Reg Art Costa	CAV	19	Rio de Janeiro

nº	Nome	Posto	Arma	Idade	Natural
42	Ângelo Felix Pam- phili	Paisano		32	Milão
43	José da Costa Valle	Cabo Reg Cav de Minas Gerais	CAV		Belém
44	Francisco José dos Reis Alpoim	Paisano		19	Rio de Janeiro
45	Joaquim Henrique do Amorim	Cadete do 3º Reg de Inf de Linha	INF	18	Rio de Janeiro
46	André de Andrade Braga	Furriel do Reg Art Costa	CAV	25	Minas Gerais
47	José Joaquim de Mesquita	Paisano		17	Lisboa
48	Joaquim Telles de Almeida Castro	Sargento da Brigada Real da Marinha	MAR	27	Lisboa
49	Antônio Manoel Antunes	Cabo de Esquadra do Reg Art Costa	CAV	21	Lisboa
50	José Nunes Nóbrega	Paisano		23	Vila da Ilha Grande
51	Antônio José Leal	Sargento do Reg Art Costa	CAV	33	Vila do Santo Terço
52	Antônio Rodrigues da Costa	Sargento do Reg Art Costa	CAV	32	
53	Francisco Manoel de Morais	Paisano		21	Rio de Janeiro
54	João Fructuoso de Brito	Sargento do Reg Art Costa	CAV	26	
55	Jozé Floriano de Oliveira	Furriel da Art Montada da Corte	CAV	26	Ilha Grande
56	Francisco Rodrigues Villarinho (4)	Paisano		28	São Se- bastião
57	Polidoro Henrique Moniz	Alferes do 1° Reg Inf Linha	INF	20	Rio de Janeiro
58	João Pedro da Silva Ferreira	1º Tenente da Brigada Real da Marinha	MAR	24	Lisboa

nº	Nome	Posto	Arma	Idade	Natural
59	Francisco Joze de Menezes Amorim	Alferes Agr 2°. Reg Inf de Linha da Corte	INF	19	Rio de Janeiro
60	Jozé Gervázio de Queiroz	Aspeçada 1º Reg de Inf de linha da Corte	INF	16	Ilha do Funchal
61	Ignácio Ferreira Souto Barreto	2º Tenente de Art da Bahia	CAV	25	
62	Jozé Guedes de Quinhones	2º Tenente do Reg Art Costa	CAV	20	
63	Francisco Cardoso Pereira de Mello	Soldado do Reg Art da Bahia	CAV	28	
64	Antonio Guedes Quinhones	2º Tenente do Reg Art da Corte	CAV	21	
65	Jozé Guimarães Freitas	2º Tenente do Reg Art da Corte	CAV	18	
66	Jozé Vasconcellos Menezes Drumond	2º Tenente do Reg Art da Corte	CAV	19	
67	Antônio Luiz Fer- reira de Menezes				
68	Antônio José da Silva Graduado	Capitão Graduado de Artilharia	CAV		
69	Manoel José de Oliveira	1º Tenente de Artilharia	CAV		
70	Firmino Herculano de Moraes Âncora (5)	1º Tenente de Artilharia de Costa	CAV	20	
71	Jozé Francisco da Sillva	Sargento do Reg Art de Costa	CAV	26	
72	Luiz d'Alencourt	1º Tenente de Art da Corte	CAV	24	
73	João Carlos de Andrade e Silva (6)	2º Tenente de Artilharia de Costa	CAV		

Notas: (1) Adido ao Exército; (2) Filho do Visconde de Barbacena; (3) Filho do Cap Eng Henrique de Niemeyer; (4) Bispado de São Paulo; (5) Admitido à matrícula do 2º ano, na

classe de voluntários; (6) Filho de Martiniano de Andrade e Silva.

Analisando estatisticamente o Corpo de Alunos sob diferentes recortes, como Posto, Arma, Idade e Naturalidade, observa-se que 59% dos alunos eram Cadetes, Alferes ou Tenentes, havendo apenas 8% de civis, 40% eram Artilheiros, 39% nascidos em Lisboa e Rio de Janeiro, e 55% tinham idades entre 18 e 25 anos.

Havia apenas um aluno com título de nobreza, o Capitão de Cavalaria da Corte Conde da Ponte, e apenas três voluntários, o próprio Conde da Ponte, o Sargento-Mor Luiz Antônio de Abreu e Lima, Adido ao Estado Maior do Exército e o 1º Tenente de Artilharia de Costa Firmino Herculano de Moraes Âncora, admitido à matrícula do 2º ano, na classe de voluntários.

Originários de Portugal e Colônias haviam 28 alunos, correspondendo a 38 %.

Analisando a distribuição por faixa etária, temos: de 15 a 17 anos, 6 alunos, ou 8%: 18 – 19 anos,13 alunos, ou 18%; 20 – 22 anos,15 alunos, ou 21%; 23 – 25 anos, 12 alunos, ou 16%; 26 – 28 anos,11 alunos, ou 15%; 32 – 36 anos, 9 alunos, ou 12%; acima de 36 anos, 1 aluno, ou 1%. Não constam as idades de seis alunos, ou 8%.

O aluno mais velho era o de n° 25 - Joaquim Claudino de Souza Brandão, Cadete do Reg Cav de Minas Gerais, 43 anos, natural de Vila D'Aurora.

Haviam dois alunos com 15 anos, os mais moços: n° 1 - Conde da Ponte, Capitão de Cavalaria da Corte, natural de Lisboa e n° 21 - Manoel Ignácio da Silva, Cadete do Reg Art de Costa, natural do Rio de Janeiro.

Quanto à distribuição por Armas: Infantaria, 14 alunos,19%; Cavalaria, 14 alunos,19%; Artilharia, 29 alunos, 40%; Engenharia, 3 alunos, 4%; Marinha, 3 alunos, 4%; Paisanos, 6 alunos, 8%, não constando a arma de 4 alunos, ou 5%.

A distribuição por postos e graduações era a seguinte: Soldado, 1 aluno, 1%; Cabo, 3 alunos, 4%; Anspeçada, 3 alunos, 4%; Sargento, 9 alunos, 13%; Cadete, 17 alunos, 23%; Alferes, 10 alunos, 14%; Tenente, 16 alunos, 22%; Capitão, 4 alunos, 5%; Paisano, 6 alunos, 8%, não constando o posto ou graduação de 4 alunos, 5%.

O Aluno mais antigo era o de n° 68 - Antonio José da Silva, Capitão Graduado de Artilharia, o mais moderno o nº 63 - Francisco Cardoso Pereira de Mello, Soldado do Reg Art da Bahia, 28 anos.

Dos brasileiros, naturais do Rio de Janeiro eram 19, ou 26%, Minas 6 alunos, ou 8%, 1 da Bahia e 1 do Rio Grande do Sul, 1% cada. Havia 1 aluno de Milão, não constando a naturalidade de 17 alunos, ou 23%.

(Colaboração do Acadêmico, 3º vice-presidente da AHIMTB e Delegado da sua Delegacia Marechal João Batista de Matos do Rio de Janeiro, o Ten R/2 Art Israel Blajberg Engº pela Escola Nacional de Engenharia, ainda no prédio da antiga Academia Real Militar (1812-58) e Vice-Diretor Técnico Cultural da Associação de Antigos Alunos da Politécnica.

TENENTE GENERAL JOSÉ MARIA PINTO PEIXOTO

Dos primeiros 73 alunos matriculados na Academia Real Militar o único a atingir o generalato foi o de nº 4, o Capitão José Maria Pinto Peixoto, nascido em Lisboa, filho do Desembargador Manoel Pinto Coelho.

Ingressou no Exército em 22 de abril de 1799 e atingiu o generalato em 22 de abril de 1822.

Serviu na Cavalaria em Goiás, em Angola e no Rio de Janeiro. Foi o governador das Armas de Minas Gerais em 1822. Como brigadeiro comandou o 1º Regimento de Cavalaria no Rio de Janeiro, o atual Dragões da Independência de Brasília.

Comandou a 1ª Brigada no Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1822, na Aclamação de D. Pedro como Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil. Reformou-se, a pedido, em 29 de agosto de 1828 como Marechal de Campo (atual General de Divisão), graduado.

Foi eleito deputado pela Província do Rio de Janeiro nas legislaturas de 1830 a 1833, e 1834 a 1837.

Em 7 de outubro de 1831 dominou a Revolta do Corpo de Artilharia da Marinha na Ilha das Cobras, no comando de uma coluna de Guardas Nacionais e Municipais e do Batalhão de Oficiais (Batalhão Sagrado), constituído de 400 oficiais da Guarnição do Rio de Janeiro que não se revoltaram, cujo subcomandante foi o Major Luis Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias

Em 22 de março de 1833 teve lugar em Ouro Preto outra sedição, a chamada Revolta dos Haussás e Nagôs, contra a Regência, sendo o Brigadeiro Pinto Peixoto o comandante das forças que ocuparam militarmente Ouro Preto, dominando esta localidade.

Por Decreto de 2 de dezembro de 1839 o governo melhorou sua reforma com o posto de Tenente-General graduado (atual General de Exército) com o soldo de Marechal de Campo. Em 1848 ele foi nomeado comandante superior da Guarda Nacional da Corte, cargo que exerceu até janeiro de 1849.

O Tenente General José Maria Brito Peixoto faleceu no Rio de Janeiro em 5 de maio de 1861, com cerca de 80 anos, sendo sepultado no cemitério de São Francisco Xavier.

O MAIS ILUSTRE ALUNO DA ACADEMIA REAL MILITAR

O Marechal-de-Exército **Luiz Alves de Lima e Silva,** o **Duque de Caxias**, foi consagrado, de direito, por Dec. 51.929 de 13 Mar 1962, como o Patrono do Exército Brasi-

leiro, onde ele se forjou e de cujo seio emergiu no cenário nacional, como um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

Caxias prestou à Pátria mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços, como político e administrador de contingência e, inigualados, como soldado de vocação e tradição à serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania brasileiras.

Ainda em vida e até nossos dias, o povo, a imprensa, chefes, escritores, pensadores e historiadores têm procurado definí-lo entre outros com os seguintes títulos:

"Filho querido da vitória; Pacificador; General invicto; Condestável, escora e espada do Império; A maior espada do Brasil; o Wellington Brasileiro; Duque de Ferro e da Vitória; o Escravo da Pátria; Nume ou Espírito Tutelar; Símbolo da Nacionalidade e, Maior Soldado do Brasil".

Por sua monumental obra pacificadora de quatro lutas internas e modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquicirí, na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70) figura, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Mundial.

Sua escolha como patrono deveu-se ao fato de haver vencido todas as seis campanhas que participou, das quais as campanhas internas pacificadoras da Balaiada, no Maranhão em 1841; de São Paulo e Minas Gerais, em 1842, e a Revolução Farroupilha de 1842-45. E as externas, as guerras contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Paraguai, além de haver dirigido o Exército, de forma fecunda e marcante, como Ministro da Guerra, por três períodos: 1855-58, 1861-62 e 1875-78, dos quais os dois últimos como Chefe de Estado, na qualidade de Presidente do Conselho de Ministros do Império.

Caxias possuía muito orgulho nativista de ser veterano condecorado da guerra da Independência na Bahia. Sonhava com uma Doutrina Militar genuína para o Exército Brasileiro. Sonho manifestado ao adaptar a Doutrina do Exército de Portugal ao nosso em 1863, com apoio na ex-

periência que havia colhido em cinco campanhas que até então havia vencido. Doutrina com a qual o Exército Brasileiro lutou e venceu no Paraguai.

Como Ministro da Guerra suas grandes realizações foram as construções da Escola Militar da Praia Vermelha e a do Quartel Central do Exército no Campo de Santana.

Como cidadão brasileiro seu ponto culminante foi pacificar a Família Brasileira, em Dom Pedrito, RS, em 1º de março de 1845, o que não só pôs fim à Revolução Farroupilha, como ao ciclo de lutas fratricidas que duraram quase 14 anos, iniciadas com sérios desencontros da Sociedade Brasileira, após a Abdicação de D. Pedro I.

Como líder de batalha seu grande feito estratégico foi a manobra de Flanco de Piquicirí, através do Chaco, onde correu um Risco Calculado, ao sacrificar o princípio de guerra da Segurança, em benefício do princípio da Surpresa, a qual obteve em nível estratégico, ao desembarcar na retaguarda profunda do exército adversário, em Santo Antônio, abreviando, muito, a duração do conflito e com isto poupando recursos de toda a ordem.

Como líder de combate seu grande momento foi em Itororó quando ao perceber que o Exército poderia ali ser detido, desembainhou a sua já invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, voltou-se decidido e convincente para o Exército detido e comandou com energia:

"Sigam-me os que foram brasileiros!"

Ato contínuo lançou-se sobre a ponte com o seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo, e arrastou eletrizado todo o Exército atrás de si, para, em seguida, colher expressiva vitória.

Caxias nasceu em 25 de Agosto de 1803 na Fazenda Taquaruçú, em Caxias-RJ, local hoje transformado em Parque Histórico Duque de Caxias.

Faleceu em 07 de março de 1870, na Fazenda de Santa Mônica, em Valença.

Segundo sua vontade, seu corpo foi transportado ao cemitério por soldados de bom comportamento, onde falou

em nome do Exército o Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, que assim procurou definir o grande morto:

"Só a maior concisão unida à maior singeleza é que poderá contar seus feitos. Não há pompas de linguagem, não há arroubos de eloquência capazes de fazer maior sua individualidade, cujo principal atributo foi a sua simplicidade, a grandeza".

O historiador Capistrano de Abreu escreveu então:

"Caxias dispensou as honras militares. Fez bem! As armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, teriam vergonha talvez de não terem podido libertá-lo da morte".

Os restos mortais de Caxias e de sua esposa encontram-se no Pantheon defronte ao Palácio Duque de Caxias e sua invicta espada de 6 campanhas, da qual os espadins dos cadetes do Exército são cópia fiel em escala, pertence ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi sócio.

Caxias sublimou as Virtudes Militares de Bravura, Coragem, Abnegação, Honra Militar, Devotamento e Solidariedade.

Não se pode esquecer o pioneirismo de Caxias em nossa Aeronáutica, ao mandar vir dos EUA balões cativos para proceder reconhecimentos das posições inimigas que se antepunham ao seu avanço de Tuiutí até a Fortaleza de Humaitá. Reconhecimentos aéreos eficazes que contribuíram para a conquista daquela poderosa fortaleza, objetivo militar aliado, em função de uma manobra de duplo envolvimento realizada pela Marinha, pelo rio Paraguai e pelo Exército, por terra.

O altar portátil usado por Caxias para assistir missas em campanha, como católico de fé robusta que era, encontra-se no Mosteiro de Santo Antônio, no Largo da Carioca. No centenário de sua morte comemorado pelo Exército na AMAN trouxemos o citado altar para nele ser rezada uma missa campal em sua intenção sobre um carro de combate.

A INTRODUÇÃO DA CADEIRA DE HISTÓRIA MILITAR NA ACADEMIA REAL MILITAR

(Transcrição da Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810, na qual o Príncipe Dom João há por bem se estabeleça na sua Corte do Rio de Janeiro uma Academia Real Militar).

TÍTULO SEGUNDO

Número dos professores, Ciências que devem ensinar e dos seus Substitutos

"Logo que possa formar-se uma Biblioteca Científica e Militar para esta Academia, haverá um lente de História Militar, que servirá de Bibliotecário; e que no oitavo ano explicará a História Militar de todos os povos, os progressos que na mesma fez cada Nação; e dando uma ideia dos maiores Generais Nacionais e Estrangeiros, explicará também os Planos das mais célebres Batalhas, o que acabará de formar os Alunos, e os porá no caso de poderem com grande distinção ser verdadeiramente úteis ao Meu Real Serviço, em qualquer aplicação, que Eu seja servido dar-lhes".

Introduzida a História Militar na Academia Real Militar e ali passaram a ser estudadas as campanhas de Frederico II - O Grande, rei da Prússia, que herdara de seu pai, o rei Frederico Guilherme, um bem instruído e disciplinado exército. Doutrina Militar de Frederico que consta do Livro **História da Doutrina Militar** (vide foto 4 no álbum ao final).

Frederico, o Grande, que ao assistir o professor de História Militar de seu filho assim o criticou:

"Não ensine História Militar a meu filho fazendo decorar como um papagaio e sim fazendo-o raciocinar e tirar conclusões para a sua formação em Arte Militar".

Era o apelo de Frederico, o Grande, para seu filho praticar História Militar Crítica e tirar conclusões de Arte Militar, e não História Descritiva sem nenhuma consequência prática em aprendizagem de Arte Militar, a Arte do Soldado.

História Militar Crítica realizada por profissionais militares com apoio em reconstituições históricas descritivas feitas por historiadores com suas técnicas especificas, com base em fontes históricas íntegras, autênticas e fidedignas, à semelhança dos militares que devem trabalhar com Informes "tipo A", para produzir informações confiáveis.

A Escola Superior de Guerra em seu **Manual Básico** abordava o que consistia a História Militar Crítica:

"O estudo crítico particularmente da História Militar de uma nação conduz a conclusões e ao levantamento de fatores capazes de influir na Expressão Militar, caminhos normais de penetração, erros e acertos, tradições e culto de heróis, reflexos na formulação da Doutrina Militar da nação, no moral e nas estruturas militares como fatores de influência sobre o Poder Militar. Estas tradições históricas e militares que cumpre cultuar e manter, não devem por outro lado, apresentar obstáculos intransponíveis à evolução e a tecnologia."

Em nosso manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército** alinhamos, no Capitulo 4, às p.4-1 a 4-30, os Fundamentos para a Pesquisa e Estudo Crítico da História Militar, capítulo que incluímos na História da Doutrina Militar (vide fotos 3 e 4 e no álbum ao final).

Quando Cursamos História Militar na AMAN, em 1954, a História Militar ainda era Descritiva e muito desenvolvida com apoio em livros-textos de autoria do Gen Cordolino de Azevedo que, em 1949, revelou os obstáculos que enfrentou, o que transcrevemos em modelo de Ficha de pesquisa na página 6-20 do nosso citado livro **Como estudar e pesquisar a História do Exército**. Isto, Cordolino fez depois de chefiar a cadeira de História Militar no Realengo e Escola Militar de Resende por 26 anos de 1923 a 1949.

E creio que aí residiu o desprestígio da História Militar, por ser Descritiva e não ensinar Arte Militar, e nem contribuir com subsídios para o desenvolvimento da Doutrina Militar

A partir de 1956, aos poucos, o estudo de História Militar Terrestre Crítica foi sendo introduzido na AMAN. Neste período, destaco a atuação como instrutor de História Militar Crítica, do

Cel Francisco Ruas Santos, veterano da Defesa Territorial e da FEB. Os instrutores, e não mais professores de História Militar, eram funções privativas de oficiais com Curso de Estado-Maior, ou seja, com dois cursos acima dos cadetes para mostrar-lhes gradativamente a relação do ensino de tática nos cursos, com os fundamentos da Arte Militar, em especial com os Princípios de Guerra e Manobra e seus Elementos. Por exemplo, mostrar que o **Ataque Principal** correspondia ao **Princípio de Guerra da Massa**, e assim por diante. E que as provas eram resultado de raciocínio e não de decorar. E isto revelava os futuros táticos, estrategistas e primeiros colocados de cada Turma. Meus cadetes alunos daquela época, entre eles, hoje, 15 generais da Ativa, da Turma de 1978, devem se recordar.

Ao chegar na AMAN em 1978 encontramos a Cadeira de História desenvolvendo muito bem o estudo de História Militar Crítica. e minha equipe se esforçou para melhorar ao produzir, com apoio do EME, livros textos (Vide fotos 4 e 5) em troca da realização de pesquisas de História para a Seção de História Militar do EME, interrompidas desde 1974 com a extinção da Comissão de História do Exército para dar lugar à criação de outra Seção no EME, imposta pelas circunstâncias, para melhor comunicação do Exército com seus públicos. Seção para formular estratégias para as 5ª Seções de Comunicação Social dos Exércitos, sendo que fui o primeiro chefe da 5ª Sec do então IV Exército no Recife, com apoio em Curso de Relações Públicas no DASP em 1969 e recebendo como uma das missões a coordenação do Projeto, Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, quando produzimos o nosso primeiro livro de História Militar Crítica com apoio nos Fundamentos da Arte Militar aprendidos na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Só a partir de 1977, com apoio na Diretriz 61 do EME para atividades do Exército no Campo da História intensificamos nossas pesquisas de História Militar Crítica do Exército, hoje estimuladas pelo Objetivo atual nº 1 do Exército, relacionado com sua História, Tradições e Valores e procurando o reconhecimento, pelo Exército, da necessidade e relevância do trabalho da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

O IDEALIZADOR DA AMAN E DE SUAS TRADIÇÕES





Comandante da Escola Militar do Realengo 1931/34, idealizou e lutou pelo projeto e implantação da Academia Militar das Agulhas Negras(AMAN) e criou, ainda no Realengo, as suas mais belas tradições: O Corpo de Cadetes (CC) e seu Estandarte, o título de Cadete e os seus Uniformes Históricos, o Espadim de Caxias e o Brasão da AMAN etc.

Ele é o patrono da cadeira 22 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil(AHIMTB), ocupada pelo acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira, bem como patrono da Delegacia da AHIMTB em Brasília- DF, a nossa nova capital, para cuja concretização ele concorreu expressivamente como Presidente da Comissão de Localização da Nova Capital em 1955/56 e por haver conseguido junto ao Governo de Goiás a oportuna desapropriação da área onde hoje se ergue a Capital Federal.

A condição de Patrono de Cadeira à qual o Marechal José Pessôa foi elevado nesta Academia de História Militar Terrestre do Brasil deve-se, dentre as múltiplas, variadas e notáveis projeções de sua imortal vida e obra de soldado brasileiro, às suas projeções como escritor e historiador militar e como criador de

nobres tradições militares consolidadas em nosso Exército e, em especial, as de nossa Academia Militar das Agulhas Negras, da qual ele foi idealizador e cuja concretização foi um compromisso assumido e resgatado pela Revolução de 30. Pessôa considerou essa obra a maior realização de sua utilíssima vida, conforme declarou ao passar o último dia de sua vida militar na AMAN.

As projeções de José Pessôa, como escritor, historiador e tradicionalista ou simbolista militar do nosso Exército, são pouco divulgadas ou enfatizadas, mas foram fundamentais e, diria, até essenciais para que o marechal comunicasse a públicos mais amplos as suas ideias e ideais e os mantivesse preservados à disposição, a qualquer tempo, da posteridade, através do seu pensamento escrito ou consagrado nas nobres tradições militares que criou em nosso Exército.

Muito do simbolismo das tradições militares que introduziu na AMAN teriam se perdido ou se turvado na letra fria dos regulamentos e da linguagem oficial castrense, se o marechal José Pessôa não tivesse imortalizado suas criações, bem como as motivações cívicas que presidiram suas criações em artigos na Imprensa.

E ele assim procedeu em toda a vida relativamente à AMAN e às suas tradições, bem como em outros campos de seu interesse: Escotismo, Pólo, Blindados, Chefes da Cavalaria Brasileira, Ensino Militar, Estradas Estratégicas, Geopolítica, Geografia Militar e finalmente a Nova Capital do Brasil. Assuntos sobre os quais a sua produção literária foi expressiva e, a maioria, de grande atualidade. E não se limitou à Imprensa Militar, tendo utilizado os jornais **O Globo** e o **Correio da Manhã**. Este, o seu predileto, além de expressar seu pensamento em Ordens do Dia nos diversos comandos que exerceu.

Umberto Peregrino, um grande diretor da BIBLIEx, também intérprete e testemunha da vida e obra do marechal José Pessôa e seu ex-ajudante de Ordens, em artigo "Dimensões do Marechal José Pessôa" na **Revista do Clube Militar – Especial 1980**, enfatizou o gosto do marechal pelas letras e o seu apreço à inteligência, ou melhor, possuir como auxiliares diretos, soldados notáveis e também escritores, historiadores, geógrafos militares e geopolíticos. No projeto da AMAN contou com o concurso do geógrafo militar e geopolítico Cap Mário Travassos, que viria a ser o primeiro comandante da AMAN. Como inspetor de Cavalaria teve como Ajudante de Ordens o Ten Nelson Wernerck Sodré, já crítico literário de o **Estado de São Paulo**, antes de suas vinculações ideológicas com o Marxismo, fatos bem conhecidos.

Foi substituído por Umberto Peregrino, escritor e historiador de vocação que, à frente da BIBLIEx, estimulou o surgimento de novas vocações de escritores militares, por convidar a estes a produzir livros, os quais ele editava. Outro auxiliar que se consagrou na vida cultural foi o então tenente Manuel Cavalcanti Proença.

Segundo Umberto Peregrino, diariamente o marechal José Pessôa escrevia (à noite) sobre assuntos de serviço ou problemas nacionais, entregando pela manhã os seus manuscritos para que seu Aj O os "copy-deskasse" e os submetesse à sua aprovação antes do destino final.

O General Umberto Peregrino foi consagrado patrono em vida da AHIMTB.

O Historiador Militar Marechal José Pessôa

O seu primeiro livro como historiador militar teve como título: **Os tanks na guerra européia, 1914-18**. (Rio de Janeiro: Cia Albuquerque Neves, 1922). História do uso de carros de combate, assunto que cursara na França e também porque combatera, durante a 1ª GM, em unidade francesa de Cavalaria que possuía carros de combate. Ele seria pioneiro no Brasil no assunto Blindados. Com este livro ele divulgou no Brasil a introdução da nova e poderosa arma de guerra, o carro de combate, que surgira na Batalha do Somme em 1916.

Na Revista da Escola Militar, atual Revista Agulhas Negras, publicação que ele estimulou e a dotou de verba especial, reconhecendo sua importância, ele publicou:

- A pedra fundamental da Escola Militar das Agulhas Negras (nº Especial, 1938).
 - História do Espadim de Caxias, do Brasão das Armas, do

Corpo de Cadetes e dos Uniformes Históricos da Escola Militar" (nº 42, nov. 1939). Neste trabalho, traduz os simbolismos que presidiram as tradições que introduziu na Escola Militar do Realengo.

- Pantheon de Caxias- Regresso das cinzas do Duque da Vitória à sua terra natal.
- Projeto da Capela monumental em Resende para abrigar os restos mortais de Caxias e ideias sobre as solenidades de translado" (nº 45. out. 1940).
- Projeto de uma Escola de Cavalaria em Pirassununga (nº45, out. 1940). Em seu lugar lá foi construída a Academia da Força Aérea, em 1986, ano de seu centenário de nascimento. E era comandada por seu filho, de mesmo nome. Construída sobre enorme área que ele havia conseguido para sua Escola de Cavalaria. Aliás, ele pensava longe e grande! O Clube Militar e Sociedade Hípica da Lagoa devem em muito à sua visão, no que se refere às suas atuais sedes, por ele conseguidas, para não falarse na imensa área da AMAN e da área onde se ergueu Brasília, cuja desapropriação ele conseguiu com o Governador de Goiás, em razão de não ter conseguido com o Presidente Café Filho.
- Chefes da Cavalaria. (Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1941). Foi o seu 2º livro. Ele abrangeu o levantamento dos principais chefes da Cavalaria Brasileira, incluindo iconografia, a qual traduziu numa série de quadros que há muito ornamentam o Curso de Cavalaria da AMAN. Galeria a qual enriquecemos com pintura existente na Biblioteca da AMAN, que foi substituída pelo original que conseguimos trazer do Arquivo Nacional, no centenário da morte do General Osório na AMAN, comemoração que reconstituímos em nosso **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro** (vide foto 17 do álbum ao final).

Na Revista do Clube Militar

-Vitória dos Montes Guararapes (nº 94, 1949, p. 18), onde focaliza a epopéia dos Guararapes, que consagrou seu conterrâneo André Vidal de Negreiros, cujos restos mortais se encontram na Igreja do Parque Nacional dos Guararapes, para onde foram

trasladados pelo então General João Batista Mascarenhas de Morais quando comandava a Defesa Territorial do Nordeste na 2ª Guerra Mundial, antes de assumir o comando da FEB.

-A Pedra Fundamental da atual AMAN (nº 271, 1938), Pedra fundamental que descobrimos em 1978, estando completamente deteriorada a sua caixa de metal e seu conteúdo, por ter sido atingida por um lençol d'água. Antes da ampliação da AMAN, o local onde a encontramos foi balizada por um marco de cimento na forma de um esplendor.

Na Revista Nação Armada

- -"Grandes chefes da Cavalaria" (n° 12, novembro de 1940).
- -"Os tanks na guerra européia o triunfo da moto mecanização". (nº 18, maio de 1941).
- -"Resende e a Escola Militar das Agulhas Negras". (nº 41, agosto de 1941).

Na Revista Militar Brasileira, atual Revista do Exército

-"O problema da formação do Corpo de Oficiais e os nossos institutos de Ensino Militar" (1942). Merece registro entre suas numerosas Ordens do Dia, a do Dia 17 de dezembro de 1932, no Largo do Machado, no Rio, alusiva à 1ª entrega de espadins, onde ele inicia com estas antológicas considerações:

"Cadetes, defrontando a estátua do Marechal de Exército Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que em vida foi o maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o juramento de recebimento de vosso espadim – arma distintivo que reproduz o saber glorioso do invicto soldado que com atos de sublimada grandeza, esmaltou com refulgência inigualável as páginas gloriosas da história nacional, marcando-a com traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor a serviu e mais a estremeceu..."

Mais adiante a transcrevemos na íntegra, ao tratarmos do Espadim de Caxias.

O escritor militar Marechal José Pessôa

O Marechal José Pessôa, como escritor, produziu diversos trabalhos: o primeiro foi no célebre **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército** em 1916 sobre "O papel social do Escotismo".

Na Revista A Defesa Nacional

-"As vantagens do Pólo no Exército" (nº 270, nov. 1936).

Na Revista do Exército

-"Rio São Francisco - problemas e soluções, 1942". Defendia o Rio da Unidade Nacional como podendo servir de ligação do Norte-Nordeste com o Sul-Sudeste e Centro-Oeste na hipótese de interdição do litoral pelo Nazismo. E em realidade sua visão e conselho confirmaram-se.

-"Estrada do Norte" (nº 13, dezembro de 1940), preconizava o uso mais intenso dos rios Araguaia-Tocantins como estrada do Norte do Brasil.

Em 1958 publicaria o seu 3º e último livro, que teve por título: - **Nova Metrópole do Brasil – relatório geral de sua localização.** (Rio de Janeiro: Imprensa Militar. 1958).

Neste relatório alentado e muito ilustrado, ele traduziu o parecer da Comissão de Localização e de Mudança da Nova Capital, cujo nome para ele deveria ser Vera Cruz ao invés de Brasília, como viria a ser consagrada 4 anos mais tarde. Em menos de um ano, em 1955, ele apresentou um projeto de Plano Piloto para a Nova Capital.

A História de Brasília vinha silenciando e até omitindo a participação relevante da Comissão da Nova Capital que o marechal José Pessôa presidiu, cuja solução ele considerava o problema geopolítico brasileiro nº 2, ao lado do nº 1 – a redivisão do Brasil em unidades harmônicas, hoje uma utopia.

Para Umberto Peregrino (op.cit), o marechal José Pessôa e a sua Comissão ligam-se indelevelmente à História de Brasília por duas razões:

- 1ª As iniciativas que sua Comissão tomou foram decisivas para tornar Brasília realidade em tão pouco tempo. Elas respaldaram "o ânimo indomável do presidente Juscelino".
- 2ª O Plano Piloto de Brasília, de Lúcio Costa, coincidiu em linhas gerais com o da Comissão José Pessôa. Esta idealizou uma cidade em forma de cruz (a Vera Cruz) e Lúcio Costa em forma de avião.

O Marechal José Pessôa foi consagrado patrono de cadeira da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, por nós fundada em 20 de março de 1996 em Resende no aniversário do início do ensino acadêmico na AMAN. Tivemos a honra de ser o seu 1º acadêmico ocupante. Mais tarde, criamos em Brasília, sediada no Colégio Militar de Brasília, a Delegacia da AHIMTB Marechal José Pessôa, para pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a obra do Marechal José Pessôa, relativamente a Brasília, e que vem sendo silenciada.

Hoje, ele e o Presidente Juscelino são patronos de cadeira na AHIMTB. Pois Juscelino, como médico Militar da Polícia Militar de Minas na resistência à Revolução de 32, no túnel ferroviário que dava acesso à cidade de Cruzeiro, elaborou relatório dos fatos ali ocorridos. E no Museu da Polícia Militar de Minas, em sua Academia Militar, que visitamos, ele abriga farto material sobre a atuação militar do Cel Médico da PMMG Juscelino Kubitschek de Oliveira.

O criador de nobres tradições militares consolidadas em nosso Exército

Antes da 1ª Guerra Mundial, o então Ten José Pessôa foi distinguido para estagiar no Exército da França, em Saint Cyr, o equivalente à nossa AMAN, no Centro de Estudos de Carros de Combate e no 503° Regimento de Cavalaria francesa, unidade de elite que dispunha de carros de combate onde José Pessôa, na paz e depois na guerra, adquiriu preciosa experiência que transferiu para o nosso Exército.

Ali, segundo o Gen Aurélio de Lyra Tavares, o Ten José Pessôa teve motivações para alimentar o seu espírito de soldado reformador e criador de tradições militares entre as quais ressaltamos:

- Introdução da tradição do Pólo no Exército, em 13 de maio de 1923, numa disputa dos atuais regimentos Dragões da Independência e Andrade Neves.
- Escolha do General Osório como patrono da Cavalaria, sendo o 1º a assim tratar e consagrar Osório em **Chefes da Cavalaria Brasileira**, cit.
- Ao assumir o comando da Escola Militar do Realengo, tendo nela introduzido profundas reformas em seu ensino militar, consolidadas em Resende, e as seguintes tradições:
- Criação do Espadim dos Cadetes como arma privativa dos mesmos e cópia fiel em escala do sabre invicto de seis campanhas do Duque de Caxias, o qual se encontra no IHGB desde 1925.
- Restabelecimento do título monárquico de Cadete, abolido com a República, mas agora com o sentido de companheiro mais jovem do oficial.
- Criação do Brasão da Escola Militar tendo nele, já estampada, a silhueta das Agulhas Negras, local para onde a Escola Militar iria se transferir 12 anos mais tarde. No fundo dourado, por detrás das Agulhas Negras, ele simbolizava o sol que brilhava em Itororó, o momento maior de Caxias como líder de combate.
- Criação do Corpo de Cadetes e o seu respectivo Estandarte, que foi entregue solenemente pelo presidente da República Getúlio Vargas, antigo aluno da Escola Preparatória Tática do Rio Pardo (1900/Mai 1903). Ato imortalizado em pintura na Biblioteca da AMAN.
- Criação dos Uniformes Históricos dos cadetes, como elo entre os exércitos do Império e da República, simbolizando um só Exército. Outra medida com este espírito de unidade foi usar, simbolicamente, para chegar à Escola do Realengo, a antiga carruagem (caleça) que fora usada pelo comandante da Escola na Praia Vermelha, o marechal Polidoro Quintanilha Fonseca Jordão, que se destacara no comando da Escola no Império.
- Introdução da cadeira de Geografia Militar no Realengo, no sentido de Geopolítica ou de Geografia do Soldado, com vistas aos Estudos de Situação, a mais profunda abordagem do fator

da Decisão-Terreno, nos mais variados escalões considerados. Encargos para o qual convidou o Jovem Turco, co-fundador de **A Defesa Nacional,** Capitão de Infantaria Francisco de Paula Cidade, nosso Patrono de cadeira no HGMB e que produziu as valiosas **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**, cuja primeira edição o Cel José Pessôa patrocinou com recursos da Escola Militar. E a segunda foi pela BIBLIEx. Do Realengo a Geografia Militar foi introduzida na ECEME pelo Capitão Paula Cidade. Este era o espírito da Geografia Militar trazido por ele da França. Enfim, estudar o fator da Decisão Militar Terreno.

Não conseguiu o marechal tornar o Duque de Caxias patrono da AMAN, ainda que fosse concretizado o seu sonho de servir como fecho final das majestosas instalações da AMAN a construção de um Pantheon para abrigar as relíquias de Caxias e os seus restos mortais e os de sua esposa – a Duquesa de Caxias. Ideal assim expresso por José Pessôa:

"O monumento a Caxias deve ser retirado para um sítio de plena quietude para que se torne um recanto sagrado e possa ser visitado com recolhimento por todos os que desejarem render homenagem ao gênio, ao patriotismo e à glória do Duque de Caxias".

E sobre a tumba da Duquesa de Caxias está a homenagem do patrono do Exército ao seu grande e único amor:

"Nenhum dos atos com que costumam exaltar-me, nenhum, deixou de ser sugerido e inspirado por ela ou por lembrança dela".

Talvez aí o marechal estivesse, de forma inconsciente, prestando homenagem à sua esposa e grande companheira, a inglesa D. Blanche Mary.

Segundo seu biógrafo, o acadêmico da AHIMTB Cel Hiram de Freitas Câmara, em **Marechal José Pessôa. A força de um ideal**. (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1985):

"D. Blanche Mary contribuiu de modo decisivo para os êxitos alcançados pelo marechal José Pessôa".

Ela deixara o conforto de um bairro elegante londrino, tendo como pai um bem sucedido comerciante da classe média alta para acompanhar o marido na deserta e então atrasada São Luiz

Gonzaga, nas Missões. Os mais de dois séculos de ensino militar acadêmico terrestre no Brasil são balizados pelo **Antes e o Depois** do marechal José Pessôa, tal a marca indelével de sua atuação histórica.

Outra tradição firmada que só conseguiu ver triunfar em 1951, foi a atual denominação Academia Militar das Agulhas Negras, depois de cerca de sete anos chamar-se Escola Militar de Resende.

Nesta luta justa foi cometida uma grave injustiça contra o Conde de Resende, **O fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil** ao fundar na Casa do Trem, em 1792, aniversário da Rainha D. Maria I e sob a égide do Regente D. João – a Real Academia, de Artilharia, Fortificação e Desenho, destinada a formar no Brasil-Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros. O Conde de Resende que em 1801 fundou Resende, onde desde 1944 funciona a AMAN.

Diz uma tradição castrense "que o chefe nunca erra; que às vezes se equivoca e que quando isto acontece é por culpa única e exclusiva do subordinado". Alguém lhe informara que "O Conde de Resende fora quem assinara a sentença de morte de Tiradentes e que pegaria mal à Escola Militar levar o nome de quem sentenciou Tiradentes à morte".

Em realidade, quem condenou Tiradentes à morte foi um Tribunal Civil. A sentença foi assinada abrandada pela rainha D. Maria I, a Piedosa, que perdera a razão em decorrência da morte de um filho e do marido. E não foi comutada pelo Regente D. João, que poderia tê-lo feito. O Conde de Resende propiciou a assistência de um advogado e uma véstia branca com recursos da Santa Casa do Rio, da qual era Provedor. Em nome desta falsa culpa foi tentado mudar o nome da cidade de Resende, só se conseguindo o de Estação Resende para Estação Agulhas Negras. Esta injustiça contra o Conde de Resende consta de obra de Itamar Bopp "Resende – Cem anos de cidade 1848-1948" e de obra histórica sobre a AMAN recém editada, com apoio da Odrebecht, para cuja edição não fomos ouvidos!

História é verdade e justa! Aqui ficamos à vontade para pro-

movê-las. Pois o Conde de Resende é o nosso patrono na cadeira nº 2 da Academia Resendense de História e o Marechal José Pessôa é o nosso patrono de cadeira, que inauguramos nesta Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ambas sediadas em Resende.

Fizemos amplo resgate da obra do Conde de Resende, que está traduzida na **Revista do Instituto Histórico Brasileiro**, alusiva ao Bicentenário da Inconfidência Mineira (v. 153, nº 375, abr/jun 1992, pp. 32/43) em artigo "O conde de Resende, o fundador do Ensino Militar Acadêmico nas Américas do Ensino Superior Civil no Brasil e criador do município e cidade de Resende".

Ambos, o Conde de Resende e o Marechal José Pessôa, são hoje culminâncias na História do Ensino Militar no Exército desde 1792. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio.

O Marechal José Pessôa foi consagrado como patrono da cadeira 22 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) por suas projeções, que demonstramos como historiador, escritor e sobretudo como um tradicionalista ou simbolista militar brasileiro. Pois o acadêmico Gen Aurélio Lyra Tavares, paraibano como ele, amigo e patrono em vida de uma cadeira em nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil, assim o definiu em artigo "Um chefe que pensava no amanhã" (**Revista do Clube Militar**, set./out. 1985):

"O Marechal José Pessôa foi sempre, como soldado, um entusiasta dos grandes valores simbólicos (tradições) e materiais que alimentam a chama da carreira das Armas pelo culto dos heróis do passado, como fonte de inspiração do verdadeiro Espírito Militar, o que se observa no traço característico das pregações que dirigia aos seus subordinados, para educá-los na linha do Dever e do Civismo personificados nos exemplos dos grandes chefes, a começar pela figura de Caxias, cujo saber lhe serviria de símbolo para moldar o espírito dos futuros cadetes do Brasil, na Academia Militar das Agulhas Negras, a grande obra que o imortalizou".

O marechal José Pessôa forjou seu espírito de soldado na esquecida, mas grandiosa, Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-1911), dentro do espírito do Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do equivocado bacharelismo militar (1874-1905), para o profissionalismo militar, o qual José Pessôa consolidaria no Regulamento de 1944 na AMAN.

Em realidade foi a Escola de Guerra de Porto Alegre, no Casarão da Várzea – o celeiro de chefes que consolidaram a Reforma Militar 1897-1945, conforme demonstramos em nosso livro **História do Casarão da Várzea 1885-2008,** atual caserna do CMPA, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, prefaciado pelo grande ex-comandante da AMAN Gen Bda Marco Antônio de Farias e ex-Diretor da DEPA. E orelhas de autoria do acadêmico da AHIMTB Gen Ex Paulo César de Castro, então chefe do DEP (atual DECEx).

Ao leitor interessado nas demais projeções da vida e obra deste grande brasileiro indicamos as seguintes obras, editadas em seu centenário em 1975, que ampliam nossa abordagem:

- CÂMARA, Hiram de Freitas. Cel Marechal José Pessôa
 a força de um ideal. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985. Contém depoimentos de testemunhas e subsídios ao final, vários de nossa lavra.
- FONTES, Arivaldo Silveira, Cel Prof. **AHIMTB Posses de Acadêmicos 1996-1997.** Brasília: SENAI,1978. Cadeira 22.p.129-140.
- REVISTA DO CLUBE MILITAR Edição Especial Mal José Pessôa, set/out. 1985 {Artigos dos generais José Pessôa (reprodução), Aurélio de Lyra Tavares, Sylvio Frota, Tasso Vilar de Aquino, Geraldo Knaack de Souza, Umberto Peregrino, Flamarion Pinto de Campos, João Baptista Peixoto e Cel Cláudio Moreira Bento}.

"O homem é eterno enquanto sua obra for lembrada ou permanecer"!

Temos certeza que isto está ocorrendo com o idealista e patriota Marechal José Pessôa. Chefe que, tendo mil motivos para justificar a não concretização de suas realizações, arrumou mil motivos para levá-las avante. E temos igualmente certeza de que a eternidade de sua obra será ajudada pelos seus escritos, que acabamos de relacionar.

O MARECHAL JOSÉ PESSÔA VISTO PELO PROJETISTA DA AMAN



Raul Penna Firme Arquiteto e Urbanista (25 de Maio de 1900 a 17 de Abril de 1974)

"MARECHAL JOSÉ PESSÔA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE (falecido) E SUAS REALIZAÇÕES.

Idealizador e Patrocinador dos Projetos da Academia Militar das Agulhas Negras.

Raul Penna Firme

Arquiteto do Estado da Guanabara aposentado – Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro – aposentado.

(Transcrição)

1 – HISTÓRICO: Dentre a plêiade de oficiais e profissionais que o acompanharam desde o início dos seus planos de obras, consideradas utópicas pelos observadores da época, eu, Pessoalmente, fui talvez o seu mais íntimo e modesto colaborador e quase que assistente civil, sobremodo dedicado e prestigiado por ele, durante anos a fio.

Na ocasião ele era o Coronel Comandante da Escola Militar do Realengo e muito conceituado.

Eu estava iniciando os primórdios da minha carreira profissional (engenheiro arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro). Fui premiado com a Grande Medalha de Ouro (prêmio escolar) no fim do curso e mais a nomeação para um cargo – Censor de Fachadas na Prefeitura do Distrito Federal, ao tempo do Presidente Washington Luiz Pereira de Souza.

2 – PREÂMBULO: Já no governo provisório e revolucionário do Sr. Getúlio Vargas, como comandante da antiga Escola Militar eu tive a felicidade de conhecê-lo, por intermédio do ilustre e erudito Marechal Mário Travassos, recentemente falecido; naquela época, capitão Travassos, oficial de sua confiança, não me lembro se também o chefe do seu gabinete (o Coronel Pessôa, como era conhecido, era impecável nas suas atitudes e na farda).

Muitas reformas e obras de acréscimo, como preparativas, foram feitas na Escola do Realengo, sob a minha orientação técnica, com projetos e soluções de obras a fim de manter e educar os cadetes em nível elevado já pelos hábitos de conforto, já pelo aprimoramento que devem ter os jovens servidores da pátria quando foram transferidos para as impecáveis instalações da futura Escola que ele desejava que fosse um exemplo para todo o mundo.

Serviços, reuniões, viagens (uma delas foi feita até o Pico das Agulhas Negras, a cavalo, onde ele plantou um pinheiro histórico). Atas e comemorações simbolizaram o batismo da nova Academia.

As iniciativas sempre se renovaram de modo concreto para os estudos e trabalhos, mas sem os recursos financeiros necessários e adequados. Economias rigorosas nos gastos da manutenção dos trabalhos escolares, compra de cavalos, diretamente na fonte e por concorrência no Rio Grande do Sul, estudada por técnicos a racionalização da alimentação, despesas com fardamentos mais adequados, propiciavam verbas ex-

tras que ele aplicava nas obras sem solicitar créditos especiais do Governo. Toda esta ginástica facilitou melhoramentos para as instalações da Escola, manobras especiais para o corpo de cadetes. A contribuição profissional espontânea, com modesta remuneração, soma-se ao ensejo de obras de grande emergência num prédio precário e muito avariado pelo tempo: baias, pavilhões de armas, refeitório, cozinha, serviços sanitários; cassino de cadetes e oficiais; picadeiro para equitação, (ele era da Arma de Cavalaria e a prezava com dignidade). Construiu também conjuntos esportivos, assim como todas as obras de saneamento.

Durante todo este tempo, que durou alguns anos, foi surgindo a imperiosa necessidade da grandiosa Escola, já nesta conjuntura bem acolhida pelas autoridades. Começaram os debates para se conseguir o montante financeiro para a vultuosa construção que deveria, segundo os seus planos, tomar como modelo a "West Point Academy" dos Estados Unidos da América do Norte.

3 – PREPARATIVOS: Daí em diante havia uma intensa solicitação por ele junto aos órgãos técnicos para a nova Escola à altura da grandeza do Brasil, dizia ele, ocupando-se da ideia em todos os seus pensamentos e conversas. A nova Escola Militar, a grande cogitação do Coronel Pessôa, Comandante da Escola.

O Coronel comandante, de acordo com os seus superiores, me pagava uma mínima taxa-honorário profissional que não correspondia à justa remuneração. Contudo, o entusiasmo pelo empreendimento, a falta de verba, a sua prova de confiança sempre depositada nos meus trabalhos nunca deram oportunidade ao nosso desânimo. Segue-se a nomeação de várias comissões de oficiais do Estado-Maior, do Ministério e da Escola Militar para tratar do assunto.

Faltava, agora, a presunção do local mais propício e mais adequado e que ocupasse uma das regiões próximas ao Distrito Federal para receber o grande monumento escolar.

A política dominante não conseguia extravasar os umbrais do seu patriotismo. Era muito sensível a qualquer injunção mal intencionada. Reagia com a retirada. Estava sempre interessado em resolver da melhor maneira possível uma Escola condigna para a formação de oficiais das armas de terra. O Presidente Getúlio Vargas dava-lhe muito prestígio e o admirava.

4 – A REALIZAÇÃO: A Escola seria antes uma cidade universitária integrada na vida brasileira, tanto quanto possível auto suficiente. Seriam desapropriadas várias fazendas que lhe dariam a manutenção. Todos os professores e instrutores foram solicitados a colaborar com as suas normas e programas. A Revolução de São Paulo nesta fase inicial dos trabalhos ocasionou algumas peripécias que retardaram a iniciativa, mas ele nunca perdeu o entusiasmo que o impulsionava.

Surgiu um local em Resende, no sítio do Horto Florestal do Ministério da Agricultura, que seria o ponto focal de uma vasta região com todas as características normalizadas pela comissão nomeada pelo Sr. Coronel Comandante José Pessôa no sentido de opinar antes da decisão da escolha.

Neste ínterim, foi solicitada à Embaixada Americana uma cópia das plantas da West Point Academy, que se obteve com todos os detalhes e pormenores. Aceita a escolha de Resende, houveram várias visitas ao local para se constatar a viabilidade de soluções, que se enquadrassem perfeitamente nas exigências da Comissão:

- 1 terreno variado para exercícios e manobras;
- 2 clima bom;
- 3 proximidade do Itatiaia (Agulhas Negras);
- 4 o rio Paraíba;
- 5 a cidade de Resende para o problema social da comunidade escolar;
 - 6 terrenos de propriedade do governo;
 - 7 boa água potável;
 - 8 proximidade relativa do Distrito Federal.

Faltava agora, somente, estudos da urbanização da Cidade Universitária e os edifícios programados.

5 – PRIMEIRA FASE: O Coronel Comandante, assessorado pelo seu estado maior e conselho administrativo abriu um concurso administrativo entre vários profissionais para os pri-

meiros estudos do anteprojeto da Academia, segundo um programa constante do Edital de concorrência.

O meu trabalho foi o escolhido pela Comissão encarregada de opinar. Juntos, alguns documentos comprobatórios: a planta aerofotogramétrica, a planta geral e o ofício da aceitação. Todas as providências preliminares, inclusive a ordem para a execução do projeto definitivo, mediante o pagamento dos honorários estipulados em 75\$000 (Setenta e Cinco Contos), moeda da época, pagos em parcelas de 25\$000 (Vinte e Cinco Contos) de acordo com o andamento dos trabalhos, o que foi feito e, em seguida, aprovado pelas autoridades superiores (Presidente da República e Ministro da Guerra). Só depois desta aprovação é que ficou batizada com todas as bênçãos de Deus com o nome orográfico de ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS, dizia ele, para que ficasse perpetuada a grande obra na terra brasileira. O General Pessôa, de saudosa memória, deixou o brilhante Comando da Escola Militar do Realengo e o projeto da nova Escola passou para o Arquivo e lá ficou durante anos sem solução de continuidade, por falta de verba, ou quiçá, de iniciativa.

Ele nunca foi convidado para promover ou participar da execução das obras. Tempos depois, terceiros interessados tentaram desviar a localização, sendo realizadas pesquisas infrutíferas em Campinas, Petrópolis, Rio Grande do Sul, etc.

Até que, enfim, anos depois de estratificação, a necessidade da concretização se fez sentir e durante a gestão do General Manoel Rabelo, Diretor de Engenharia do Ministério da Guerra e falecido, foi tomada a iniciativa da realização da obra no mesmo local em Resende, de acordo com o seu projeto por direito adquirido. Não havia mais dúvida quanto ao local escolhido, ficando decidida a soberania do seu plano em toda a sua plenitude. Organizada a seguir a Comissão Construtora da nova Escola Militar, fui admitido como Arquiteto-Chefe da Seção do Planejamento, por aprovação da Comissão.

Os escritórios administrativos e técnicos foram sediados em Resende, no próprio canteiro de obras. As chefias de serviços couberam aos órgãos de engenharia do Ministério da Guerra: Serviço Geográfico do Exército, oficiais da arma de enge-

nharia, olaria e pedreiras próprias. Algumas firmas empreiteiras incumbiram-se dos trabalhos de construção, bem fiscalizados e executados. A Prefeitura da cidade de Resende andou sempre ombro a ombro com os responsáveis da construção e a Diretoria de Estradas de Rodagem desviou para a frente da Escola o traçado da Rodovia Rio-São Paulo.

Ainda não foi completado o plano por terem ficado interrompidas as obras. Os edifícios mais importantes relegados para mais adiante são:

- 1 a Capela;
- 2 o edifício do Comando;
- 3 o Pantheon de Caxias.

Trabalhei com o Marechal José Pessôa na Comissão de Localização da nova capital do Brasil em Goiás, a convite dele e da qual ele era o Presidente. Foi feita pela Comissão a escolha do local e o primeiro plano piloto que recebeu o nome de VERA-CRUZ, mas não foi adotado. Nesta conjuntura eu me separei da sua jurisdição porque ele faleceu; não sem antes deixar indelével na minha lembrança a figura impávida do militar disciplinado e idealista. Um exemplo vivo do verdadeiro patriotismo, UMA GLÓRIA DO BRASIL. É o que posso testemunhar."

O 1° COMANDANTE E INSTALADOR DA AMAN CEL INF MÁRIO TRAVASSOS

Teve a honra e o privilégio de ter sido o primeiro comandante da AMAN em Resende, o único coronel que desde 1944 figura em sua ilustre galeria de comandantes. Foi o então Coronel de Infantaria Mário Travassos, já consagrado especialista da influência da Geografia na condução das operações militares. Inicialmente do Terreno, como um fator da decisão militar. Em seguida, focalizou a Geografia Militar nas operações milita-



res e, finalmente, abordou Geopolítica, por ele entendida como influência da Geografia na conduta da política de um país. Em 1944, ele já era um especialista em nosso Exército em Ensino Militar.

Nasceu no Rio em 20 de janeiro de 1891, onde faleceu aos 82 anos, em 20 de julho de 1973. Cursou a Escola de Guerra de Porto Alegre (1908-10), sendo declarado aspirante-a-oficial em 02Jan1911.

Instrutor da Escola Militar do Realengo, como capitão, acompanhou, em 1931, o então Coronel José Pessôa em sua viagem até Resende para escolher o local da atual AMAN. A justificativa geopolítica da localização da AMAN é da sua lavra.

Em 1933, como instrutor-chefe do Curso de Infantaria da Escola Militar do Realengo, publicou na **Revista da Escola** o "Capítulo 1º - O emprego tático do terreno", de sua obra **Notas à margem dos exercícios táticos**. Ainda nesse ano publicou **Aspectos geográficos sul-americanos**.

Era a obra de Geografia Militar que o Coronel José Pessôa desejava introduzir na AMAN, como a Geografia do Soldado ou a Geobélica, preocupada em estudar as influências da Geografia nas operações militares e na forma como o então Tenente José Pessôa havia percebido a sua relevância na Escola de Saint Cyr, da França, que frequentara, bem como em outras escolas européias. Isto depois de haver combatido na Cavalaria do Exército Francês na I Guerra.

A Cadeira de Geografia Militar criada pelo Cel José Pessôa foi confiada ao Tenente Cel Francisco de Paula Cidade, historiador de renome e um dos fundadores da **Revista A Defesa Nacional** em 1913, e patrono de cadeira na AHIMTB. Aulas aos cadetes do Realengo ministradas através da obra produzida por Cidade com o estímulo de Mário Travassos intitulada **Notas de Geografia Sul-Americana**, e mandada imprimir pelo Cel José Pessôa em 1934 e reeditada em 1941 pela então Biblioteca Militar.

Em 1938 veio a lume o estudo pioneiro de Geopolítica do então Ten Cel Mário Travassos: **Dimensão Continental do Brasil**, editada para a famosa Coleção Brasiliana.

Recém promovido a Coronel, Mário Travassos foi nomeado 1º comandante e instalador da Escola Preparatória de Fortaleza

(1942) onde foi muito bem sucedido e louvado. Como prêmio foi nomeado comandante da Escola Militar do Realengo (1943).

Em 1944 foi distinguido para instalar e comandar a então Escola Militar de Resende, que também atendeu à aspiração sua e a do Cel José Pessôa. Escola que passou, em 1951, ao atual nome de Academia Militar das Agulhas Negras.

Então, aproveitou sua grande experiência acumulada como instrutor-chefe de Infantaria e ex-comandante da Escola Preparatória de Fortaleza e da Escola do Realengo.

Comandou a AMAN de 1º março à 10 novembro de 1944, quando presidiu a última cerimônia de sua instalação, em Resende, balizada pela entrega à atual AMAN por resendenses, da Bandeira Nacional e do Estandarte do Corpo de Cadetes.

Bandeira que foi pela primeira vez hasteada no mastro principal.

De Resende seguiu para a Itália para assumir a função, na FEB, de comandante do Depósito de Pessoal. Um veterano da FEB de Resende me transmitiu que os combatentes preferiam ficar na frente de combate do que enfrentar as instruções no Depósito de Pessoal do Coronel Travassos.

Pois ele era muito zeloso em preservar a vida dos combatentes, pois passara pela imensa dor de ver seu filho, o Capitão de Infantaria Germano Duarte Travassos, ter de amputar uma perna após ter sido atingido em ação por um estilhaço de Artilharia. Fato que sua fé espírita ajudou a superar.

Ao retornar da Itália foi promovido a General de Brigada, aos 55 anos, o seu maior posto na ativa. Comandou uma unidade em Ponta Grossa e depois assumiu a Diretoria Geral de Ensino do Exército. Foi quando o conhecemos, em inspeções na Escola Preparatória de Porto Alegre em 1951-52. Entre suas realizações nesta Diretoria, registro a criação do Curso de Classificação de Pessoal, hoje encargo do Centro de Estudos de Pessoal (CEP), no Leme.

Na reserva, no posto de marechal, dedicou-se a atividades culturais ou a prática do ócio com dignidade e mais do que isto, com utilidade social. Fundou a SPLEB: Sociedade Pró-Livro Espírita, em Brasília.

Além de imortalizado como 1º comandante, instalador e organizador da AMAN em Resende, o foi também assim pela grande **Enciclopédia Delta Larousse** com esta referência:

"Militar e geopolítico brasileiro (Rio, 1891, Diretor Geral de Ensino do Exército (1951-52), marechal para a reserva (1952). Em sua obra de escritor ressalta importantes aspectos geopolíticos brasileiros: Aspectos geográficos sul-americanos, 1933; Projeção Continental do Brasil, 1938 e, Introdução da Geografia das Comunicações Brasileiras, 1942"

Segundo o consagrado geopolítico brasileiro, acadêmico emérito da AHIMTB e ex-comandante da AMAN, General Carlos de Meira Matos, a criação dos corredores de exportação deve-se a ideia do Marechal Mário Travassos, conforme mencionou ao apresentar nossa plaqueta Inspirações geopolíticas das ações de Portugal e do Brasil no Prata e suas projeções no Rio Grande do Sul 1680-1900. Resende: AHIMTB, 2001.

A AHIMTB homenageou o Marechal Mário Travassos dando o seu nome à sua Delegacia em Campinas/SP. Havia uma ideia antiga entre ex-alunos da AMAN que a nova Biblioteca da AMAN levasse o seu nome, como a antiga foi rebatizada de Marechal José Pessôa.

No Boletim nº1 da AMAN em sua inauguração ele assim se expressou:

"É para nós grande honra assinar o Boletim nº 1 da Escola Militar de Resende. Conhecedor, até os seus últimos pormenores, das origens da Nova Escola Militar, que datam do ano de 1931, nunca pensei que pudesse ver realizado o sonho do então Coronel José Pessôa Cavalcanti de Albuquerque, tão cedo concretizado, graças ao espírito dinâmico, à capacidade técnica e a experiência do Exmo Sr. General Luiz Sá Affonseca, e viesse me tocar a missão de insuflar vida à majestosa realidade que é hoje a Escola Militar de Resende.

É preciso que as massas de concreto armado e revestimento de mármore de nossa Escola criem alma e falem hoje e sempre do grande momento em que definitivamente os processos de formação dos oficiais do Exército Brasileiro devem ser consolidados de forma a marcar época." (Coronel Mário Travassos, comandante da Escola Militar de Resende em seu Boletim Interno nº 1 de 1º de março de 1944, que assinalou, a instalação em Resende da atual Academia Militar das Agulhas Negras. Mário Travassos, grande geopolítico brasileiro atualmente é, como Marechal, o patrono da Delegacia da AHIMTB em Campinas-SP).

HENRIQUE LAGE - O CADETE Nº 1

Em 1966, tendo o Exército interesse em ter sob seu controle toda a área da Praia Vermelha, faz por intermédio do General Ângelo Mendes de Morais a transferência do Instituto de Belas Artes (IBA) e da Escola de Artes Visuais (EAV), que funcionavam na Praia Vermelha, para o Parque Lage, onde permanecem até hoje, sob a forma de comodato. Tais provas de amizade de Henrique Lage com a Escola Militar, seu relacionamento fraterno com o General José Pessôa, fizeram com que ele fosse carinhosamente tratado como o Cadete Nº 1. Acresce que ao falecer, foi alvo de significativas homenagens dos cadetes, sendo sepultado, como era seu desejo, com o primeiro Estandarte do Corpo de Cadetes que lhe fora ofertado em vida e que, até então, ocupara lugar de destaque na sua residência na rua Jardim Botânico. O próprio General José Pessôa foi quem colocou o Estandarte no ataúde de Henrique Lage, quando, inclusive, pronunciou comovente discurso. Outras personalidades na ocasião usaram da palavra e, em nome dos cadetes, usou da palavra o cadete Jarbas Passarinho em eloquente pronunciamento. Como consequência feliz de tudo que foi relatado, o comandante da Escola Militar do Realengo -Coronel Mário Travassos, que seria depois em 1944, o primeiro comandante da nova Escola Militar em Resende, pelo Boletim Escolar nº 59, de 13 de março de 1943, deliberou conceder, como homenagem excepcional ao grande patriota Henrique Lage, o título de CADETE Nº 1, pelo documento oficial:

HENRIQUE LAGE - CADETE Nº 1

I - O comandante da Escola Militar deliberou, como homenagem excepcional ao grande patriota Henrique Lage, conceder em sua memória o título de Cadete nº1, deixando de distribuir esse número aos Cadetes da Escola. Passando amanhã, 14 de março, data natalícia do insigne brasileiro, o maior amigo da Escola Militar, este Comando baixa as seguintes instruções sob o título acima: a) O Cadete nº 1 pertencerá sempre ao estado efetivo da Escola Militar e do Corpo de Cadetes e figurará nas relações gerais de uso interno; b) Anualmente o Cadete nº 1 será incluído na subunidade a que pertence o Cadete porta-estandarte da Escola e figurará como efetivo dessa subunidade; c) Em todas as chamadas das "revistas do recolher" o sargento de dia à subunidade da letra **b** chamará o Cadete nº 1, cabendo ao cadete porta-estandarte responder: Henrique Lage! d) Quando o cadete porta-estandarte deixar de figurar na "Revista do recolher", caberá ao cabo de dia responder à chamada do Cadete nº 1.

II - Inclusão do Cadete nº 1 em Subunidade

Em consequência do item anterior, é nesta data incluído na Bateria de Artilharia desta Escola, o Cadete nº 1 – Henrique Lage, o qual passará a figurar nos pernoites dessa subunidade a partir de 15 do corrente.

Coronel Mário Travassos - Cel Cmt. (Transcrito do Boletim Escolar nº 59 de 13 de março de 1943)

O CONSTRUTOR DA AMAN

O ano de 2010 marcará o 66° aniversário da instalação progressiva da AMAN em Resende. É muito conhecida e justamente divulgada e reverenciada, a vida e obra do idealizador da AMAN - o Marechal José Pessôa - o homem do sonho. Mas pouco, ou quase nada se sabia da vida e obra do construtor da AMAN, o Gen Luiz Sá Affonseca (foto) - o homem do feijão, que preservou, respeitou e tornou realidade o sonho de José Pessôa.



O Cel Mário Travassos, 1º comandante da AMAN, ao rece-

ber em cerimônia histórica comovente as instalações da AMAN, ressaltou quão relevante e importante havia sido a atuação do Gen Affonseca para a construção da Academia. A não ser seu nome numa rua de Resende, numa praça da Academia e numa placa, pouco ou nada se sabia da vida e obra deste grande engenheiro militar brasileiro, o que tentaremos fazer.

Luiz Sá Affonseca serviu o Exército, fundamentalmente como engenheiro militar de escol, por mais de 49 anos. Nasceu em Santos em 09 Jan 1880, onde faleceu em 1968 aos 88 anos. Cursou a Escola da Praia Vermelha 1895-1901 e a ECEME em 1921 no atual Palácio Duque de Caxias. Atuou como engenheiro nos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º batalhões de Engenharia, das 2ª, 3ª, 4ª regiões militares e Diretoria de Engenharia. Chefiou a Comissão de Obras de Defesa do Porto de Santos 1917-19. Especialista em Telegrafia, desempenhou missões no Acre, na Europa e na Comissão Técnica Mista de Telegrafia. Nesta, representando o ministro da Guerra Marechal Caetano de Farias, de guem foi Ajudante de Ordens de 1914-17. Chefiou Comissão de Estradas de Rodagem no Paraná e Santa Catarina 1931-36 e a 1ª Sec da Diretoria de Engenharia em 1936 onde, em 1937, passou a integrar Comissão para a construção da AMAN e, em 1938, a Comissão da Cerimônia de Lancamento da Pedra Fundamental da mesma. A esta altura era engenheiro militar renomado com mais de 25 anos de intensa vivência em obras de engenharia rodoviárias, ferroviárias, telegráficas, de construções elétricas e de fortificações. Foi transferido para a Reserva em 1939, quando coronel, e convocado para o serviço ativo em 1940 como General de Brigada. Assim, foi nomeado para chefiar de 1º Abr 1940 a 15 Mai 1944, a Comissão Especial de Obras Piquete e Resende, que executou as obras: - Construção da Academia Militar das Agulhas Negras; ampliação do Sanatório Militar de Itatiaia; (hoje sede da Prefeitura de Itatiaia); ampliação da Fábrica de Pólvora de Piquete; construção da rodovia Piquete-Itajubá, atravessando a Mantiqueira; ampliação da hidroelétrica Bicas do Meio, destinada a acionar o complexo industrial militar constituído das fábricas de Pólvora de Piquete e de armas de Itajubá, protegidas pela Mantiqueira.

O Gen Affonseca deu cabal desempenho de todas estas importantes missões que lhe foram confiadas, recebendo de seus superiores os melhores elogios.

Após entregar as obras da AMAN foi reformado em 15 Maio 1944, retirando-se para o Rio de Janeiro para um justo e merecido descanso. Ali viveu mais de 24 anos.

Resende muito se beneficiou de sua ação. Ele liga-se ao 1º Plano Diretor da cidade de Resende e a dotação da Santa Casa de sua 1ª Sala de Cirurgia, além de outros benefícios, como sua ação na criação do Aero Clube local. Deixou em Resende muitos amigos e admiradores e o seu nome imortalizado numa rua e como patrono de uma cadeira da Academia Resendense de História que criamos quando seu fundador e presidente.

O SENTIDO DO ENSINO NA AMAN SEGUNDO O MARECHAL EURICO GASPAR DUTRA

O Marechal Dutra foi aluno da Escola Militar da Praia Vermelha na ocasião de seu fechamento, seguido de extinção, em consequência da malfadada Revolta da Vacina Obrigatória de 1904. Após passar um ano fora do Exército concluiu o seu curso na Escola de Guerra de Porto Alegre, sob a égide do Regulamento de 1905. Tendo aprendido duramente a lição da História, emitiu a seguinte diretriz como Ministro da Guerra, de como deveria ser conduzido o ensino da AMAN, a obra mais marcante e consagrada de sua gestão na pasta da Guerra:

"O ensino militar entre nós tem variado em dois extremos: ou excesso de matérias teóricas ou de cultura científica, ou a reação brusca no sentido de preparação meramente profissional, com caráter prático. É oportuno alertar sobre a inconveniência ou perigo de socorrer-se a qualquer dessas soluções extremas. A sabedoria aconselha e mostra que a virtude está no meio. Não se esqueçam os que têm a missão de formar os futuros oficiais que é sob o imperativo do ensino profissional e da cultura geral que se deve orientar aquela

formação. Estamos num século eminentemente técnico. Só se tornam poderosas, as instituições e nações que têm solicitado à inteligência e às ciências os conselhos e os recursos a serem seguidos, no sentido de melhor se armarem e se tornarem fortes. Mas tudo isto será incompleto e de resultado duvidoso, se o comando, professores e instrutores não cogitarem também de formar espíritos e personalidades".

Eis pois uma preciosa lição a ser meditada a cada momento pelos responsáveis pelo adestramento militar dos futuros oficiais do Exército Brasileiro, dentro de um contexto de primorosa Educação Militar que os tornem capazes de atualizar e formular doutrinas militares e não só capazes de executar a doutrina militar em vigor. Pois pensadores militares definem uma Doutrina Militar como possuindo só duas constantes invariáveis - o Homem e a sua constante mudança.

OS DESVIOS DO ENSINO MILITAR PROFISSIONAL NO PASSADO, NA OPINIÃO DE ILUSTRES CHEFES

Para se entender as razões da orientação do Ministro da Guerra General Eurico Gaspar Dutra ouçamos o testemunho de ilustres chefes do Exército sobre o ensino militar em seus tempos.

A Grande Reforma do Ensino em 1905

O General Francisco Paula Cidade, formado pela Escola de Guerra em Porto Alegre, pelo regulamento de 1905, baixado pelo Ministro do Exército Francisco de Paula Argolo (1897 e 1902-6), afirmou ser o referido regulamento e a Escola de Guerra em Porto Alegre, "uma grande encruzilhada do pensamento militar brasileiro", a indicar um novo rumo. E prossegue:

"O regulamento de 1905, (voltado para o profissionalismo militar) do qual nos alimentamos em nossa mocidade, foi satirizado, recebemos a alcunha de alfafa, dada pelos que continua-

vam a crer que o título de doutor que o regulamento aboliu, era mais honroso do que o de oficial do Exército. Abençoada alfafa. Ela não só alimenta o muar, como pode figurar entre os alimentos dos deuses depois que impôs tantas ideias sadias e tantas dedicações sem limites ao serviço da pátria".

E conclui, ao falar sob o regulamento de 1905 e seus sucessores, de cunho militar mais profissionalizante, sob a égide do qual e de seus sucessores, de 1913, 1918, 1929 e 1940, formaram-se os oficiais da FEB "que pisaram os campos de batalha, ao lado dos grandes senhores da guerra sem fazer mau papel". (Vide Paula Cidade em Cadetes e alunos).

O divórcio do Ensino com as necessidades da Tropa

O General Estevão Leitão de Carvalho, patrono da cadeira 12 da AHIMTB, "jovem turco" co-fundador de **A Defesa Nacional** em 1913, observador brasileiro da guerra do Chaco, ex-comandante da ECEME, chefe da Missão Militar Brasil-Estados Unidos, de atuação relevante na organização da FEB e historiador dos IHGB e IGHMB, aborda de forma crítica o divórcio do ensino na EMPV com as necessidades do Exército como força operacional. Igualmente o General Tasso Fragoso, patrono da cadeira 5 da AHIMTB, ex-chefe do EME por longo tempo na década de 30 e consagrado historiador do Exército, também apontou e registrou este divórcio ao escrever em 1922 seu livro a **Batalha do Passo do Rosário**:

"Nos anos anteriores à República havia se arraigado no espírito de muitos a falsa ideia de que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos deviam se fundamentar no esquecimento e até na maldição de certos fatos do passado.

Daí o estado de alma da geração militar a que pertenci e do meio que a preparava. Neste ambiente havia um temor de falar em guerras na presença dos moços. Estes não tinham para com os veteranos da guerra do Paraguai, que desfilavam diante deles alquebrados pela velhice e com fardas rebrilhantes de condecorações, o respeito e a estima que mereciam como dignos e leais servidores da Pátria comum".

O Marechal Mascarenhas de Morais, ex-comandante da EMR e da FEB, refere-se ao problema em suas Memórias v. 1.

O ESPADIM DOS CADETES DO EXÉRCITO - HISTÓRICO -

Desde 15 de dezembro de 1932, inicialmente, na antiga Escola Militar do Realengo e a partir de 1944, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende, repete-se anualmente a mais significativa cerimônia da vida dos cadetes: a entrega dos espadins aos alunos do 1º ano.

A grandiosidade do ato, a história dessa arma, seu simbolismo, as tradições que ela encerra, estão consubstanciados nas palavras que os jovens, futuros oficiais, proferem em uníssono, como juramento:

"Recebo o sabre de Caxias, como o próprio símbolo da Honra Militar".

Voltemos ao passado, nas buscas da origem histórica do Espadim de Caxias.

Origem do Espadim de Caxias

A 19 de novembro de 1931, assumia o comando da Escola Militar do Realengo o então Coronel José Cavalcante de Albuquerque, oficial de escol, de cuja brilhante folha de serviços são destaques: Instrutor Militar da Escola de Direito do Largo de São Francisco - São Paulo (1916); estagiário da Escola Militar de Saint Cyr-França (1917-18); combatente voluntário do 4º Regimento de Dragões de Cavalaria - França; e introdutor dos blindados no Brasil, ao organizar e comandar a Companhia de Carros de Assalto.

No comando da Escola Militar do Realengo promoveu profundas reformas na sua organização e no seu funcionamento. Imprimiu uma nova filosofia na seleção dos cadetes:

"A Escola não se destina a corrigir defeitos e vícios e, sim, a aprimorar qualidades e virtudes aprendidas nos lares de onde provêm os futuros cadetes".

Foi sua inspiração o posto de cadete atribuído aos alunos

da Escola, vendo-se nessa denominação o sentido de companheiro mais novo dos oficiais e não aquela significação de nobreza prevalecente nos anos do Império.

Criou o Corpo de Cadetes, o Estandarte Escolar, o uniforme de gala, como simbolismo de ligação entre o Exército do Império e o da República.

Criados os uniformes históricos, julgou o Coronel José Cavalcanti que devessem eles ser complementados por uma arma privativa do posto de cadete. Idealizou então, com sua equipe, que esta arma seria uma fiel miniatura da espada usada em campanha pelo Duque de Caxias.

Desde então ficou decidido ser o cadete o único integrante do Exército a ter a honra e o privilégio de cingir à cinta a espada de Caxias:

"Como a síntese e a expressão mais viva e sublime das virtudes militares do soldado brasileiro".

Tomada a decisão, o passo seguinte seria a localização da espada original para servir de modelo à miniatura. Encontrá-la foi um grande obstáculo, conforme as palavras do Marechal José Pessôa:

"Porfiadas demarches foram então realizadas para concretizar a feliz ideia. Ignorávamos, até então, o paradeiro daquela relíquia histórica.

Para isso recorreu-se em indagações a todos os lugares onde são destinados os troféus, sem ser encontrada. Afinal, com a preciosa colaboração do Dr. Max Fleiuss, fomos encontrá-la, entre outras armas gloriosas, nas coleções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). E, ainda com o auxílio do Dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo daquela nobre e benemérita instituição, conseguimos a licença necessária para ser copiada a arma que é a nossa mais preciosa relíquia militar.

Assim, para ali foi mandado um hábil desenhista que copiou, em rigorosa escala, todos os detalhes daquele rico troféu, magnificamente artesanato em aço e bronze".

Das mãos de seu possuidor ao seu atual relicário no IHGB o histórico sabre de Caxias, percorreu interessantes caminhos.

Foi doado em testamento pelo Duque de Caxias, ao Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa que, como 1º Tenente, fora o Ajudante-de-Ordens de Caxias na guerra contra Oribe e Rosas e mais tarde, como coronel, fora Chefe do seu Estado-Maior na Campanha da Tríplice Aliança (1866-68).

Sobre esse oficial, assim se expressou o Duque, na Ordem do Dia, de 14 Jun 1869, antes de retornar ao Brasil:

"Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço político a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo e transmitido as minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes".

Esta espada de campanha foi localizada em 1925 pelo Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, um pioneiro biógrafo de Caxias e hoje patrono da Cadeira 41 da AHIMTB. Encontrava-se ela em poder de descendente direto de Fonseca da Costa, o Capitão-de-Corveta Caetano Taylor da Fonseca Costa. Este oficial, em gesto que se reveste de nobreza e patriotismo decidiu, em 1925, doar a valiosa relíquia, através do Dr. Vilhena de Moraes, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde ela se encontra e de onde saiu 3 vezes para cerimônias na Escola Militar, ao que sei.

A primeira ocorreu em 1939 no Realengo e se deve à iniciativa do então Major Prof. Jonas Correia, hoje patrono da cadeira 34 da AHIMTB. Foi a espada posicionada, em solenidade de rara grandiosidade, defronte do Corpo de Cadetes, formado, e ao lado da espada do General San Martin, trazida pela representação da Escola Militar da Argentina em visita ao Brasil.

E do local onde hoje se encontra, segundo o Prof. Pedro Calmon em 1978, somente sairia em condições excepcionais de alto sentido cívico e com cerimonial condizente com a grandeza do simbolismo que ela traduz.

Posteriormente ela foi trazida à AMAN em 1978 em homenagem ao Presidente da República Gen João Figueiredo,

o primeiro ex-detentor do Espadim de Caxias a atingir a Presidência da República e, em 1980, no centenário de morte do Duque de Caxias. E o professor Pedro Calmon impôs como condição ela ser levada à AMAN com toda a pompa e circunstância, confiando o comandante da AMAN Gen Bda Hiran Ribeiro Arnt e o presidente do IHGB, professor Pedro Calmon, que o autor, então o Ten Cel Cláudio Moreira Bento, instrutor de História Militar da AMAN e membro do IHGB, que chefiasse uma Guarda de Honra e Segurança composta de cadetes. E assim foi feito!

A primeira cerimônia de entrega de espadins - 1932

Localizada a espada de campanha do Pacificador, o Projeto Espadim foi submetido à aprovação do Ministro da Guerra, General-de-Brigada José Fernandes Leite de Castro (1930-32). Desejaram aquele General e o Coronel José Pessôa:

"Que Caxias, o Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Brasil, de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint Cyr, na França".

O Ministro Leite de Castro aprovou a proposta e concedeu o crédito correspondente para a confecção dos espadins. Os projetos e os recursos foram remetidos ao Chefe da Missão Militar Brasileira na Europa, Coronel José Duarte Pinto. Este, com desvelo e entusiasmo, cumpriu a missão, encomendando a confecção das peças à firma Solingen da Alemanha.

Em outubro de 1932 os espadins chegaram ao Brasil, tendo sido incluídos na carga da Escola Militar do Realengo pelo BI nº 288 daquele ano. A seguir, foram organizadas as "Instruções para recebimento e uso do Espadim de Caxias", ao que se sabe, somente publicadas no BI nº 148 de 1938.

Nos dias 15 e 16 Dez 32 teve lugar a primeira cerimônia de entrega de Espadins aos cadetes, desdobrada em duas fases. A primeira de âmbito interno e a segunda, uma solenidade pública realizada no dia 16 Dez na Praça Duque de Caxias, atual Largo do Machado, defronte ao Monumento do Patrono do Exército (e hoje defronte ao Palácio Duque de Caxias) e

que contou com a presença do Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório do Brasil, e de várias autoridades.

Segundo o General José Pessôa, em 1938 na **Revista da Escola Militar** :

"A cerimônia teve início com as bandas tocando o antigo toque de Alvorada, o mesmo que, nos campos do Paraguai, despertava os nossos gloriosos regimentos. Toque que terminou com o de "Apresentar armas". Quando profundo era o silêncio da grande assistência, ouviu-se a voz de um oficial, lendo com vibração as palavras sacramentais do juramento, no que era acompanhado pelos cadetes, que tinham os olhos fixos no semblante quase austero de seu Patrono e pareciam iluminados pela famosa estrela que guiou sempre aquele guerreiro de vitória em vitória, e que certamente há de guiar as novas gerações, através dos caminhos ásperos da vida. Neste instante ecoou o troar dos canhões e o rufar surdo dos tambores, anunciando a criação de uma nova arma, representativa das virtudes de nossos antigos combatentes. Seguiu-se a leitura do Boletim alusivo, do Comando da Escola, nº 297 de 16 Dez 1932...".

Sobre o evento assim se expressou o Comandante da Escola Militar do Realengo em sua Ordem do Dia, publicada no BI nº 297 daquele ano:

"Cadetes!

Defrontando a estátua do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que em vida foi o maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o compromisso do recebimento do vosso espadim - arma distintivo que reproduz o sabre glorioso do invicto soldado, que com atos de sublimada grandeza esmaltou com refulgência inigualável as páginas gloriosas da história nacional, marcando-as de traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor serviu à Pátria e mais a estremeceu.

Vosso patrono e vosso guia, aqui não podíeis faltar hoje a render-lhes as vossas homenagens, quando cingis pela primeira vez, aos vossos uniformes, o sabre glorioso que, em sua destra mão, mostrou, sempre aos nossos soldados intemeratos, o caminho da vitória!

Ante o bronze majestoso que a gratidão do povo erigiu em testemunho de reconhecimento a serviços que crescem de valor com o correr dos anos; vindes, cumprindo dever que ufana e dignifica, pagar o tributo de vossa admiração ao legendário soldado que, de cadete como vós, culminou a hierarquia militar e nas dignidades honoríficas, integrado na sua profissão, por ela sempre enfeitiçado e, passo a passo, ascendeu na sua carreira, pelo seu valor, pela sua coragem e pelo seu acendrado patriotismo.

A espada que foi esteio de um regime, que em rudes prélios cimentou a unidade nacional e, em terras estranhas, acutilou bravamente os inimigos do Brasil, tendes hoje a honra e a rara fortuna de a cingirdes à cinta, outorgado ao Corpo de Cadetes o encargo de guardar aquele glorioso que reflete, no brilho espelhante do seu aço, a constância no dever e que nunca a ferrugem da deslealdade de leve sequer maculou, em meio século de intenso batalhar em prol da ordem e do prestígio desta terra estremecida, a que ele serviu com inexcedível dedicação e bem alto a elevou no conceito das nações!

Na homenagem que aqui prestais - vossos espadins em continência, não reverenciais somente o vulto homérico do general nunca vencido, que enriqueceu de imarcescíveis louros o Exército Brasileiro e iluminou de refulgências gloriosas uma época da vida nacional!

Saudais, também, esse passado venerado de glórias e de virtudes, que é o orgulho do nosso povo, escrínio precioso de lições de nobre civismo e onde o nome imortal do legendário Duque de Caxias esplende, aureolado, em meio de uma corte de gigantes, batalhadores devotados de um Brasil forte e generoso, que se alça, na plana maior das primeiras nações do mundo, pelo seu progresso e pela sua cultura.

E, particularmente para vós cadetes, que sois as ridentes esperanças do Exército do Brasil - as armas que abateis, apontadas para o solo sagrado da Pátria, rendendo preito sincero de admiração ao grande soldado que foi o símbolo augusto das nossas virtudes militares, juram pela vossa eterna fidelidade

aos ditames da honra e do dever, e pela rigorosa observância aos exemplos que nos legou o primeiro dos generais de nossa Pátria, cuja vida será o vosso modelo e cujo nome venerando será o clarim vibrante a acender os vossos entusiasmos nas lutas sem tréguas pelo bem e pela grandeza do Brasil".

O simbolismo do Espadim

O Coronel José Pessôa mandou gravar, na lâmina dos espadins, as palavras Duque de Caxias e o Brasão de Armas da Escola Militar.

Pelas instruções baixadas na época:

"Os espadins dos cadetes, constituindo um conjunto de elevado teor moral, deveriam ficar ligados às vidas de seus detentores, através dos tempos, por uma ficha histórica com o número de cada uma dessas armas que deveria levar a assinatura de cada um de seus detentores. E, uma honrosa homenagem: sempre que um ex-detentor do Espadim de Caxias, distinguir-se em sua vida pública, por um gesto de sacrifício ou serviço excepcional, de real valor para o Exército ou para o Brasil, ou em benefício da Humanidade, seu Espadim, com o respectivo número, deve ser retirado de circulação e recolhido ao Museu Escolar, com a ficha respectiva, nela inscrita, em letras vermelhas, o motivo que determinou sua retirada de circulação".

Foram retirados de circulação, como distinção aos gestos de sacrifício de real valor de seus ex-detentores os seguintes espadins:

- **Espadim nº 496**, que pertenceu ao Aspirante Humberto Pinheiro de Vasconcelos. Justificou o ato o exemplo de abnegação e coragem dado por aquele oficial ao ter sua mão despedaçada por uma granada, que manteve segura, com o braço para fora de uma janela, evitando destarte que não viesse a explodir na sala onde ministrava instrução ou atingir outros companheiros no pátio do quartel.
- **Espadim nº 289**, pertencente ao 1º Ten Alípio Napoleão Andrada Serpa em virtude de ato de bravura, por ele praticado, por ocasião do torpedeamento do navio "Itagiba" que

transportava sua unidade de Artilharia para Olinda - PE.

- **Espadim nº 1002**, que pertenceu ao Aspirante Francisco Mega, morto em combate, na Itália, integrando o Regimento Sampaio. Leva seu nome a turma de aspirantes egressa da AMAN em 15 de Fevereiro de 1955 a qual pertence o autor.

Além dos citados foi retirado de circulação o Espadim nº 103, que pertenceu ao General de Brigada Sinval Senra Martins, cadete de Intendência em 1945, Aspirante a oficial em 1947 e General em 1977. Foi o primeiro cadete que cursou integralmente a AMAN, a galgar o posto de oficial general.

A Academia Militar tem conferido simbolicamente, o Espadim de Caxias, a personalidades e escolas congêneres das Nações Amigas.

O número do Espadim consta das alterações do seu exdetentor. Já é prática os novos cadetes pleitearem e conseguirem cingir os espadins que foram usados por seus avós, pais ou irmãos.

O valor da História e da Tradição

Em 1939 o General José Pessôa, assíduo colaborador de nossas revistas militares em assuntos de História e Doutrina Militar, escrevia na Revista da Escola Militar:

"O Espadim de Caxias do Corpo de Cadetes, ainda quase sem história pela sua apoucada existência, nem por isso devemos olvidar-lhe fatos que hoje sabidos, mais tarde será difícil reconstituí-los. Haja vistas o exemplo histórico da nossa lendária Academia Real Militar da qual hoje, mal se sabe ter sido fundada por D. João VI".

As sinceras homenagens ao Marechal José Pessôa que, além da obra magnífica ligada à idealização e construção da AMAN, que foi o maior sonho de sua vida e na qual passou as suas últimas vinte e quatro horas na ativa, preocupou-se em preservar sua História e Tradições, ao documentá-las com depoimento em artigos em nossas revistas militares.

Estava convicto o Marechal José Pessôa de que a História "é a mestra das mestras, a mestra da vida" e a mãe da

Tradição. E que sem documentação, não há história e nem tradição que resista à ação dos tempos. E mais, que o povo ou grupo social sem tradição, ou que, se a possui não a cultiva, é flor sem perfume, é espada sem têmpera, que quebra ao primeiro embate. É nau sem bússola, à deriva na tempestade, que não sabe de onde veio, onde está e para onde vai.

Soube o Marechal José Pessôa construir e preservar, através dos cadetes do Exército, a tradição contida em seus Espadins, cópias fiéis da espada de rija têmpera moral e cívica, tal qual a do aço de que foi forjada - a espada de campanha de Caxias, o Pacificador - a maior espada do Brasil. Espada que figura com destaque, entre os maiores generais da História da Humanidade.

A espada de Caxias está no Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, guardada em cofre doado pelo Exército, adaptado para este fim pelo Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e, próximo, num escrínio, um Espadim de Caxias, cópia fiel em escala (Vide foto 23 no álbum ao final).

PRIMEIROS CADETES CLASSIFICADOS EM 1º LUGAR NA ENTREGA DOS ESPADINS (1946 - 2008)

1946 ARY CAPELLA	
1947 ARTHUR BAPTISTA FILHO	
1948 OSCAR BAYARD SALGADO MIF	RANDA
1949 LEÔNIDAS SEREJO PINTO DE A	ABREU
1950 IVANI HENRIQUE DA SILVA	
1951 JOÃO LUIZ PASCAL ROEHL	
1952 SÉRGIO RUSCHEL BERGAMAS	CHI
1953 RUBENS RUIZ	
1954 ANTÔNIO MÁXIMO PEGO FILH	O (1ª Tu)
1954 ALMIR PAZ DE LIMA (2ª Tu)	

1992 GELSON DE SOUZA
1993 JEAN LAWAND JÚNIOR
1994 RODRIGO MANUEL SOBREIRA
1995 VITOR HUGO DE ARAÚJO ALMEIDA
1996 ANDRÉ LUIZ DE MELO FRANCO
1997 SILVIO FARNO DE SOUZA FREIXO
1998 MARCELO DIAS MONTEIRO
1999 CAIO DE VARGAS LISBÔA
2000 VICTOR DALTON TELES JESUS BARBOSA
2001 FELIPE GALVÃO FRANCO HONORATO
2002 KENTS DIAS VIANA
2003 AISLAN CARVALHO ANDRADE
2004 BRUNO LION GOMES HECK
2005 JOSÉ RODOLFO BARBOSA ANELLI
2006 LUCAS FERNANDO PIANOWSKI BERNARDES
2007 GABRIEL MANGABEIRA DA COSTA
2008 LEANDRO MARTINS PARRA

CADETES CLASSIFICADOS EM 1º LUGAR NO ESPADIM E ESPADA

1947 HARRY FREITAS BARCELLOS
1951LEÔNIDAS S. PINTO DE ABREU
1953JOÃO LUZ PASCAL ROEHL
1954 SERGIO RUSCHEL BERGAMASKI
1956ALMIR PAZ DE LIMA
1964GUY IBIRAJARA MEYER
1965ANTÔNIO DOMINGOS SANSON
1969 PEDRO PAULO LEITE PRADO
1971JOSÉ ALENCAR ÁVILA
1973 DENIVARTE ALVES DE AZEVEDO
1976 VICENTE GONÇALVES MAGALHÃES
1947 EMÍLIO CARLOS ACOCELLA
1978 DÉCIO LUIZ SHONS

1979	LOURIVAL CARVALHO SELVA	
1982	JOAREZ ALVES PEREIRA JR.	
1984	EDMIR RODRIGUES	
1995	ERLON PACHECO DA SILVA	
1996	GILSON DE SOUZA	
1998	JEAN LAVAND JUNIOR	
1998	VICTOR HUGO DE ARAÚJO ALM	IEIDA

COMANDANTES DA AMAN 1944-2010

Desde a sua instalação até o presente, a AMAN teve 38 comandantes efetivos: Coronel de Infantaria Mário Travassos (01 de Março 1944 a 10 de Novembro de 1944) (1) e generais Aristóteles de Souza Dantas (27 de Dezembro de 1945 a 25 de Novembro de 1946) (2), Álvaro Pratti de Aguiar (25 de Novembro de 1946 a 08 de Fevereiro de 1948), Ciro Espírito Santo Cardoso (20 de Fevereiro de 1948 a 10 de Marco de 1950), Manoel de Azambuja Brilhante (10 de Março de 1950) a 31 de Março de 1951) (3), Nestor Souto de Oliveira (31 de Março de 1951 a 25 de Novembro de 1952) (4), Jair Dantas Ribeiro (25 de Novembro de 1952 a 20 de Maio de 1955) (5), Júlio Teles de Menezes (20 de Maio de 1955 a 20 de Março de 1956), Hugo Panasco Alvim (20 de Março de 1956 a 30 de Janeiro de 1958), João Punaro Bley (30 de Janeiro de 1958 a 01 de Janeiro de 1960), Adalberto Pereira dos Santos (01 de Fevereiro de 1960 a 05 de Fevereiro de 1962) (6) Pedro Geraldo de Almeida (05 de Fevereiro de 1962 a 04 de Marco de 1963), Emílio Garrastazú Médici (04 de Março de 1963 a 08 de Maio de 1964) (7), Alfredo Souto Malan (08 de Maio de 1964 a 04 de Setembro de 1964) (8), João Francisco Moreira Couto (04 de Setembro de 1964 a 08 de Dezembro de 1966), Adolpho João de Paula Couto (28 de Novembro de 1967) (9), Carlos de Meira Mattos (02 de Maio a 04 Fev 1971) (10), José Fragomeni (1971 a 1973) (11), Túlio Chagas Nogueira (1974

a 1975) (12), ex-comandante do CC Sylvio Octávio do Espírito Santo (12 de Fevereiro de 1976 a 15 de Fevereiro de 1978); ex-comandante do Curso de Artilharia Hiran Ribeiro Arnt (15 de Fevereiro de 1978 a 05 de Fevereiro de 1981). Ramiro Monteiro de Castro (05 de Fevereiro de 1981 a 16 de Fevereiro de 1984, foi o 1º oficial formado pela AMAN a comandá-la), Rubens Bayma Denys (1984 a 1985) (13), Braz Monteiro Campos (10 de Abril de 1985 a 17 de Dezembro de 1985), Délio de Assis Monteiro (17 de Dezembro de 1985 a 18 de Fevereiro de 1989) (14) José Ary Lacombe (03 de Março de 1990 a 07 de Fevereiro de 1992), Rubem Augusto Taveira (07 de Fevereiro de 1992 a 18 de Fevereiro de 1994), Max Hoertel (18 de Fevereiro de 1994 a 05 de Maio de 1995), Ivan de Mendonça Bastos (05 de Maio de 1995 a 22 Fevereiro de 1997), José Mauro Moreira Cupertino (22 de Fevereiro de 1997 a 11 de Fevereiro de 1999), Domingos Carlos de Campos Curado (11 de Fevereiro de 1999 a 05 de Fevereiro de 2001), Reinaldo Cayres Minatti (05 de Fevereiro de 2001 a 08 de Fevereiro de 2003), Claudimar Magalhães Nunes (2003 a 2004), Marco Antônio de Farias (2005 a 2006), Gerson Menandro Garcia de Freitas (2007 a 2008) e Edson Leal Pujol (2009)(15).

Os 8 últimos foram 3°s presidentes de Honra da AHIMTB. Comandaram a AMAN um coronel e os seguintes generais de Divisão nela promovidos: José Fragomeni, Max Hoertel e Domingos Carlos de Campos Curado. Os demais eram generais de Brigada. O primeiro Ministro do Exército (1990-1992) formado integralmente pela AMAN foi o Gen Ex Carlos Tinoco Ribeiro Gomes.

Notas: Realizamos sínteses biográficas de comandantes da AMAN que comandaram Grandes Unidades no Rio Grande do Sul em nossos livros do Projeto História do Exército na Região Sul, projeto que desenvolvemos desde 1994.

- (1) Sintetizamo-lo no presente livro
- (2) Sintetizamo-lo na História da 1ª Bda C Mec junto com o (11) e o (15).
- (3) Sintetizamo-lo na História da 2ª Bda C Mec.

- (4) Sintetizamo-lo na História da 6ª DE, junto com o (6), o (9) e o (13).
- (5) Foi Ministro do Exército. Sua biografia consta do livro da História do CMS.
- (6) Foi vice-presidente da República do Presidente Er nesto Geisel.
- (7) Foi o terceiro Presidente da Contra-Revolução Democrática de 1964. Sintetizamo-lo na História da 3ª RM, v.3 e na História do CMS, junto com o (12) e o (13).
- (8) É patrono de Cadeira na AHIMTB e foi biografado por seu filho em Artigos de Sócios no site www.ahimtb.org.br.
- (10) É Acadêmico da AHIMTB, patrono de Cadeira Especial e possui síntese biográfica no Arquivo da AHIMTB.

UMA HISTÓRICA ORDEM DO DIA DE COMANDANTE DA AMAN

"ORDEM DO DIA do Gen Cmt da AMAN" Em 02 de abril de 1964 Gen Bda EMÍLIO GARRASTAZÚ MÉDICI Cmt da AMAN

Como é imperativo nas situações de emergência que, por dever de ofício, vez por outra têm de enfrentar as Forças Armadas, a atitude histórica tomada pela Academia Militar das Agulhas Negras foi fruto de acendrado espírito patriótico, de profunda reflexão e do reconhecimento de suas grandes responsabilidades no panorama nacional.

O senso de patriotismo, que temos cultivado diuturnamente, nos vem da apreciação das páginas gloriosas de nossa História e da devoção, sincera e continuada, que nos empenhamos em manter e fortalecer para com os elementos fundamentais da nacionalidade brasileira.

A meditação, dedicada à evolução da situação na-

cional e, muito particularmente, à sua fase aguda, nos foi propiciada pelo interesse em bem servir às legítimas aspirações de nosso povo, pela formação que nos foi proporcionada no ambiente militar brasileiro e pelo equilíbrio que, de regra, soe advir da convicção nos ideais formulados e perseguidos pelos que amam o seu berço natal, a sua família e a sua Pátria.

As responsabilidades da Academia no panorama nacional sempre se nos afiguraram patentes, em face dos anseios que nos norteiam, do trabalho que habitualmente executamos e do muito que, num Exército eminentemente democrático, produzimos dia a dia em prol da segurança nacional e do progresso geral do país.

Estes três pontos básicos, meus camaradas, materializam a orientação que, conscientemente e inundados de fervor cívico, seguimos nos últimos dias. Tenho a certeza absoluta de que, ao segui-la, adotei a única direção de atuação que despontava, clara e insofismável, do nosso passado, de nossa presente preocupação com o restabelecimento da Hierarquia e da Disciplina, e de nossos anseios relativos ao futuro. Diante das notícias desencontradas que inundavam o país, na noite de 31 de Março passado, constituí um Estado-Maior operacional. Coloquei em estado de alerta o Corpo de Cadetes e dei ordem de prontidão ao Batalhão de Comando e Serviços.

Com o evoluir dos acontecimentos, ligados a fatos concretos ocorridos em vários Estados da Federação, os planos e as medidas de controle foram sendo aprofundadas e, na madrugada de 1° de abril, por seu Comandante, a Academia declarou-se a favor daqueles que pugnavam pelo restabelecimento, no país, do clima coerente com suas tradições cristãs e com os sentimentos patrióticos da maioria esmagadora do povo brasileiro. Quando o panorama pareceu claro, a mim e a meus colaboradores diretos, não hesitei um instante em declarar a grave decisão que tomara, pois a sabia inteiramente legítima, dada a consciência cívica e o fervor patriótico de meus comandados.

Em decorrência da decisão formulada, empregamos a Companhia de Guardas do Batalhão de Comando e Serviços na vigilância dos pontos críticos em torno de RE-SENDE, estabelecemos as premissas do controle da localidade e a efetivação das primeiras medidas correlatas, e passamos a planejar o emprego do Corpo de Cadetes.

Na manhã do dia 1°, foram desencadeadas as operações de controle da cidade e as medidas de segurança convenientes. Enquanto isso ocorria, a situação militar se complicava no Vale do Paraíba e, diante da possibilidade efetivamente existente, de tropas do I Exército virem a dominá-lo em todo o território fluminense, só me restou uma atitude a tomar, dentro do quadro geral já traçado: ordenar o emprego imediato do Corpo de Cadetes na região a E de Resende, em conexão com o 1° Batalhão de Infantaria Blindada (Barra Mansa) e em ligação com o 5° Regimento de Infantaria, que avançava de Lorena.

A sorte estava lançada: duas proclamações foram preparadas e divulgadas, ao tempo em que sentia, a cada minuto, crescer o ardor combativo de meus comandados, em todos os postos da hierarquia.

O empenho desassombrado da Academia, na ocupação efetiva do terreno e nos preliminares da luta armada que se desenhava, alcançou repercussão magnífica para a causa que abraçáramos, seja na população civil, seja no seio das próprias tropas com que, provavelmente, nos defrontaríamos. Posso, mesmo, asseverar que nossa atitude se constituiu em fator dos mais decisivos para o rumo que, afinal, vieram a tomar os acontecimentos, no Vale do Paraíba e quiçá no BRASIL, cujo ponto, culminante foi a reunião na Academia, às 18:00 horas de ontem, dos dois eminentes chefes militares que detinham os comandos das forças federais em SÃO PAULO e na GUANABARA.

Oficiais, Cadetes, Sargentos, Cabos, Soldados e Funcionários Civis da Academia: nosso dever formal e de consciência foi cumprido com elevação e dignidade. O Exército Brasileiro, democrático e cristão, mais uma vez interveio nas lutas nacionais para restabelecer o rumo adequado a nossos sentimentos e dos postulados de nossa crença cívica.

Todos podem estar tranquilos: o que a Pátria de nós poderia esperar lhe foi dado no momento oportuno e com a abnegação que nos caracteriza, no quadro geral de uma colaboração irrestrita e corajosa, que tocou vivamente minha consciência de homem, de cidadão e de soldado. A todos, pois, o agradecimento enternecido da Pátria Brasileira.

Cadetes!

Ao decidir empregar a Academia e, em especial, o Corpo de Cadetes, eu e meus assessores diretos fomos tomados de viva emoção. Lançávamos, assim, o sangue jovem do Exército na liça e corríamos o perigo de vê-lo umedecer as velhas terras do Vale do Paraíba. Mais forte que ela, porém, foram os sentimentos de nossas responsabilidades e o conteúdo energético de nosso ideal de, no mais curto espaço de tempo, restaurar os princípios basilares de nossa instituição. Vosso entusiasmo, vosso idealismo imaculado, vossa fé no destino do país e vossa dedicação aos misteres militares foram os elementos fiadores da decisão então tomada, que acabou por contribuir de modo ponderável para a solução da crise, em nossa área de operações.

Após 29 anos de alheamento, a Academia Militar voltou a empenhar-se ostensivamente na luta pelo aprimoramento de nossas instituições e pela tranquilidade de nosso país. Vós o fizestes, com pleno sucesso e com admirável galhardia. Que, por isso, a História Pátria lhes reserve uma página consagradora, fazendo-os ingressar no rol daqueles que, despidos de qualquer ambição ou interesse subalterno, um dia se dispuseram a lutar pelo país que nossos descendentes hão de receber engrandecidos e respeitados.

Cadetes: pela História, atingis os umbrais da glória".

Este documento sintetiza a participação da AMAN na Revolução Democrática de 31 de Março de 1964 em que cadetes foram interpostos entre o I Exército (partindo do Rio de Janeiro) e o II Exército (partindo de São Paulo) para um potencial choque militar para decidir a vitória ou derrota do Movimento de 31 de Março de 1964. O movimento evoluiu para um acordo na AMAN, solicitado por seu comandante, o então Gen Bda Emílio Garrastazú Médici, pondo fim ao encontro bélico pelo acordo mediado por Médici entre os dois comandantes.

Hoje o General Médici tem a sua honrada imagem manipulada no seio do povo brasileiro pelas forças que em realidade desejavam implantar o Comunismo no Brasil pela Luta Armada, no que foram impedidos. Derrotados na Luta Armada hoje são vencedores da versão imposta por uma poderosa Mídia contra a fraquíssima Mídia que o defende. "História é verdade e justiça." E a verdade e a justiça serão reveladas daqui um século, quando historiadores isentos analisarão as fontes históricas do período e lhe farão justiça e apontarão os erros cometidos por ambos os lados. Já mostramos as injustiças cometidas contra o Marechal José Pessôa no projeto da Capital (Brasília) e que somente agora, decorrido meio século, começa a surgir na mídia a enorme projeção de sua obra para tornar Brasília uma realidade, fato mostrado ao Brasil.

Outro grande injustiçado foi o Conde de Resende, o fundador do Ensino Militar acadêmico nas Américas e do Ensino Superior Civil no Brasil. Criador da cidade e município de Resende cuja memória, deturpada por um fanático, foi acolhida até 1992, quando resgatamos a sua imagem real em Revista do IHGB, v.153, nº 375, abr/jun,1992.

E de igual modo o Marechal Gastão de Orleans, o Conde D'Eu, injustiçado e manipulado por fanáticos republicanos, foi resgatado na **História da AD/3 - Artilharia Divisionária da 6ª DE** da qual, merecidamente, é o patrono. Sua manipulação consistiu em atribuir-lhe a autoria

de maldades praticadas por outros e lhe retirarem ações positivas que também foram atribuídas a outros. E aqui deixo publicada a histórica Ordem do Dia do Gen Médici.

Assim, em março de 1842, Resende se constituiu estrategicamente como Barreira, de igual Forma que a Barreira Itararé. A primeira vez na Revolução de 1922 em que a Guarda Nacional de Resende impediu que a citada Revolução penetrasse no Rio de Janeiro. A segunda vez, a Barreira em Resende que impediu que a Revolução de 32 ultrapassasse Resende e atingisse o Rio. E terceira, em 1964, a Barreira formada por Cadetes e Batalhão de Comando, sob a liderança de seu comandante, que impediu por negociação que tropas do II Exército ultrapassassem Resende.

O Gen Médici é hoje um injustiçado, bem como o Exército. E a razão, creio, pode ser entendida nestas reflexões:

"A Verdade é o apanágio do pensamento, o ideal da filosofia, a base fundamental da ciência. Absoluta, transcende opiniões e consensos, e não admite incertezas."

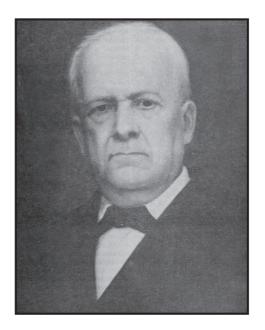
No memorável **Discurso sobre o Método**, René Descartes, pai do racionalismo francês, alertou sobre as ameaças à isenção dos julgamentos, ao afirmar que "a precipitação e a prevenção são os maiores inimigos da verdade".

A opinião ideológica é antes de tudo dogmática, por vício de origem. Por isso, as mentes ideológicas tendem naturalmente ao fanatismo.

A História da Inquisição Espanhola espelha o perigo do poder concedido a fanáticos. Quando os sicários de Tomás de Torquemada viram-se livres para investigar a vida alheia, a sanha persecutória conseguiu flagelar trinta mil vítimas por ano no reino da Espanha.

O exemplo a seguir do General Ignacio Abreu e Lima demonstra que a falta de isenção nos seus julgamentos foi a responsável pelas distorções de sua verdadeira imagem.

UM ALUNO DA ESCOLA REAL MILITAR QUE FOI GENERAL DE SIMON BOLÍVAR E UM DOS LIBERTADORES DA AMÉRICA ESPANHOLA



A projeção Histórica de Abreu e Lima e sua significação Histórica na Venezuela

O historiador Vamireth Chacon na obra **Abreu e Lima - General de Bolívar** (Rio: Paz e Terra, 1983), delineou, com apoio em farta e segura documentação, a real dimensão, da até então muito discutida e controversa da vida e obra do ilustre brasileiro de Pernambuco - José Ignácio de Abreu e Lima. Este, foi egresso como capitão de Artilharia em 1816, da Academia Real Militar, do Largo de São Francisco, no Rio, hoje denominação histórica da Academia Militar das

Agulhas Negras, em Resende. Figura heróica e romanesca, singularizou-se por haver lutado pela independência da Grã-Colômbia sob as ordens de Simon Bolívar, participação caracterizada por sua atuação em diversas ações militares e, principalmente como tenente-coronel nas batalhas de Boyacá e Carabobo decisivas, respectivamente, para a libertação da Colômbia e da Venezuela e fim do controle espanhol sobre a região do Caribe. E mais, na batalha de Ayacucho, a Batalha das Nações, que assegurou a independência do Peru e se projetou como a última batalha da libertação colonial da América do Sul.

Em todas as ações, seja como secretário, chefe de Estado-Maior e comandante de tropas, impôs-se como "chefe valente ilustrado e fiel". Como comandado e comandante se conduziu com cordura e prudência e se constituiu em exemplo de ordem e subordinação. Por tudo isso "benemérito da Venezuela em grau heróico e iminente", segundo se conclui de atestado muito lisonjeiro passado, em 24 de abril de 1831, por seu último comandante na Venezuela - o General Mariano Montilla, então comandante do Departamento de Madalena, de quem Abreu e Lima fora chefe de Estado-Maior.

Ao retornar ao Brasil, depois de 15 anos afastado do Brasil por seu envolvimento na Revolução Pernambucana de 1817 foi, por atos sucessivos do Império do Brasil, considerado no gozo dos direitos de cidadão brasileiro. Permitindo-lhe, então, usar os títulos de General da Colômbia e as considerações que este país lhe conferiu, relativas às ações militares de Boyacá, Carabobo e Puerto Cabello, onde teve grande destaque como comandante e honrou sua formação na Academia Real Militar do Brasil, e mais, a sua placa de Libertador da Venezuela, que vez por outra usava, com justificado orgulho.

Hoje, quem visitar o forte Tuma, em Caracas, depara à sua entrada com imponente monumento a Los Próceres da La Independência, no qual, encabeçando a lista dos generais-de-brigada, o turista encontrará o nome JOSE IGNACIO DE ABREU Y LIMA, brasilero. Inscrição que constitui a sua consagração Militar.





Homenagem ao General brasileiro Inácio Abreu e Lima em monumento LA NACION A SUS PROCERES, no Forte Tuma, em Caracas, no alto da coluna à esquerda da foto acima com detalhes na foto abaixo onde aparece como o 1º General de Brigada "Jose Ignacio de Abreu e Lima brasilero". Fotos conseguidas a nosso pedido por Décio Luis Schons com o adido do Exército em Caracas.

Sua consagração como pensador político independente que foi depois de retornar ao Brasil e até falecer, consta de sua lápide logo à entrada do cemitério dos Ingleses, no Recife, com a seguinte inscrição:

"Aqui jaz o cidadão brasileiro, general José Ignácio de Abreu e Lima, propugnador esforçado da liberdade de consciência".

Ele faleceu em 8 de março de 1869. Foi lhe negada sepultura no Cemitério Público pelo Bispo D. Francisco Cardoso Ayres. Isto por haver recusado a abjurar o seu catolicismo ecumênico do que, talvez, tenha sido um precursor entre nós.

Tentar recompor o itinerário e traços do perfil militar do general Abreu e Lima é nosso objetivo, ao lado de algumas colocações em torno da falsa imagem que tem sido dele projetada e da real que passou a ter, em função do magnífico trabalho de Vamireth Chacon, junto ao Tribunal Brasileiro de História. Tribunal que por certo colocará Abreu e Lima na galeria dos heróis brasileiros precursores de nossa emancipação política, ao lado de seu pai, o Padre Roma, mártir de Independência do Brasil.

A FALSA IMAGEM DE ABREU E LIMA - UMA INTERPRETAÇÃO -

Até o livro de Vamireth Chacon, a verdadeira imagem de Abreu e Lima era desvirtuada por conceitos negativos, dúbios, apressados, emitidos no calor das inúmeras brigas, disputas e polêmicas filosóficas, políticas, históricas e até patrimoniais que entreteve com adversários do porte de Ramon Gusman, na Venezuela, Evaristo da Veiga, Regente Diogo Feijó, Cônego Januário da Cunha Barbosa, Visconde de Porto Seguro, Monsenhor Pinto de Campos, Bispo Cardoso Aires, colônia portuguesa no Recife, família Cavalcanti, em Pernambuco e Inquisição, para citar os mais poderosos e importantes.

Assim, foi alvo de ataques, farpas, ironias e intrigas diversas, incorporadas à Memória Nacional por jornais, publicações e re-

gistros da época e deles exumados, para usos diversos, sem a devida e serena crítica pelo Tribunal de História.

Segundo se concluiu de Vamireth Chacon, Abreu e Lima foi um solteirão inveterado, dono de um temperamento irascível, impulsivo, agitado, polêmico, do tipo que não levava desaforo para casa. Assim contam-se inúmeros casos de ter ido às vias de fato. Suas atitudes muitas vezes beiravam o quixotismo. Era um hipocondríaco notável, sempre atormentado por dores de cabeça, mais de fundo afetivo para com seus amigos, o que prova a consideração que os Generais Bolívar e Paez e respectivas famílias lhes dispensavam. Carregava uma mágoa pelos privilégios reservados aos portugueses no Exército e na Academia Real Militar e uma grande admiração e amor por seu pai, cuja execução à morte, por estar implicado na Revolução Pernambucana de 1817, foi obrigado a assistir no Campo Santana ou da Pólvora, da Bahia. Herdara em grande parte o temperamento do pai, sua valentia e até o nome, chegando ao ponto de adotá--lo igual, em 1816, em requerimento. Era de certo modo puro e ingênuo e presa fácil de diversas intrigas em que o envolveram ao longo de sua vida. Por outro lado, era fiel às suas convicções, pensador político fecundo, defensor intransigente da liberdade de consciência e orgulhoso da sua independência do governo, ao qual só recorreu uma vez pedindo que reconhecesse seus títulos e condecorações conquistadas nas guerras de Independência da Colômbia e da Venezuela.

Por todas estas características, segundo interpreto, apareceu no campo das ideias dominantes e cristalizadas de seu tempo, "a semelhança de um macaco solto numa loja de louças e cristais". Com isto despertou as mais variadas reações e ataques preventivos de seus diversos contendores e, entre estes, cita-se seus próprios irmãos.

Argeu Guimarães ao estudá-lo, em 1920, percebendo as contradições do General de Bolívar, que despertou à época em que viveu tantas reações e inimizades inconsoláveis, escreveu:

"Não há porque deprimir Abreu e Lima pelas contradições que o afligem, elas muitas vezes são aparentes. Porque, em realidade, se trata de um alto espírito que não cessa de evoluir."

A REAL IMAGEM DE ABREU E LIMA

Vamireth Chacon, com sua autoridade de historiador das ideias políticas e autor inclusive dos excelentes trabalhos traçando o perfil parlamentar e pensamento político, em 1982, do senador Manoel Luís Osório, o Marquês do Herval, e do deputado Euclides de Figueiredo, assim apresenta o seu coestaduano, com apoio em análise modelar e isenta, em que pese o apreço, profunda admiração e, até certo ponto, identificação com o general Abreu e Lima, conforme o referiu:

"Liberal radical, transformado em liberal moderado clássico. Defensor da monarquia hereditária constitucional, socialista utópico e católico ecumênico".

Para Morivalde Calvet Fagundes em A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução, Abreu e Lima atuou como um maçom liberal retrógrado e reconstrutor, ao lutar no Brasil pela restauração de D. Pedro I no trono do Brasil, após haver estado com este na Europa. E assim sendo, se opunha aos "maçons moderados e exaltados atuando no Rio de Janeiro."

Abreu foi, ainda na Venezuela, envolvido em intrigas por sua posição favorável à Monarquia Constitucional hereditária. Posição expressa em carta ao general Santander, 14 de junho de 1823, da seguinte forma:

"Concordar com o sistema imperial constitucional é o passo mais acertado para os brasileiros. Pois, toda a outra forma de governo nos teria confundido e reduzido a uma completa anarquia e dissolução. O Brasil é imenso e povoado somente no litoral, por uma mistura de classes que jamais poderiam conviver sob nenhum sistema, que se afaste muito do sistema imperial antigo".

Fica claro que Abreu e Lima foi à Venezuela e Colômbia lutar pela independência e não pela República.

Portanto, era coerente sua atitude, ao retornar ao

Brasil, de defender o retorno de D. Pedro I, e na sua ausência sua irmã, a Princesa D. Januária, como Regente. Ainda em 1840, como sinal de vitória de sua tese, visitou o Imperador D. Pedro II para cumprimentá-lo pela Maioridade. E o fez fardado de General da Colômbia, com todas as suas condecorações. Daí em diante não mais usou a farda e as medalhas conquistadas em combate e somente, vez por outra, a placa de Libertador da Venezuela. Deixando a política, dedicou-se a escrever seu primeiro trabalho - Compêndio de História do Brasil. Ele o dedicou:

"Ao muito alto, muito poderoso Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil - em sinal de profundo respeito e da mais pura afeição."

Talvez, se San Martin, adepto da Monarquia Constitucional, não tivesse sido voto vencido em sessão maçônica em Guaiaquil, da qual se retirou abruptamente e em silêncio, para a Europa, vencido pelo ponto de vista de Simon Bolívar, republicano constitucional, outro seria hoje o mapa da América do Sul. Talvez constituída de duas ou três poderosas nações.

A manutenção da Unidade do Brasil, com a Monarquia, em contraposição com o fracionamento da Unidade da América do Sul espanhola, com a República cediça, parece comprovar o acerto do ponto de vista do brasileiro, que defendeu o libertador até seus últimos instantes com a pena e com a espada, o que os bolivarianos jamais devem olvidar.

Abreu e Lima, em sua posição monárquica, não se deixou levar por mágoas contra a Monarquia absoluta em Portugal, em nome da qual seu pai foi fuzilado à sua vista em Salvador, em 1817, por estar envolvido na Revolução Pernambucana, em função da qual ele foi obrigado a afastar-se do Brasil por 15 anos.

Penso que o acolhimento de Abreu e Lima pelos ingleses em seu cemitério, no Recife, liga-se à sua vinculação à Maçonaria Inglesa ou Maçonaria Azul, defensora da Monarquia Constitucional.

A FALSA VISÃO ULTRA PRAGMÁTICA DE ABREU E LIMA

O erro mais grave e o maior desserviço à Abreu e Lima foi cometido por analistas apressados e ultra-pragmáticos, ao explorarem sua figura como precursora do Comunismo e depois do Socialismo no Brasil. Isto por terem-no julgado, apressadamente, um anticlerical, acatólico e filho natural de um padre que, por esta razão, alimentou diversas polêmicas com a Igreja e seus ministros, como a de acusar a Bíblia de falsa e criticar a Inquisição em sua época. Atitudes que terminaram por ser-lhe negada sepultura em cemitério público, que era também católico, em função da União da Igreja com Estado no Império.

No campo das ideias por haver recebido o apelido de "General das Massas" em relação às suas preocupações pelo povo, ao retornar da Venezuela, por haver escrito livro sob o título **Socialismo**; por haver estudado e clinicado Homeopatia no Recife e idealizado torná-la acessível à população mais carente do Recife, aliás ideal que parece ter sido colocado em prática no Brasil; por haver feito sua malograda campanha de deputado junto aos trabalhadores do porto de Recife, e por outros motivos. Situação agravada pelos incontáveis ataques que recebeu de seus inúmeros adversários que terminaram por confundir e desvirtuar sua real imagem para a posteridade. Os que o tem explorado assim - desistiram de fazê-lo. Abreu e Lima não foi nada disso, conforme o provou Vamireth Chacon.

TRAÇOS DO PERFIL MILITAR DE ABREU E LIMA

Soldado de Artilharia do Regimento de Pernambuco

José Ignácio de Abreu e Lima nasceu no Recife, em 8 de março de 1794, quando seu pai José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima - conhecido pela alcunha de Padre Roma, possuía 26

anos. Consta, com apoio em diversos documentos, que seu pai, grande orador, ousado e valente, havia estudado antes no Convento do Carmo de Goiana, com o nome de Frei José de Santa Rosa. E que dali seguira para a Europa, onde se graduou em Teologia, em Coimbra, e fora sagrado padre em Roma (daí seu apelido de Padre Roma) pelo, mais tarde, Papa Pio VII, que o secularizaria por breve oficial. Estes dados não estão ainda comprovados por documentação firme e segura.

Para Argeu Guimarães, Abreu e Lima herdara do pai "o temperamento impulsivo e agitado, caráter veemente, espírito insatisfeito e acentuada fisionomia de batalhador e idealista".

Segundo se conclui do historiador pernambucano Pereira da Costa, Abreu e Lima estudou em escola secundária leiga que passou a funcionar no Seminário de Olinda, inaugurado em 22 de fevereiro de 1800, por D. Azeredo Coutinho, bispo de Olinda e Governador Civil de Pernambuco.

Seminário que, segundo o mestre Pedro Calmon, se constituiu num dos núcleos revolucionários mais intensos e influentes desse tempo. Seminário que teria grande projeção na Revolução Pernambucana de 1817, chamada ainda por Pedro Calmon de "Revolução dos Clérigos". Pois nela tomaram parte, segundo Renato Alencar, 60 padres e 10 frades, e quase todos maçons. Estes, iniciados em maioria, em loja maçônica criada em Pernambuco em 1809, da qual faziam parte João Ribeiro Pessôa, alma da Revolução, e o padre Miguelinho, ambos professores do Convento de Olinda, segundo Morivalde Calvet Fagundes, iniciados maçons em Lisboa, em 1807. A esta Loja de Pernambuco teria pertencido de forma atuante o padre Roma, pai de Abreu e Lima. E este, na escola leiga do Convento, segundo Pereira da Costa, adiantou-se em Humanidades (Latim, Filosofia, Retórica e Francês). Em 1811, ao conhecer a carta de Lei de 4 de dezembro de 1810, do Príncipe D. João, que criou a Academia Real Militar, Abreu e Lima assentou praça no Regimento de Artilharia da guarnição de Pernambuco, com parada em Recife (local defronte à Santa Casa em 1824 - fim da rua Larga do Rosário).

Esta Unidade, ao lado do Convento de Olinda teria pa-

pel decisivo na Revolução Pernambucana de 1817. Nela teve lugar, na manhã da revolução, a revolta e tomada do quartel pelos revolucionários. Revolta cujo início foi assinalado pela morte, a golpe de espada, do comandante do Regimento, Brigadeiro Manoel Barbosa da Costa, fulminado pelo capitão José Barros de Lima - O Leão Coroado, do mesmo Regimento, com auxílio de seu genro.

Abreu e Lima, ao ingressar na Real Academia o fez como soldado. Tinha que provar perante um Conselho do Regimento, formado pelo comandante, auditor e três capitães, idoneidade e filiação.

É possível que os seus futuros colegas, capitães de 1816 e revoltosos do citado Regimento, tenham lhe atestado idoneidade e filiação: Capitães Domingos Teotônio, Jorge Martins Pessôa, José Barros Lima e Amaro Francisco de Moura.

Assim, antes de partir para o Rio, Abreu e Lima havia tomado contato com os três mais influentes núcleos da Revolução Nativista de 1817 em Pernambuco. E com o Regimento de Artilharia, onde era muito grande a animosidade entre oficiais brasileiros e portugueses.

MATRÍCULA NA ACADEMIA REAL MILITAR

Em 10 de setembro de 1811, o Conde de Linhares autorizou a matricula de Abreu e Lima, no ano de 1812, nos estudos da Academia Real Militar nos seguintes termos, em aviso à Junta da Academia:

"Aviso sobre,

JOSÉ IGNÁCIO DE ABREU E LIMA MELLO

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor - O Príncipe Regente nosso Senhor maior, houve por bem conceder licença a JOSÉ IGNÁCIO RIBEIRO DE ABREU E LIMA MELLO, Soldado da oitava Companhia do Regimento de Artilharia da Guarnição da Praça de Pernambuco, para poder matricular-

se nos estudos da Academia Real Militar, ao ano próximo futuro.

Ass: Conde de Linhares".

Em 15 de abril de 1812, o segundo ano de funcionamento da Academia Real Militar no Largo de São Francisco, Abreu e Lima foi matriculado na Academia como segue, conforme o livro de matrícula:

"JOSÉ IGNÁCIO RIBEIRO DE ABREU E LIMA - O José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, soldado de Artilharia de Pernambuco, de idade de dezessete para dezoito anos, foi admitido à matrícula do primeiro ano Matemático na classe obrigatória, por despacho da Junta Militar, em 15 de abril de 1812".

Abreu e Lima ingressou na Academia Real Militar como soldado de Artilharia e não como cadete. A condição de soldado, bem como a de cadete de Artilharia pela Carta de Lei que criou a Academia, caracterizava a classe dos obrigados à graça, distinta dos demais, da classe dos voluntários. Como obrigado, passou a receber o soldo e farinha (alimentação) de sargento de Artilharia, de igual forma que os cadetes de Artilharia. Ainda como obrigado, Abreu e Lima passou a participar, de acordo com a Carta de Lei que criou a Academia Real Militar, com maior rigor dos Exercícios Científicos e a dar aulas teóricas e práticas. Passou a concorrer, ao final do ano com os prêmios (partidos) em dinheiro conferidos aos alunos de maior distinção.

Os obrigados também se distinguiam dos voluntários por estarem sujeitos a praticar no Regimento de Artilharia nos dias em que a Junta da Academia ordenasse, em acordo com o comandante do Regimento e sem prejuízo dos estudos.

Assim, Abreu e Lima não ingressou como cadete na Academia Real Militar, condição conferida aos filhos dos majores de 1ª linha de Portugal e postos superiores e dos mestres de Campo de Auxiliares e Ordenanças e outros que, por seus pais e quatro avós, provassem nobreza notória. Assim, não era exigida nobreza notória para o ingresso na Academia.

Acreditamos que a condição de soldado e de cadete de Artilharia fosse precursora da classe nobre de soldado par-

ticular criada, em 1820, por D. João VI, oito anos depois da matrícula de Abreu e Lima e destinada aos filhos da burguesia, ou a filhos de pais notáveis no mundo civil "pelo emprego ou cabedais". Classe criada com a de segundo cadete destinada aos filhos dos oficiais de 1ª linha no Brasil e aos condecorados, com alguma ordem de Portugal. Como todos os alunos da Academia Real Militar, Abreu e Lima passou a desfrutar os privilégios e franquias concedidos aos alunos da Universidade de Coimbra. Em 1818, decorridos seis anos de sua matrícula, foi permitido que filhos legitimados gozassem privilégios dos pais, para os efeitos do Estatuto do Cadete.

O curso na Academia Real Militar era inicialmente de sete anos. Destes, os quatro primeiros eram "matemáticos", ao final dos quais o aluno era designado oficial do Exército de Portugal, bem como a respectiva Arma. Os três últimos anos eram os "militares": cinco, seis e sete anos. A carta de lei exigia que para sair alferes de Cavalaria e infantaria era necessário o 1º Matemático e o 1º Militar (quinto da escola). O Curso de História Militar foi introduzido no 5º ano da Academia ou 1º Militar.

O executivo da Junta da Academia, cumulativamente com direção de exercícios militares anuais da Academia Real Militar, de ataque e defesa de praças, era o coronel de Engenheiros Mário Jacinto Nogueira da Gama, de fato o primeiro comandante na extensa e honrosa galeria de ex-comandantes ou dirigentes existente na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. O coronel Jacinto atingiu o marechalato e o título de Visconde de Baependi. Foi ministro do Império, deputado, senador e presidente do Senado no Império e autor do primeiro orçamento unificado do Brasil.

Foi na Fazenda de Santa Mônica, por ele construída, em Valença, que passou os últimos 800 dias de vida, e faleceu em 7 de maio de 1880, o Duque de Caxias, aos cuidados de uma das suas filhas, a baronesa de Santa Mônica, casada com o filho do Visconde de Baependi.

A sede daquela fazenda é a única casa ainda de pé ligada ao Duque de Caxias.

NO 1º ANO MATEMÁTICO DA ACADEMIA REAL MILITAR - 1812

Abreu e Lima cursou sucessivamente o 1°, 2° e 3° anos do Curso Matemático e 1° ano do Curso Militar. Deixara a Escola depois de maio de 1816, quando cursava o 4° último ano Matemático. Deduz-se que, como obrigado, tenha praticado durante todo o tempo no Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro. O Duque de Caxias realizara curso equivalente ao de Abreu e Lima. Ou seja, frequentou sucessivamente o 1° Matemático, o 1° Militar, o 2° Matemático e o 3° Matemático. Não chegou a iniciar o 4° Matemático, como fez Abreu e Lima, sem o concluir. As guerras da Independência interromperam as atividades da Academia Real.

A hierarquia escolar funcionava. Abreu e Lima entrou como soldado do Regimento de Artilharia de Pernambuco.

O posto predominante era o de cadete e havia até majores.

Abreu e Lima trazia como vantagem seus conhecimentos de Latim e Francês aprendidos na escola do Convento de Olinda. Isto lhe dava status especial de colocação na cabeça da lista de matrícula e, ao final do curso, uma vantagem para escolha do local para servir, conforme regulamento da Academia.

As matérias previstas no 1º ano eram: Aritmética, Álgebra (equação do 3º e 4º graus), Geometria, Trigonometria Retilínea e noções de Esférica e Desenho. Eram indicadas obras específicas dos seguintes autores franceses:

- Sylvestre François Lacroix (1765-1843) Matemático;
- Adrien Marye La Gendre (1752-1834) Geometria;
- Jean Baptista J. Delambre (1759-1808) Astrônomo;
- Euler Leonard (1707-1783) Geômetra (suíço).

Abreu e Lima continuou como soldado de Artilharia e se mostrou muito assíduo, com só duas faltas em abril e duas em maio, justificadas.

NO 2º ANO MATEMÁTICO DA ACADEMIA REAL MILITAR - 1813

As matérias previstas foram Resoluções de Equações, Analítica, Cálculo Diferencial e Integral, Descritiva e Desenho.

A Carta de Lei indicava as obras específicas dos seguintes mestres franceses:

- Sylvestre François Lacroix (1765-1843) Matemático;
- Gaspar Monge (1746-1818) Geometria.

Durante todo o curso Abreu e Lima continuou como soldado de Artilharia, depois de matriculado em 2 de abril. Seu nome apresentou a supressão do sobrenome Mello. Foi assíduo, com faltas justificadas: quatro em maio, quatro em julho e duas em agosto e outubro.

Ao final do ano, em 24 de novembro de 1813, figurou como furriel do Regimento de Artilharia de Pernambuco, requerendo promoção a 2º Tenente.

NO 3º ANO MATEMÁTICO DA ACADEMIA REAL MILITAR - 1814

Em função de sua dedicação aos estudos, foi matriculado no 3º ano, em 21 de março de 1814, na condição de 2º Tenente do Regimento de Artilharia de Pernambuco e com o nome José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima. De sua assiduidade dizem suas faltas: abril - duas; maio - uma justificada e outra não; junho - uma justificada; julho - três justificadas e três não; agosto idem; setembro - três; outubro - três justificadas; novembro - quatro justificadas. As matérias previstas foram Mecânica (Estática e Dinâmica); Hidráulica (Hidrodinâmica e Hidrostática); Balística e Desenho. Foram indicados os seguintes autores franceses e dois ingleses:

- Louis Benjamin Fracoeur - Mecânica;

- Gaspard Clair François M. Prony (1755-1839) Hidráulica;
- Olinthus Gilbert Gregory (1774-1841) Mecânica (inglês);
- Jean Antoine Fabre (1749-1834) Engenheiro;
- Adabe Charles Bossut (1730-1814) Matemático;
- Etienne Bezout (1730-1783) Matemático;
- Benjamin Robins (1707-1751) Matemático (inglês); e
- Leonard Euler (1707-1783) Geômetra (conhecido como Eulero).

NO 1º ANO MILITAR DA ACADEMIA REAL MILITAR - 1815

Em 5 de março, Abreu e Lima foi matriculado no 1º ano Militar da Academia, que correspondia ao 5º ano do curso completo. Interrompeu assim o Curso Matemático.

Este ano era atribuído a dois professores. O primeiro lecionava Tática, Estratégia, Castramentação (Arte de Acampar), Fortificação de Campanha e Reconhecimento de Terrenos. O segundo professor lecionava Química.

Para assuntos militares devia-se atentar no que de importante havia aparecido sobre a matéria e, em especial, nos escritos dos generais franceses:

- Barão Simon François Gay de Vernon (1760-1822). Havia sido capitão de Engenheiros do Exército Revolucionário Francês em 1790 e servido com distinção no Exército do Reno (1792-93). Como major-general no Exército do Norte ele fez aceitar o plano de campanha do qual resultaram as batalhas de Hondschoote e Menin e a libertação de Dunkerque. Integrou a direção da Escola Politécnica de 1798-1811. Fez a campanha de 1812 e dirigiu, em 1813, a defesa de Torgau. Era autor de duas obras notáveis sobre Fortificações de Campanha.
- Conde de Cessac, Jean Girard Lacuée (1752-1841). Capitão em 1785. Integrou em 1789, Comitê instituído pela Assembleia Francesa para reorganizar o Exército da França. General de Brigada, em 1793, encarregado de organizar a defesa da Fronteira dos Pirineus. Dirigiu o Bureau de Guerra em

1795. Presidente de Secção de Guerra do Conselho de Estado, em 1803. Ministro da Guerra em 1808, Inspetor Geral de Infantaria 1814. Obras:

- O guia de oficial em campanha 1786, 2v;
- Projeto de Organização do Exército Francês 1789; e
- **Arte Militar** (sobre Tática e Estratégia depois da Revolução Francesa).

Portanto, as obras sobre fortificações em campanha do General e Barão Gay de Vernon juntas com as que versaram sobre Artilharia (Estratégia e Tática) e Serviço em Campanha do Conde Cessac tiveram grande influência na formação dos oficiais egressos de nossa Academia Real Militar.

Curiosidade, D. João, obrigado por Napoleão a transferirse para o Brasil com a Família Real Militar baseou o Curso Matemático em cientistas franceses e o Curso Militar em obras de dois generais franceses que se destacaram na formulação da Doutrina Militar da Revolução Francesa, que foi abordada pela Cadeira de História da Academia Militar e de forma sintética na obra:

- AMAN - História da Doutrina Militar na Antiguidade da II GM. Barra Mansa, Gazetilha. 1979 - pp.79-83;

Abreu e Lima estudou nestas obras em 1815 e o futuro Duque de Caxias em 1819.

O curso de Química era baseado nas obras dos seguintes cientistas franceses:

- Antoine Laurenti Lavoisier (1743-1754);
- Louis Nicolas Vauquelin (1763-1825);
- Antonio François Fourcroi (1755-1809); e
- Jean Antoine Chaptal (1752-1832).

O curso de Estratégia, Tática e Serviço em Campanha de Abreu e Lima de 1815 foi complementado com os quatro anos de exercícios práticos no Regimento de Artilharia e mais nas manobras anuais da Academia de ataque e defesa de praças. Isto conferiu a Abreu e Lima uma muito boa formação militar para época e da qual iriam se beneficiar as guerras de libertação da Colômbia, Venezuela, e Peru e os generais de que Abreu e Lima foi Chefe de Estado-Maior.

NO 4º ANO MATEMÁTICO DA ACADEMIA REAL MILITAR - 1816

Abreu e Lima foi matriculado no último ano matemático, em 6 de março de 1816. Sabe-se que frequentou março e abril com 11 faltas justificadas. Daí por diante é um mistério o seu itinerário, que carece ser mais esclarecido.

Sabe-se que em 11 de maio de 1816 havia atingido o posto de Capitão de Artilharia, com 22 anos, a se concluir de requerimento que fez ao Secretário da Junta da Academia, no sentido de que certificasse se ele havia frequentado, ou não, matriculado, o quinto (4º Matemático) da mesma Academia.

Em resposta, deduz-se que havia frequentado matriculado "tendo cometido 11 faltas justificadas na frequência dos meses de março e abril de 1816".

Aí terminam os registros de Abreu e Lima na Academia Real Militar onde ele ascendeu por estudos e valor, em quatro anos, de soldado ao posto de capitão de Artilharia. Seus conhecimentos de francês, em curso à base de obras francesas, devem ter sido de real valor para ele como aluno e monitor.

A Carta de Lei que instituiu a Academia Real Militar, por certo, foi obrigada em seu início a queimar etapas e dispensar diversas exigências. Pois são diversas as omissões ao espírito da Lei. Por exemplo, a idade de ingresso era 15 anos e Abreu e Lima o fez com 18 anos, talvez com a ressalva "de obrigado a graça".

COMPARAÇÃO: FORMAÇÃO DE CAXIAS E ABREU E LIMA

Abreu e Lima frequentou a Academia Real Militar de 1812-16 e o futuro Duque de Caxias, o maior de nossos generais, de 1818-21. Abreu e Lima ingressou aos 18 anos como soldado de Artilharia e "obrigado a graça". Saiu pouco mais de quatro anos depois como capitão de Artilharia, aos 22 anos, depois de ser furriel e 2º tenente.

Caxias ingressou aos 15 anos, como cadete de Infantaria e voluntário. Saiu quatro anos depois como tenente de Infantaria, aos 19 anos, tendo passado por alferes ao final do 2º ano de curso. Na falta de outro parâmetro esta comparação parece falar alto da aplicação e distinção do curso de Abreu e Lima. Caxias galgou a posição de maior de nossos generais sem frequentar outra escola que não da Academia Real Militar.

Ambos foram influenciados pela Doutrina Militar da Revolução Francesa, particularmente através das obras do general e Barão Cessac. Abreu e Lima teve a vantagem do conhecimento da língua francesa na Escola do Seminário de Olinda.

INDEFINIÇÕES NO ITINERÁRIO DE ABREU E LIMA (1816-17)

Não se dispõe de fontes firmes e seguras sobre o itinerário de Abreu e Lima, entre sua saída da Academia Real Militar e sua fuga, com apoio da Maçonaria, para os Estados Unidos em 1817. Da Academia, penso, tenha retornado para o Recife, para o seio de sua unidade de origem - O Regimento de Artilharia, de onde saíra como soldado pouco mais de quatro anos antes. Ali teria encontrado um ambiente hostil e dividido por forte animosidade, entre oficiais brasileiros e oficiais portugueses servindo na Unidade.

Assim, acreditamos que por seu temperamento Abreu e Lima tenha se envolvido num incidente com oficiais portugueses, classificado de indisciplina grave. Inicialmente que teria resultado seu envio preso, para a Fortaleza de São Pedro, em Salvador, "por assuada, resistência e ferimento". Ou seja, por reunir gente armada para motim, resistir à prisão e ferir os que o prenderam. Este fato teve repercussão muito negativa nos seus colegas capitães brasileiros do citado regimento em Recife que

iriam ter papel decisivo na eclosão da Revolução nativista de 1817.

Primeiro, o Capitão Domingos, que estivera na Bahia em contato com os maçons, bem como no Rio de Janeiro, antes de se colocar na liderança militar do movimento nativista de 1817. Segundo, o Capitão José de Barbosa Lima, O Leão Coroado, que ao fulminar com a espada o comandante do Regimento, marcou o início da Revolução de 1817.

Julgamos que Abreu e Lima se envolveu na Revolução e era peça importante da mesma na Bahia. Pois quando seu pai se dirigiu à Bahia e foi preso no caminho com um filho menor, ia com a missão de entender-se com os maçons e visitar seu filho homônimo preso, talvez para conspirar com ele. Lamenta-velmente seu pai foi preso e julgado e Abreu e Lima, como um duplo e muito penoso castigo, foi obrigado a assistir seu fuzilamento. É esta visão do martírio do seu pai pela causa da Independência do Brasil, que por certo o marcou fundo para o resto da vida, o que o faz merecedor de todos os brasileiros de um profundo respeito e admiração. Impressionou-o, sobremodo, o eloquente e histórico exemplo de coragem que seu pai, mártir da Independência, lhe deu ao assim proceder.

O Padre Roma, a 29 de março, véspera do Domingo de Páscoa, marchou serenamente para a morte, depois de reconciliar-se com Deus. Dispensou a venda nos olhos. Volvendo-se para o pelotão de fuzilamento falou, segundo Argel Guimarães, pondo a mão sobre o coração:

"Camaradas eu vos perdôo a minha morte. Lembraivos que aqui é a fonte da vida! Atirai!"

Assim, inscreveu-se heroicamente dentro dos maiores mártires da Independência do Brasil e na lista mais autêntica da nobreza do Brasil independente, a nobreza do martírio pela Independência da Pátria.

Abreu e Lima teve preocupação em demonstrar possuir nobreza de sangue. Se ele possuía não conseguiu provar. E hoje é desnecessário tentar fazê-lo, por possuir ele, como seu pai, a nobreza do martírio e do sofrimento pela Independência do Brasil que ajudaram a conquistar como revolucionários em 1817. Por esta razão devem não só serem considerados, como principalmente tratados como heróis da Independência do Brasil.

Decorridos seis meses do fuzilamento de seu pai Abreu e Lima conseguiu, com apoio da Maçonaria, evadir-se da Fortaleza São Pedro, em fevereiro de 1818. Segundo se conclui de Argeu Guimarães, Abreu e Lima nasceu quando seu pai ainda era padre, e que teve legitimados os filhos por breve apostólico, depois de deixar as vestes sacerdotais.

Sobre a mãe de Abreu e Lima não existem referências. Vamireth Chacon refere-se à firma Viúva Roma e filhos, da qual Abreu e Lima participou com seus irmãos no Recife, depois de mudar-se em definitivo para lá, na época da Revolução Praieira.

O MARTÍRIO DO PADRE ROMA, SEGUNDO SEU FILHO ABREU E LIMA

De retorno ao Brasil e decorridos 26 anos do martírio de seu pai pela causa da Independência do Brasil, Abreu e Lima assim o descreveu em seu **Compêndio de História do Brasil** - 2v:

"No momento em que escrevo estas linhas, tantos anos depois, assalta-me todo o horror daquela tremenda noite. Nela fui quase companheiro da vítima. Era eu que parecia o condenado, e não ele. Vi morrer milhares de homens nos campos de batalha e muitos nos suplícios. Mas, nunca presenciei tanta coragem, tanta abnegação da vida, tanta confiança nos futuros destinos da sua Pátria. Enfim, tanta resignação! Era meu pai quem me animava, porque eu parecia inconsolável. Uma mão de ferro me arrancava o coração. Meu pranto e minha dor comoviam a todos que se achavam presentes. Era mister separar-me, então, para dar alívio às minhas lágrimas. E me conduziam a outra prisão, de onde eu voltava depois, a poder de minhas súplicas. Isto, até que foi forçoso me arrancarem dos braços de meu pai para sempre. Uma circunstância, mais do que todas, vinha, de quando em quando, agravar essa espécie de martírio com que os

algozes de meu pai queriam amargurá-lo ainda mais que tudo. Um moço de compleição muito débil e delicada, fora preso em sua companhia (irmão de Abreu e Lima). E achava-se metido em um dos imundos calaboucos do oratório chamado "Segredo". Nú e estendido sobre a lama, mais parecia um espectro do que ser vivente. Coberto de lodo, faziam-no sair algumas vezes para que meu pai o visse. Nesse momento, terrível para seu coração de pai, parecia comovido. Beijava o meu irmão, e como para distrair-se dirigia a palavra a algum dos sacerdotes que o acompanhavam. Com toda essa prova de tremenda e brutal ferocidade, não fez desmentir, um só instante, a sua resignação como filósofo e como cristão. Chegando ao lugar de suplício, fez um pequeno discurso alusivo à sua situação, desculpando os soldados do ofício de algozes. Depois pediu-lhes que atirassem com sangue-frio para não martirizá-lo. Elevando ambas as mãos algemadas ao peito, fez dela o alvo de seus tiros.

Durante o Conselho de Julgamento protestou contra a sua competência. Defendeu-se sem culpar ninguém. E negou-se a todas as sugestões que lhe fizeram para descobrir o objeto da sua missão. No oratório ninguém lhe ouviu uma queixa contra Pessoa alguma. E no lugar do suplício excedeu em magnanimidade a todos quantos o precederam, na mesma desgraçada sorte.

Os baianos viram como morreu um homem livre. A lição devia ficar-lhes impressa".

Por isto julgamos que José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, pai e filho, são credores do reconhecimento nacional à altura do martírio que esta página traduz.

ABREU E LIMA A SERVIÇO DA GRÃ-COLÔMBIA

Depois de um ano e um mês, desde sua fuga da Bahia, Abreu e Lima chegou em La Guaíra, em outubro de 1817. Ali ingressou como capitão nas forças da Grã-Colômbia (Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá) sob a liderança do General Simon Bolívar. Ao oferecer seus serviços, em carta a Bolívar, declinou sua condição

de egresso da Academia Real Militar no Rio, haver sido instrutor de oficiais em Angola e ter lecionado Matemática. Oferecia seus serviços e sua disposição de sacrificar-se pela Independência da Venezuela.

Lutaram pela mesma causa, segundo Vamireth Chacon, na obra citada sobre Abreu e Lima, o irmão deste, Luiz Ignácio Ribeiro Roma, que o acompanhou desde a Bahia, Francisco Antônio Barreto, Emiliano Benício Mundrucu e o poeta José Natividade Saldanha.

Abreu e Lima ligou-se por laços de admiração e respeito recíprocos aos seguintes generais entre outros da Grã-Colômbia que o comandaram e que regulavam em idade com ele:

Simon Bolívar: Abreu e Lima ligou-se muito a Bolívar, defendeu-o com sua espada e com sua pena. Foi chefe de Estado-Maior do Departamento de Madalena, que protegeu Bolívar até seus derradeiros momentos em Santa Marta.

José Antônio Paez (1790-1873). Foi fundador da Venezuela e seu Presidente por três vezes em 1830, 1838 e 1861. Abreu e Lima ligou-se a fundo a este chefe, cuja esposa Bárbara o tratou como a um filho, quando esteve quase à morte em Maracay. Esteve com o General Paez em Boyacá, Carabobo, Queceras del Médio e Puerto Cabello. Paez promoveu Abreu e Lima a tenente-coronel e a coronel. A ele Abreu e Lima dirigiu, em 1869, uma carta célebre que o Diário de Pernambuco, do Recife, transcreveu em 20 e 21 de março de 1873.

Carlos Soublette. Abreu e Lima foi chefe de Estado-Maior deste general depois da Batalha de Boyacá, percorrendo então o Norte e o Vale do Apure e o Oriente. Soublette foi Ministro da Guerra de Bolívar e depois presidente da Venezuela. Era um talentoso e ilustrado chefe. Abreu e Lima foi honrado em ser por ele requisitado para servir depois de Carabobo.

Rafael Urdaneta (1789-1845) lutou pela Independência de vários países. Foi Presidente Provisório da Colômbia em 1830, cargo que ofereceu a Bolívar e este recusou. Foi ele que promoveu, a pedido de Bolívar, o brasileiro Abreu e Lima a general da Grã-Colômbia em 1830. Urdaneta, deposto com a separação da Colômbia da Grã-Colômbia, foi para a Venezuela onde foi sena-

dor e ministro. Faleceu em Paris quando, na Europa, negociava a Independência da Venezuela. Abreu e Lima fora seu chefe de Estado-Maior no Departamento de Zulia, 1826/27.

Antônio José de Sucre (1795-1830). Um dos mais ilustres imediatos de Bolívar. Libertou o Equador na batalha de Pechincha, 1822 e o Peru, em Aycucho, onde o Coronel Abreu e Lima esteve sob suas ordens. Foi Presidente da Bolívia em 1826-1828. Foi assassinado em 1830, no contexto da guerra civil que resultou a separação da Colômbia da Grã-Colômbia.

Mariano Montilla. Foi o último comandante do General Abreu e Lima no Departamento de Madalena de 1827-1831, onde este exerceu as funções de chefe de Estado-Maior. Foi o General de Divisão Montilla que atestou, oficialmente, os serviços militares à Grã-Colômbia prestados pelo brasileiro Abreu e Lima, e quem traçou o seu perfil militar.

Francisco de Paula Santander (1792-1840). Comandou Abreu e Lima em Boyacá, condecorando-o por sua bravura na conquista da ponte do Boyacá. Recebeu desse general uma medalha de seu uso com a esmeralda de Muzo.

Na guerra civil que resultou na separação da Colômbia, Abreu e Lima brigou com Santander e ficaram em campos opostos. Santander foi duas vezes Vice-Presidente da Colômbia separada.

PRIMEIRA MISSÃO DE ABREU E LIMA

A primeira missão de Abreu e Lima foi como jornalista, no Correio de Orinoco, Angostura, QG de Bolívar, de 13 de fevereiro de 1819 a 23 de março de 1822. Neste jornal defendeu a Revolução de Pernambuco de 1817, na qual seu pai foi martirizado e se contrapôs ao julgamento feito deste movimento nativista, por Hipólito da Costa. Personagem que estudamos em nosso livro Hipólito da Costa, o gaúcho fundador da Imprensa do Brasil (Porto Alegre: Metrópole, AHIMTB/IHTRGS, 2005). Em outro número investiu contra o que classificou de três jugos: a Monarquia absoluta, o fanatismo religioso e os privilégios feudais.

ITINERÁRIO MILITAR DE ABREU E LIMA EM 1819

Abreu e Lima acompanhou Bolívar em 1819, desde seu QG em Angostura (Ciudad Bolívar) no rio Orenoco, através de épica e sofrida travessia dos Andes, para um encontro decisivo com os espanhóis. Isto depois de haver conquistado o apoio dos Lhaneros, cavaleiros do Orenoco, sob a liderança do General José Antônio Paez, que até então apoiavam os espanhóis. Aí teve início a grande amizade de Abreu e Lima com o General Paez. Abreu e Lima teve o seu batismo de fogo em Topaga, contra tropas de elite adestradas por oficiais ingleses de Wellington. Depois de Topaga lutou em Molinos, ambos combates em torno do Pântano de Vargas.

Em 7 de agosto de 1819 tomou parte na Batalha de Boyacá que abriu o caminho para Bogotá e assegurou a Independência da Colômbia, por varrer os espanhóis do Planalto Central da Colômbia e do Vale do Madalena.

ATUAÇÃO NA CONQUISTA DA PONTE DE BOYACÁ

Abreu e Lima, integrando a Vanguarda ao comando de Santander, tomou parte onde a luta foi mais acesa, pela posse da ponte de Boyacá, tendo-a atravessado com os Guias de Música. Foi condecorado por esta participação por Santander. Libertada Bogotá, Abreu e Lima acompanhou a Divisão de Soublete para Norte, na qualidade de seu Chefe de Estado-Maior. Lutou em Cucuta, onde segundo diz, salvou a Divisão. Do Norte da Colômbia veio para o vale do Apure e de lá para o Oriente. Ali foi abandonado moribundo e retornou mais morto que vivo para Angostura. Restabelecido, se dirigiu ao rio Apure para servir como Ajudante-de-Campo do General Paz, ao qual tomara-se de grande amizade e batia-

-se por ele como se fora o seu pai. Paez acolhera Abreu e Lima como se fora um filho, salvo da morte em Maracay por sua esposa Bárbara. Com o Exército de Bolívar e como Ajudante-de-Campo da 1ª Divisão ao Comando de Paez, Abreu e Lima seguiu na direção de Caracas, em 3 abril de 1819. Assistiu de uma colina a batalha de Queseras del Médio, na qual seu líder, o General Paez, com sua Cavalaria Ihanera, mediante um ardil, obteve retumbante vitória sobre o general espanhol Torrilo.

A Abreu e Lima coube redigir como Ajudante-de-Campo a Parte de Combate, onde assinalou:

"O General Paez e seus bravos companheiros se superaram fazendo muito mais do que se devia esperar de seu valor e intrepidez".

Prosseguindo, teve lugar a Batalha de Carabobo, de 24 de junho de 1821. Nela coube à 1ª Divisão de Paez, e atual 1ª Divisão de Infantaria em Maracaibo - Estado de Zulia, na Venezuela, decisivo papel que tivemos oportunidade de estudar em 1979, talvez pela primeira vez na Cadeira de História da AMAN, à luz dos Princípios de Guerra e de Manobra e Elementos, junto com a de Boyacá. Nela o tenente-coronel Abreu e Lima, Ajudante-de-Campo da 1ª Divisão Paez, foi ferido entre outros tantos bravos, por combater no ponto focal e decisivo da batalha. Inclusive de lança em punho, como um simples Ihanero, dentre os 100 que decidiram a batalha. Nesta batalha comparada à de Yorktown, foi destruído o único Exército com o qual a Espanha podia manter o seu poder. A Venezuela teve assim consolidada sua Independência, como República. Nossa análise crítica das batalhas de Boyacá e Carabobo, devem figurar nos arquivos da Cadeira de História Militar da AMAN. Nossos alunos daquela época, dentre eles hoje 15 generais talvez se recordem de nossa abordagem militar crítica creio que pioneira destas batalhas.

Após a vitória de Carabobo, Abreu e Lima participou do encontro vitorioso de Sabana de La Guardia, último obstáculo e conquista de Porto Cabello que seria o maior momento de sua carreira militar.

HERÓI DE PORTO CABELLO

Coube-lhe como Ajudante-de-Campo da 1ª Divisão de Paez comandar uma das colunas sobre o Porto Cabello - o último reduto espanhol no Caribe.

Ali Abreu e Lima atuou como artilheiro, ao organizar e dirigir barragem de Artilharia sobre a cidade, causando danos consideráveis no casario.

Foi, além, o redator dos boletins de combate. Dois em 28 de abril de 1822. Um descrevendo a reunião dos navios de guerra para o bloqueio e o segundo o início do combate noturno. No terceiro, em 3 de maio, anunciou a junção das duas colunas, uma sob seu Comando que irrompeu pela Puerta de la Estacada, o único acesso da tropa espanhola que executava a cobertura externa da estacada que envolvia Puerto Cabello.

Por sua bravura, em Puerto Cabello, o brasileiro Abreu e Lima permaneceu na memória local por muitos anos, conforme assinalaria em 1883 o futuro Barão do Rio Branco.

Em 22 de janeiro de 1824, o General Paez promoveria Abreu e Lima, por competência e bravura, a coronel, aos 30 anos, depois de certa ocasião o haver chamado de guapo ou bravo - o maior elogio que podia partir de Paez.

Neste posto ele tomaria parte na Batalha de Ayacucho, de 12 de fevereiro de 1824, integrando as forças enviadas por Bolívar, ao Comando de Antônio José Sucre. Antes Abreu e Lima fora encarregado de conduzir ao Peru reforços militares, via marítima.

PRENÚNCIOS DA GUERRA CIVIL

Abreu e Lima, ingênuo, foi colhido pelos primeiros ventos da guerra civil. Foi provocado pelo jornalista adverso Antônio Leocádio Gusman do Jornal El Argos. Este insinuou que Abreu e Lima era mercenário, incompetente como militar e que não merecia confiança de Bolívar, em razão de ligar-se à sua sobrinha Benigna. Fez colocações maldosas contra o Brasil em favor da

Argentina, na guerra Cisplatina (1825-28), que ambos sustentavam, e outra série de colocações negativas que comprometiam a imagem de Abreu e Lima, conforme se conclui de Pedro Calmon na História de D. Pedro II. Abreu e Lima "estopim curto", na noite de 9 de setembro de 1825, encontrou o jornalista Gusman na rua e desferiu-lhe golpes de sabre no rosto, o que o obrigou a usar barba pelo resto da vida. Em consequência, sofreu violentos e injustos ataques. Foi submetido a Conselho de Guerra. Houve insinuações que havia sido mandado por Bolívar assassinar Gusman. Existiam em Bogotá desconfianças contra oficiais estrangeiros. Além disso, Abreu e Lima capitalizou as desconfianças que ali existiam contra o Imperador do Brasil. Em 11 de setembro de 1825, defendeu-se Abreu e Lima no Conselho de Generais. Mas em vão. Foi condenado, em 8 outubro de 1825. a seis meses de pena que cumpriu recluso no deserto de Bajo Seco, entre o Lago Maracaibo e Andes, no Departamento de Zulia, tendo inclusive se retirado do servico ativo por petição de 8 de novembro de 1826. Abreu e Lima passou maus momentos de solidão e com a opinião pública em geral voltada contra ele, Gusman chegou ao ponto de ir até o quartel de Abreu e Lima e exigir que seu comandante o executasse à morte. Gusman seria mais tarde Ministro do Interior dos que obrigaram Bolívar, mesmo à morte, a exilar-se. Era pois inimigo poderoso e Abreu e Lima caiu como um anjo em sua armadilha.

A GUERRA CIVIL

Em 1827 Abreu e Lima foi requisitado para chefiar o Estado-Maior do Departamento da Zulia, ao Comando de Urdaneta. Serviu de intermediário parlamentar entre Urdaneta, no Zulia, e Santander, em Bogotá, visando a aplainar divergências entre ambos. Nesta ocasião rompeu com Santander. Em 1827, ainda foi para Bogotá junto com Urdaneta, a pedido de Bolívar. Assumiu a chefia do Estado-Maior do Departamento de Madalena, onde permaneceu até 1831.

Retornando do Peru, Bolívar requisitou os serviços de Abreu

e Lima para fornecer subsídios ao Abade de Pradt, na Europa, para este defendê-lo de graves acusações que Benjamin Constant lhe assacara (não o brasileiro, e sim o francês).

Abreu e Lima escreveu em 1828-30 farto material publicado em jornais e planfletos sob o título *Resumem histórico de la última dictadura del Libertador Simon Bolívar*, comprovada por documentos. Nele Abreu e Lima, com apoio em documento que Bolívar lhe facilitou de seu arquivo, respondeu minuciosamente aos ataques de Benjamin Cosntant.

Este material foi publicado, em 1922, pelo Governo da Venezuela, como homenagem à Independência do Brasil.

Este trabalho foi decisivo para a promoção do brasileiro Abreu e Lima a general-de-brigada do Exército da Colômbia, assinada pelo Presidente Urdaneta, por indicação de Bolívar.

A pressão sob Bolívar aumentou. Houve um atentado contra sua vida. Sucre foi morto numa emboscada. Bolívar doente, com os últimos que se mantiveram fiéis a ele, retirou-se pelo vale do Madalena, para Bogotá e dali para o litoral visando o exílio.

Abreu e Lima, como general, continuou na chefia do Estado-Maior do Departamento de Madalena por onde tinha lugar a retirada de Bolívar, do Departamento sob o comando do general Montilla. Fazia parte da tropa de proteção a Bolívar que terminou falecendo, em 17 de dezembro de 1830, em Santa Marta.

COMANDANTE DA BRIGADA PACIFICADORA DO RIO HACHA

Decorrido uma semana da morte de Bolívar, o General Abreu e Lima reuniu e assumiu o Comando da Brigada Pacificadora del Hacha, composta de Infantaria e Cavalaria de elite dos batalhões do Apure e Yaguachi e Esquadrão de Hussardos da Madalena. Lançou proclamação solidarizando-se com o General Rafael Urdaneta, Presidente da República, sob forte pressão dos colombianos. Em sua proclamação, apoiada por toda a sua tropa, após afirmar

que o Libertador Simon Bolívar havia sucumbido à calamidades públicas, todos reafirmaram os objetivos: defender a Integridade Nacional; obedecer e respeitar o Presidente Urdaneta, penhor dessa Integridade; respeitar a autoridade de Madalena; defender até a morte o santuário das cinzas do Libertador; convocar a solidariedade de todos os militares, para salvar a Colômbia das guerras da anarquia e da guerra civil. Mas a guerra civil veio e Abreu e Lima deu combate a rebeldes na província do rio Hacha e Santa Marta, vencendo-os, inclusive ao chefe Coagirão.

FÉ DE OFÍCIO DO GENERAL BRASILEIRO ABREU E LIMA

Quatro meses da morte de Simon Bolívar, o General Mariano Montilla, Comandante de Abreu e Lima no Departamento de Madalena, firmou a honrosa certidão dos serviços militares prestados pelo brasileiro Abreu e Lima à Independencia da Grã-Colômbia, de 1818-1831, de capitão a general. Em linguagem atual ele atesta o seguinte, com complementos interpretativos do autor entre parênteses.

"Participou de várias campanhas de Independência, com honra e distinção, sendo ferido em Carabobo. Por esta razão obteve a confiança dos primeiros generais da República (Bolívar, Paez, Soublete, Urdaneta, Sucre), e em especial de S.Exa. o Libertador Simon Bolívar. Tomou parte em quase todas as principais batalhas (Boyacá, Carabobo, Porto Cabello e Ayacucho) desde 1818 até a inteira liberdade de Grã-Colômbia (Colômbia, Venezuela, Panamá e Equador atuais). Por sua conduta sempre plena de valor e intrepidez, galgou, sucessivamente, até o posto de general-de-brigada que atualmente exerce. Obteve várias medalhas e distinções (medalha de Boyacá,

Carabobo, Porto Cabello e Libertador da Venezuela). Que esteve sempre no Exército onde obteve comissões importantes e serviu ao lado dos primeiros e mais distinguidos chefes (Bolívar, Paez, Soublete, Urdaneta, Sucre e Santander). Desempenhou comissões muito importantes dentro e fora da Grã-Colômbia (missões no Peru e Estados Unidos). Em todas, portou-se com honradez sem limites e desinteresse inimitável. Nos vários comandos que exerceu, se conduziu com cordura e prudência. Comandando ou obedecendo, foi exemplo de subordinação e ordem e de conduta inatacável. Comandou em 1824 a Esquadra de Divisão enviada da Venezuela em auxílio ao Peru (atuou em Ayacucho). É benemérito em grau heróico e eminente da Pátria (Grã-Colômbia). Em todos os acontecimentos políticos Abreu e Lima mostrou firmeza e caráter, e sobretudo lealdade e bondade a toda prova.

Nos três anos e meio que serviu sob minhas ordens neste Departamento de Madalena, desempenhou graves e delicadas comissões. Ele foi o chefe que, por sua moderação e sagacidade, pacificou as províncias do rio Hacha e de Santa Marta, depois de bater os grupos rebeldes em diversos encontros. Sua conduta foi sempre pela República da Grã-Colômbia e pelos serviços e pautada por lealdade, firmeza e honradez. Foi um dos chefes militares que mais mereceram em todas as épocas a minha particular confiança, amizade e estima, bem como a do Governo".

A certidão firmada pelo próprio General Montilla, em Cartagena, em 24 de abril 1831, honra a Abreu e Lima, a Academia Real Militar do Brasil onde estudou e o Brasil, principalmente por estas adjetivações: Valor e intrepidez, honradez sem limites, desinteresse inimitável, exemplo de subordinação, ordem e de conduta inatacável, firmeza de caráter, lealdade e bondade a toda prova, cordura e prudência.

RETORNO AO BRASIL

Abreu e Lima com vitória das forças que combatiam ao lado de Bolívar e se sagraram vitoriosas na separação da Colômbia, sofreria como outros próceres as naturais represálias. Estas, consistentes em prisões, expulsões ou convites para deixarem a Colômbia sob o falso estigma de "desafetos ao sistema constitucional e suspeitos à causa pública".

Abreu e Lima foi expulso da Colômbia junto com os últimos fiéis a Bolívar até o fim, por Decreto de 9 de agosto de 1831, do novo Ministro da Guerra, General José Maria Obando (1792-1861). Este com a deposição de Urdaneta da Presidência, presidiu a Colômbia 5 meses em 1831, sendo eleito mais tarde Presidente. Obando morreu em combate, em 1861, quando tentava derrubar a Confederação Granadina.

Abreu e Lima retornou ao Brasil, depois de uma breve estada na Europa onde esteve com D. Pedro I. Aqui passou a lutar pelo retorno de D. Pedro ou de sua irmã como regente, pelo jornal **O Raio de Júpiter**. O governo reconheceu estar ele na plenitude de seus direitos de brasileiro e de seu título de general e medalhas ganhas na Independência da Venezuela, Colômbia e Peru.

Em 1840, decidida a maioridade, usou pela última vez seu uniforme de general de Bolívar ao visitar o Imperador D. Pedro II.

Depois enterrou o militar e dedicou-se, até morrer, ao ofício de escritor (jornalista, filósofo, historiador), atividades amplamente abordadas por Vamireth Chacon em sua obra específica, por Barbosa Lima Sobrinho em A Defesa Nacional de 1965 e por José Honório em Teoria da História do Brasil e em História e Historiadores do Brasil.

Neste contexto chegou a ser condenado à pena perpétua, logo comutada, por acusações de envolvimento na Revolução Praieira, em Pernambuco.

Em 15 de agosto de 1948, através do jornal **A Barca de São Pedro,** no Recife, escreveu sobre um "Estado-Maior de um Exército", artigo a merecer uma análise específica quando localizado.

OPINIÃO DE ABREU E LIMA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

Ao escrever ao General Paez em 18 de setembro de 1868, Abreu e Lima retomou os assuntos militares. Evocou sua atuação militar na Grã-Colômbia e terminou por fazer as seguintes considerações ao seu comandante em Carabobo:

"General Paez, saiba que os brasileiros são tão valentes como os venezuelanos. E mais, que a Cavalaria do Rio Grande do Sul não é inferior à de Aguera".

Sobre a Guerra do Paraguai em curso e no seu terceiro ano referiu ao General Paez:

"Se V. conhece as nossas cidades, o nosso comércio, a nossa riqueza territorial, a nossa população, se espantaria de ver que semelhante povo gastaria três anos em uma guerra que teria durado quando muito seis meses, se tivéssemos um bom general ou um almirante sequer".

Mal sabia Abreu e Lima que este grande general, egresso como ele cinco anos mais tarde da Academia Real Militar, estava justamente aparecendo com duas manobras consagradoras de seu gênio militar na História Militar Mundial.

Era o Marquês de Caxias que havia flanqueado Humaitá por terra e água e feito cair pela manobra o principal objeto militar da guerra - A Fortaleza de Humaitá, a Sebastopol Americana, utilizando, para reconhecimentos balões operados pelos irmãos Allen, veteranos do Exército do Norte na Guerra de Secessão nos EUA, conforme revelou-nos o historiador de nossa Força Aérea - Brigadeiro Nelson Lavanére Wanderley. E hoje patrono da Delegacia da AHIMTB em Santos Dumont.

E mais, que tinha iniciado na época da carta de Abreu e Lima a Paez, a preparar a célebre Manobra de Piquiciri, que tornou possível envolver aquela posição fortificada através de Estrada Estratégica, construída sobre o Chaco, pelos Corpos de Pontoneiros e de Engenheiros do Exército, sob inspiração do general baiano Argolo Ferrão.

Estrada que permitiu ao Marquês de Caxias desembarcar na retaguarda profunda do Exército adversário, em São Fernando, entre Assunção e o Grosso do Exército Adversário. Ação memorável que permitiu ao Marquês de Caxias na série de batalhas de Dezembro - Dezembrada de 1868, destruir a capacidade tática defensiva do Marechal Solano Lopes e abrir caminho para a conquista do objetivo político da guerra - a capital Assunção.

Manobra que consagrou Caxias na galeria dos grandes generais e onde ele correu o Risco Calculado, ao arriscar o princípio de guerra da **Segurança** em benefício do princípio de guerra da **Surpresa**. Esta obtida com o desembarque em Santo Antônio na Retaguarda profunda do adversário. Surpresa Estratégica, condição rara na História Militar da Humanidade.

EXPLICAÇÃO DA DURAÇÃO PROLONGADA DA GUERRA DO PARAGUAI

Para a duração prolongada da guerra, já com três anos, segundo Abreu e Lima, tenho as seguintes explicações:

O Brasil teve de enfrentar uma enorme Distância de Apoio Logístico, desde o Rio de Janeiro até o Passo da Pátria. O cordão umbilical Rio-Exército em Campanha, foi assegurado por nossa Marinha de Guerra, através de quilômetros de mar e rios.

A distância de Apoio Logístico foi sem dúvida um grande general adversário. Ele foi enfrentado pelos russos na guerra Russo-Japonesa de 1904 e pelos ingleses na guerra dos Boers - 1895. E, em data recente, ainda pelos ingleses na guerra das Malvinas, onde tiveram que montar verdadeiras bases logísticas flutuantes.

O Teatro da Guerra do Paraguai desenvolveu-se ao longo do rio Paraguai, dominado por fortificações fluviais de porte de grande valor defensivo como Curuzú, Curupaiti e Humaitá. Fortalezas erigidas sobre a margem esquerda, cheia de obstáculos naturais e desconhecidos do Exército Aliado, que não dispunha de cartas, esboços e informações sobre o terreno. Informações que eram obtidas em desgastantes reconhecimentos de Cavalaria à viva força, numa extensa planície, sem dominâncias de vistas e fogos.

Assim, escrevi certa feita que o Brasil enfrentou os seguintes generais adversários:

Distâncias de Apoio Logístico, o **general Terreno**, desconhecido e difícil por natureza e agravado por fortificações. E mais os **generais Tifo e Cólera** que ceifaram milhares de vidas brasileiras e aliadas. E os chefes e soldados paraguaios valorosos souberam tirar o melhor partido dessas circunstâncias adversas aos aliados.

CONCLUSÃO

Abreu e Lima ingressou como soldado de Artilharia, na Academia Real Militar, com 18 anos, dela se desligando como capitão de Artilharia em 1816. Seu pai, fuzilado na Bahia, à sua frente, é mártir da Independência do Brasil, ao nível de Tiradentes. Abreu e Lima merece, pelo martírio do pai, pela Independência e sua participação e sofrimento naquele movimento nativista, o respeito de todos os brasileiros. A servico da Grã-Colômbia honrou como soldado o curso que tirou na Academia Real Militar, e que colocou a serviço da Independência de Nações Irmãs como atesta a lisonjeira Fé de Ofício passada por seu último comandante, o General Montilla. Ele desfrutou da consideração, respeito e amizade de Símon Bolívar e de seus mais destacados generais. Lutou na Grã-Colômbia não pela República, mas pela sua Independência. Pois se conservou monarquista constitucional, como sistema capaz de manter a Unidade do Brasil como a história o provou. General de Bolívar, teve este título e condecorações reconhecidas pelo Brasil. Foi um liberal clássico e um socialista utópico, com nenhuma conotação com o Socialismo Europeu e o Comunismo, como pretenderam alguns que o tem explorado indevidamente sob estes aspectos. Foi escritor e jornalista de vocação e soldado de contingência, pensador político fecundo, patriota acendrado. Lutou e sofreu como poucos em defesa da Liberdade de Consciência. Sofreu até depois da morte, em razão de seus restos mortais serem recusados em cemitério público pelo bispo D. Cardoso Ayres. Apesar de protestos populares, a negativa consumou-se. Católico ecumênico e maçom grau 33, não teve a sorte do Visconde de Inhaúma, Joaquim José Ignácio, cujo veto de sepultamento em cemitério público por D. Pedro Maria Lacerda - Bispo no Rio de Janeiro, foi derrubado à força de sua condição de Vice-almirante da Marinha Imperial do Brasil, e de grande herói da guerra do Paraguai, como comandante em chefe das Forças Navais Brasileiras na guerra e depois Chefe do Estado-Maior da Armada e Ministro da Marinha.

Abreu e Lima, desde 1937, é patrono da cadeira 35 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, ao lado do Duque de Caxias, cadeira 58 e do Visconde de Inhaúma - cadeira 77. Leva seu nome uma instituição cultural da Venezuela.

Ele está a merecer um julgamento sereno no Tribunal da História do Brasil e a consagração merecida depois de tanto silêncio em torno de sua vida e obra. Silêncio em parte pela exploração indevida de seu nome por comunistas que, assim procedendo, rezaram em vão, em sepultura indevida, e de longa data, particularmente no Recife; por verem em Abreu e Lima o que ele não foi e sim o que eles desejariam que fosse. Um meio de reparar a incompreensão e confusão em torno da real projeção de sua vida e obra na Colômbia, Venezuela e Brasil seria as transformar numa co-produção cinematográfica. Obra que consagraria seu pai como mártir da Independência do Brasil na revolução nativista precursora de Pernambuco de 1817.

E a vida aventurosa de Abreu e Lima se presta a um filme. Possui todos os ingredientes para tornar-se um sucesso na América do Sul. E mais do que isto, um elo de compreensão e maior aproximação entre o Brasil e o restante da América do Sul, como prova que tudo daqui para a frente deve nos unir e nada nos separar no grande futuro para a América do Sul, que está demorando a chegar por falta de uma maior unidade de esforços entre seus países.

POSFÁCIO



Ilustre filho de Canguçu - RS, o Cel Cláudio Moreira Bento consagrou-se como o historiador do Exército, e como ilustre e fecundo pensador militar brasileiro.

Já na década de 70, egresso da Escola de Estado-Maior do Exército iniciava seu trabalho, desenvolvido na vertente exploratória do valioso patrimônio histórico e cultural do Exército datando de mais de 5 séculos, sob a ótica da História Militar Crítica, atividade profissional militar tão relevante, mormente para os Oficiais de Estado-Maior, tantos dos quais se aprimoraram neste particular mediante a leitura do seu emblemático trabalho **Como Estudar e Pesquisar a História do Exército**, editado como manual pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e 1999.

O foco no aprimoramento constante de uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira genuína, um sonho acalentado em 1861 pelo Duque de Caxias como Ministro do Exército e Chefe de Estado do Brasil como Ministro Chefe do Gabinete de Ministros. Isto fica evidente nas obras do Cel Bento, vivificando os exemplos cunhados por grandes chefes militares, com o passar dos séculos, dentre os quais pontificou pioneiramente Caxias, Patrono do Exército e da AHIMTB.

Uma importante vertente da sua produção cultural refere-se à AMAN, a sua mãe profissional, do que muito se orgulha, e a região de Resende/Itatiaia-RJ, que escolheu como morada, onde se situa a sede da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), acolhida pela AMAN ao abrigo de suas instalações. Não surpreende portanto que seja o historiador que mais tem colecionado, produzido e divulgado a história da AMAN e de suas antecessoras, conforme registra a bibliografia ao final.

Assim, foi com dupla satisfação que acabo de ter o privilégio de ler em primeira mão os originais de seu livro comemorativo dos 200 anos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Além de merecer a sua amizade e confiança, haja visto a honra desfrutada nos últimos anos de colaborar com a AHIMTB que fundou e preside, sou ainda um ex-aluno da tradicional Polytechnica, a Alma Mater da Engenharia Brasileira, tal qual a AMAN descendente da mesma raiz, que há 200 Anos vem formando Engenheiros e Soldados para o Brasil.

Esta magnífica obra é mais uma grande realização do autor na linha editorial que vem comemorando importantes datas magnas da nossa cidadania, como os Bi-Centenários de Caxias, Osório, Conde de Porto Alegre e Sampaio, focalizados em extensivos volumes lançados tempestivamente pela ACADEMIA, marcando assim estas importantes efemérides, como agora ocorre com os 200 anos da AMAN.

Ao receber os originais, nem pude esperar pelo dia seguinte, atravessando a madrugada na leitura entusiasmada daquelas páginas plenas da história dos bancos escolares do Largo de São Francico onde um dia lá tomaram assento eminentes e carismáticos vultos da nacionalidade, como o Duque de Caxias e o General Aurélio de Lyra Tavares, que ali formou-se Engenheiro Civil, para citar apenas dois, e onde eu mesmo ainda tão jovem absorvia as lições de eminentes mestres, envolvido e contagiado pela riqueza que emanava das paredes daquele magnífico prédio do Largo da Cruz de São Francisco, destinado a se tornar uma Catedral, mas que D. João VI mandou servir ao ensino, aquelas paredes impregnadas de história e de glórias, hoje tão abandonadas pelo Poder Público.

Adentrando o prédio do Largo, não podemos deixar de recordar aqueles velhos tempos. Não foi por uma mera coincidência que dali saíram os Estudantes Expedicionários, tantos colegas para o CPOR, na paz ou na guerra. Os alunos da Politécnica hoje na Ilha do Fundão, do Instituto Militar de Engenharia (IME) na Praia Vermelha e os Cadetes da AMAN em Resende trazem consigo a herança das ricas tradições da Aula de Engenharia e Fortificações.

Uma história fantástica e tão pouco conhecida, a Real Academia que funcionou na Casa do Trem da Artilharia, onde hoje está o Museu Histórico Nacional (MHN) que formava para o Brasil Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e engenheiros militares e civis. Real Academia resgatada pelo meu saudoso mestre dos mistérios da Estatística no 1º Ano, Professor Paulo Pardal, e interpretada pelo Cel Cláudio Moreira Bento, "como a pioneira do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil, com seu curso de formação de engenheiros civis". Nascia pois a Engenharia Brasileira em berço militar, logo construindo fortificações para defender a então Colônia.

No Sesquicentenário da AMAN e da Politécnica, eis que são irmãs, uma placa comemorativa foi colocada em 23 de abril de 1961 no prédio do Largo de São Francisco, pelo Exército.

Outra placa, está afixada na sede da Associação dos Antigos Alunos da Escola Polytécnica (A3P) por ve-

teranos da FEB imortaliza os nomes dos 9 estudantes expedicionários que interromperam o curso para ir lutar pela Democracia e Liberdade Mundial na Itália:

Djalma Dutra Ururahy
Glauco de Castro Silva
João Ribeiro Natal
Kalil Rubez Primo
Luiz Andrade Cunha
Maurício Carneiro da Luz
Murilo Moraes Leal
Salomão Malina
Zeferino Cattapretta de Faria

Defronte a essa histórica placa a Academia de História Militar Terrestre do Brasil e a A3P - Associação dos Antigos Alunos da Escola Politécnica, em sessão conjunta de 12 de junho de 2008 empossaram como acadêmico o Prof. Engº. Pedro Carlos da Silva Telles, por sua notável contribuição a História da Engenharia Brasileira, na cadeira que tem por patrono o inesquecível historiador Pedro Calmon.

Recebendo o novel Acadêmico, a Academia fez justiça ao distinto ex-aluno e professor da Casa, que mui justamente ombreia entre tantos expoentes da nacionalidade que ali estudaram e lecionaram, como Rebouças, Capanema, Pereira Passos, Saturnino de Brito, Joppert, Costa Nunes, os Cantanhede, Hélio de Almeida, Simonsen, e onde foram Diretores José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco e Paulo de Frontin, o Principe da Engenharia.

Que este livro, escrito com muito amor e emoção, pelo Cel Bento, como sei perfeitamente, seja disseminado pelas nossas escolas, AMAN, IME e Polytechnica; que seus cadetes e alunos saibam que a sua retaguarda histórica foi defendida por tantos luminares da Nacionalidade, patriotas seja empunhando o sabre ou o esquadro, todos

contribuindo igualmente para fazer deste Brasil a grande nação que todos desejamos seguir edificando.

Ten R/2 Art, Prof. e Engº. Israel Blajberg Acadêmico, 3º Vice-Presidente da AHIMTB e Delegado no Rio de Janeiro, Delegacia Marechal João Baptista de Mattos iblaj@telecom.uff.br

PRESERVADORES DA HISTÓRIA DA CASA DO TREM À AMAN

Tem tido atuação relevante, cronologicamente, na preservação da Memória da AMAN desde o seu tempo de Academia Real em 1810, os seguintes oficiais: Ten Cel Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, Ten Cel Joaquim Marques da Cunha, Gen Adailton Pirassununga (patrono da cadeira 1 da AHIMTB), Mal José Pessôa (patrono da cadeira 29 da AHIMTB), Cel Floriano de Lima Brayner, Gen Nestor Souto de Oliveira, Gen Moacir Lopes de Resende (patrono da cadeira 46 da AHIMTB), Cel Francisco Ruas Santos (patrono em vida da cadeira 33 da AHIMTB), Gen Carlos de Meira Mattos (acadêmico emérito e patrono de Cadeira Especial da AHIMTB) e Gen Francisco de Paula Azevedo Pondé (patrono da cadeira 32 da AHIMTB). Este último preservou a memória da AMAN através de esclarecedora pesquisa histórica, com base documental, sobre a Academia Real Militar de 1810, considerada raiz histórica da AMAN, na qual revela e publica, inclusive, requerimentos feitos pelo então Cadete Luís Alves de Lima e Silva do 1º Regimento de Infantaria, o atual Batalhão Sampaio.

Em 1990 veio a lume uma magnífica contribuição à História do Ensino no Exército desde 1810, na Academia Real Militar considerada, por decreto presidencial, pelo antropólogo e historiador do Centro de História Contemporânea da Fundação Vargas, Celso Castro, em O Espírito Militar - um estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas

Negras (Rio: Zahar Editor, 1990). É uma visão histórica excelente, vista de fora da evolução do ensino militar no Exército de 1810-1990, e que integra e interpreta de maneira competente todos os elementos fracionados e esparsos. Demonstra que o atual padrão de ensino voltado para o profissionalismo militar só foi concretizado antes da AMAN, no Realengo, em 1919-21, com a chamada Missão Indígena, criada pelo Chefe do EME General Bento Ribeiro Carneiro Monteiro. A espada deste chefe passou a integrar o acervo da AMAN em 19 de novembro de 1993, após a entregarmos solenemente, representando a sua família. Aliás, obra que é completada pelo livro A Escola Militar de Porto Alegre 1853-1911 (Porto Alegre: UFRGS, 1993) do professor Laudelino Medeiros e mais, o Um Soldado do Império - general Tibúrcio e o seu tempo (Rio: José Olympio, 1978) de José Aurélio Saraiva Câmara, patrono da Delegacia da AHIMTB no Ceará. Por eles é possível terse uma segura e científica perspectiva histórica da formação acadêmica de oficiais do Exército no Brasil desde 1792, fundação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho que antecedeu a Academia Real, considerada por decreto do Presidente Vargas como a raiz ou ponto de partida da AMAN. Contribuímos para a História do ensino não só do Exército como da Marinha e da Aeronáutica e, particularmente para a iconografia das mesmas, com Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil (1792-1987) (Rio, FHE-POUPEX, 1987).

E mais, entre outras obras, com 1994 - Academia Militar das Agulhas Negras - Jubileu de Ouro em Resende. (Resende: Sociedade Resendense de Amigos da AMAN, 1994), Resende - História Militar 1744/2001. (Resende: AHIMTB, 2001) e Os 60 anos da AMAN em Resende (Resende: AHIMTB, 2004). E fomos além, ao publicarmos plaqueta pela AHIMTB em 2000 intitulada: Projeção da Comunidade da AMAN na Comunidade de Resende e do Médio Vale do Paraíba. Esta plaqueta foi apresentada em Quatis no XV Simpósio do IEV de 13 a 16 Jul 2000, bem como nossos livros em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis História do Casa-

rão da Várzea 1885-2008 e Escolas Militares de Rio Pardo 1858-1911. Nas fontes consultadas, ao final, indicamos outras fontes, inclusive as por nós produzidas, que podem servir a qualquer tempo para reconstruir a História da AMAN ou aspectos a ela referentes, como em 1996, a primeira publicação da AHIMTB, a plaqueta de nossa lavra, O Vale do Paraíba na História Militar do Brasil, abordando a evolução da presença militar no Vale. Também, a partir de 1903, o início da fixação, na região, de unidades do Exército, abordando as revoluções que envolveram o Paraíba de 1842-1964, com ênfase na Revolução de 32, cuja frente principal foi o Vale do Paraíba, que presenciou a primeira e única batalha aérea travada no Brasil.

Nesta batalha, Resende sofreu o primeiro bombardeio noturno por um avião revolucionário, que jogou 3 bombas na periferia da cidade, o que detalhamos em artigo "Operações da Aviação do Exército em Resende na Revolução de 1932" na revista **A Defesa Nacional**, n° 775, Jan/Mar 1997.

Participaram deste esforço, relativamente à Real Academia de Fortificação e Desenho, o historiador Paulo Pardal, e relativamente à Academia Real Militar os historiadores Mário Barata, Pedro Carlos da Silva Teles e Israel Blajberg, integrantes da Associação de ex-alunos da Escola Politécnica, que tem sua sede no edifício onde funcionou a Academia Real Militar de 1811-1858. E outras colaborações constam da Bibliografia desta obra.

Outras iniciativas estão sendo tomadas, como o livro *O Bicentenário da Instação em 23 de abril de 1811, na Casa do Trem da Academia Real,* e um retrospecto histórico até nossos dias, por oficiais contratados pela AMAN, sob a coordenação do acadêmico Cel Carlos Roberto Peres, que vêm desenvolvendo este Projeto e com o qual colaboramos com vários subsídios e sugestões em pen-drive entregues ao Cel Peres, depois de examinarmos os originais do projeto em curso, já bem adiantado. E com as fontes de História relacionadas ao final e disponíveis na sede da AHIMTB esperamos que surjam outros trabalhos sobre o assunto da formação de Oficiais do Exército do Brasil.

UMA INJUSTIÇA CINQUENTENÁRIA AO MARECHAL JOSÉ PESSÔA EM BRASÍLIA A SER REPARADA

Desde o centenário do Marechal José Pessôa, de cujas comemorações participamos e, principalmente com artigo na **Revista do Clube Militar** a ele dedicada com ex-presidente desta instituição e na qual o focalizamos, pioneiramente, como historiador e escritor militar.

Foi então que tomamos conhecimento de haver sido ele o pioneiro do Planejamento de Brasília o que ele traduziu no livro **Nova Metrópole do Brasil – relatório geral de sua localização.** Rio de Janeiro: Imprensa Militar,1958.

O Marechal José Pessõa nomeado para esta comissão pelo Presidente Getúlio Vargas seguiu para Brasília em fevereiro de 1955, mês em que no dia 15 de fevereiro foi declarada Aspirantes a Oficiais minha Turma denominada Aspirante Mega que este ano comemora 55 anos de formada na AMAN, 25 anos depois do Marechal haver a idealizado e a projetada como uma promessa da vitoriosa Revolução de 30, liderada por Getúlio Vargas e que a cumpriu.

E em menos de um ano em 1955 o Marechal José Pessôa apresentou o seu projeto de Plano Piloto para a Nova Capital, cujo nome de sua preferência deveria ser Vera Cruz.

E por esta admiração iniciada em 1978, quando iniciamos nossa atividade de instrutor de História Militar na AMAN foi que conhecemos em detalhes e muito divulgamos a sua obra como comandante do Realengo e de lá o idealizador da AMAN, em plaquetas sobre a História da AMAN e, em especial sobre o Espadim de Caxias, por ele idealizado e criado como cópia reduzida em escala da invencível espada em 6 campanhas do Duque de Caxias, patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e onde ela figura em seu brasão como a maior espada do Brasil.

E fruto desta admiração, ao fundarmos, em 1992 a Academia Resendense de História (ARDHIS) o colocamos como pa-

trono de cadeira a qual destinamos ao Cel ME Ney Paulo Panizutti e ocupamos a cadeira do até então injustiçado e esquecido Conde de Resende, o fundador em 1792 do Ensino Militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil e da cidade e município de Resende.

E depois, em 1996, ao fundarmos em Resende, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e que desde então a presidimos, colocamos o Marechal José Pessôa como patrono de sua cadeira 22. E a inauguramos como seu primeiro acadêmico a ocupá-la. E fizemos seu elogio como patrono em livro organizado pelo o então 1º vice-presidente da AHIMTB, o acadêmico Cel Arivaldo Silveira Fontes (falecido), ex- presidente do SENAI e então presidente da Fundação Osório, e cuja vida e obra notável a abordamos no citado livro, ao o recebermos como acadêmico na cadeira 12 Gen Estevão Leitão de Carvalho.

Mais tarde, por elevado acadêmico emérito por ato do 1º vice-presidente citado, mas continuando vinculado a cadeira Marechal José Pessôa foi eleito para assumí-la o Gen Ex Gleuber Vieira, ex-comandante do Exército, e que como chefe do atual DCEEx, Chefe do Estado-Maior do Exército ME e ministro e depois comandante do Exército, havia dado grande incentivo às atividades de História Militar no Exército, a introduzindo no currículo das escolas do Exército que não possuíam esta matéria. Elevado à Acadêmico Emérito e continuando vinculado a cadeira ela foi assumida como acadêmico pelo Gen Ex Gilberto Barbosa Figueiredo, atual presidente do Clube Militar.

E inconformados com a injusta ausência do Marechal José Pessôa na História de Brasília de que ele fora o pioneiro de seu planejamento, lá criamos, no Colégio Militar de Brasília a Delegacia da AHIMTB Marechal José Pessôa, para lutar, para que seu nome fosse lembrado e cultuado pelos brasilienses, como ato de justiça na voz da História, dentro, do que eu penso e defendo, como historiador. Ou seja, de que **História é verdade e justiça!**

E a partir de então começamos a ouvir seu nome como pioneiro do Planejamento de Brasília e de uma notável e basilar providência por ele tomada, a de conseguir a desapropriação das terras onde se ergue Brasília com o governador de Goiás, em razão de não o ter conseguido como o Presidente Café Filho, presidente que sucedeu o presidente Getúlio Vargas, e de longa data seu admirador e que o nomeara para realizar aquela estratégica missão, considerada o problema geopolítico nº. 2 do Brasil, a transferência de sua capital para o Planalto Central.

Há 50 anos esta injustiça persiste, a AHIMTB tentou através de sua Delegacia e 1° Vice-presidência em Brasília chefiadas pelo acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim, fazer uma homenagem a este esquecido pioneiro do Planejamento de Brasília consistente na criação de um parque denominado Marechal José Pessôa no local onde está o Bairro Noroeste. O projeto foi apresentado à Câmara Distrital de Brasília e por ela aprovado, mas não executado pelo Governador ora cassado. E, assim, a ideia do Parque Marechal José Pessôa ficou em compasso de espera. Este ano do cinquentenário seria apropriado para este justo resgate. E mais, inserir o seu nome no livro de aço no Panteon dos heróis do Brasil pelo conjunto de sua grande obra que abordarmos neste livro elo 2010 - 200 anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras.

O pioneirismo do Marechal José Pessôa no Planejamento de Brasília foi comunicado a todo o Brasil pelo jornalista Alexandre Garcia pelo Jornal da Globo, e culminou o caracterizando como "Um talentoso e genial profeta", agora conhecido dos brasileiros. Isto por haver o Marechal José Pessôa solicitado em março de 1956 ao Presidente Juscelino liberação da missão que lhe fora confiada pelo Presidente Getúlio Vargas, por discordar da venda de lotes antes de estar concluído o projeto urbanístico da Nova Capital, o que teria conduzido Brasília, em especial a sua periferia, ao caos atual de crescimento desordenado, sem planejamento e cuidados ambientais. E o Professor da UNB, Arquiteto Cláudio Queiroz apresentou o Marechal José Pessôa, "como um dos Tiradentes da História do Brasil" e em realidade O pioneiro do Planejamento de Brasília que poderia ter sido postergado, o projeto Nova Capital ou mesmo sido atrasado, bem como as estratégicas repercussões geopolíticas que provocou, como a ampliação do Triangulo do Poder com vértices no Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte para um amplo Quadrilátero do Poder com mais um vértice - Brasília.

Antes da chegada de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, o Marechal José Pessôa deixara prontos para esta equipe do Presidente Juscelino, os alicerces de Brasília inclusive que a água viria do rio São Bartolomeu e a energia do rio Corumbá, a rede de esgotos e a ideia do Lago Paranoá segundo um jovem apresentador da reportagem.

Hoje o Marechal José Pessôa e o construtor de Brasília, o Cel Médico da Polícia Militar de Minas Gerais, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira são patronos de cadeira na AHIMTB. O Cel Juscelino da PMMG foi eleito no ano de seu centenário, em razão da sua atuação como médico militar na Revolução de 1932 no túnel da Mantiqueira, quando elaborou circunstanciado relatório da resistência épica ali praticada pela Policia Militar de Minas Gerais, conforme se conclui no Museu da Polícia Militar Mineira que visitamos em sua Academia Militar. Ocupa esta cadeira o Cel PMMG Affonso Heliodoro dos Santos, ex-colaborador do Presidente Juscelino e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal onde muito justamente é cultuada a memória do Construtor de Brasília e, aos poucos, progressivamente, a memória do esquecido Planejador Pioneiro de Brasília - o Marechal José Pessôa. Nesta reportagem prestou seu depoimento Ernesto Silva que foi o secretário do Marechal que ele caracterizou como:

"Um administrador nato, homem sério ao extremo, amante do trabalho, com grande conceito nas Forças Armadas e na Sociedade".

Em resumo um notável exemplo para ser seguido pela juventude militar egressa da Academia Militar das Agulhas Negras onde o Marechal José Pessôa passou o seu último dia no serviço ativo e declarou que ela havia sido "O MAIOR SONHO DE SUA VIDA".

E também um grande exemplo para os alunos egressos do Colégio Militar de Brasília, sede da Delegacia da AHIMTB Marechal José Pessôa.

(Artigo do autor, transcrito do Informativo **O GUARARAPES** especial de 1º de janeiro de 2010 que publica relatório anual de atividades em 2009 da Delegacia de Brasília Marechal José Pessôa assinado por seu Delgado Acadêmico Emérito Gen Div Arnaldo Serafim. 1º Vice-Presidente da AHIMTB)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E HEMEROGRÁFICAS DAS ESCOLAS MILITARES

No sentido de preservar não só a História da AMAN, como a de suas antecessoras, alinhamos a seguir as principais fontes que conhecemos ou produzimos, a partir das quais ela poderá ser restaurada no todo ou em determinados aspectos, desde que sejam as mesmas preservadas. E também que sirvam de referências para futuras pesquisas sobre este tema.

Convenções

ACIAR - Associação de Comércio, Ind. e Agrop. de Resende

ACIDHIS - Academia Itatiaiense de História

AEDB - Associação Educacional Dom Bosco

AHEx - Arquivo Histórico do Exército Rio

AHIMTB - Academia de História Militar Terrestre do Brasil

AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras - Resende

ARDHIS - Academia Resendense de História

ARM - Academia Real Militar - Largo de São Francisco - Rio

AN - Arquivo Nacional-Rio

AGA - Ajudância Geral da AMAN

APCMB - Arquivo Pessoal do Cel Cláudio Moreira Bento

BA - Bibliotecas da AMAN

BACV - Biblioteca e Arquivo Cosme Velho - Rio

BE - Biblioteca do Exército - Rio

CDocEx - Centro de Documentação do Exército - Brasília

DEA - Divisão de Ensino da AMAN

RDN - Revista A Defesa Nacional

EGPA - Escola de Guerra de Porto Alegre

EMPV - Escola Militar da Praia Vermelha - Rio

EMR - Escola Militar do Realengo - Rio

EMRes - Escola Militar de Resende (1944-51)

LOC - Arquivos que possuem a fonte

MA - Museu Escolar da AMAN - Resende

RNA - Revista Nação Armada - AMAN, Resende

RAMAN - Revista da Academia Militar das Agulhas Negras

RCM - Revista do Clube Militar

RIGHMB - Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil - Rio

RIHGB - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro SA - Secretaria da AMAN

SORAAMAN - Sociedade Resendense de Amigos da AMAN www.ahimtb.org.br - Site da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

www.ihtrgs.org - Site do Instituto de História e Tradições do RGS.

IMPORTANTE: É fundamental o entendimento destas convenções para a recuperação e localização das fontes de História das Escolas de Formação de Oficiais do Exército relacionadas a seguir:

Fontes bibliográficas e hemerográficas

- AMAN Alocuções proferidas no Sesquicentenário da AMAN. Resende, Ed. Acad, 1961.
 - (). Currículos. Resende, Ed. Acad, 1979.
- (). **História das doutrinas militares.** Volta Redonda, Gazetilha, 1978. (Coordenada pelo autor Cel Cláudio Moreira Bento e com a Participação do Cel Ney Sales de Oliveira e Cel Sergio Monteiro e revisão de português pelo Cel Ney Paulo Panizzutti).
- (). **História Militar do Brasil.** Volta Redonda: Gazetilha, 1979 (texto e mapas). (Idem observação da fonte anterior).
- (). Formando oficiais para o Exército do Brasil. São Paulo, FIESP, 1961 (boas informações gerais).
- (). **Informações aos visitantes.** Resende, Ed. Acad, 1964 (boas informações).
- (). Aditamento e anexos 1 6 ao BI de 24 Abr. Participantes da AMAN na Revolução de 64 (CC, BCSv, Div Ens, DA, Aj Geral, Magistério e Pessoal acionado diretamente pelo Comando).

(). Pátio Marechal Mascarenhas de Morais. Bl n° 8, de 08 Mai 1970 (justificativa da homenagem).

ARAGÃO, Campos de, gen. **Cadete do Realengo.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1959.

ARARIPE, Tristão Alencar, mar. **Tasso Fragoso**, Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960 (bom material sobre a EM PV).

(____). O Ensino Militar no Brasil. **RCM,** n° especial, 1961, p. 18/25. (fonte de consulta obrigatória para uma perspectiva histórica do assunto).

ARAÚJO, F. X. Lopes, cel. Nossos antigos mestres. **RA-MAN**, 1976, p. 7.

ARNT, Hiran Ribeiro, gen. Ordem do Dia à entrega dos espadins à turma Benjamim Constant. Resende: Ed. Acadêmica, Ago 1978.

(). Ordem do Dia à entrega das espadas à turma Marechal Dutra. Resende: Ed. Acadêmica, Dez 1978.

BARATA, Mário. **Escola Politécnica do Largo de São Francisco.** Rio de Janeiro: Clube de Engenharia, 1973. (currículos Escola Militar 1810-1851 e iconografia).

BARROSO, Gustavo. Os prisioneiros paraguaios na EMPV. **NA** n° 70, Set 1945, p. 77/79.

BENTO, Cláudio Moreira. Fontes relacionadas em separado em parte ao final.

BITTENCOURT, Liberato, cel. Sobre a reforma do Ensino Militar. **DN** n° 113, mar 1923, p. 538/540 (Ensign Military entre 1890-1905 importante).

(). Benjamim Constant e General Polidoro, duplo ensaio, psicológico. **Anuário da Escola Militar, Realengo,** 1913/14, p. 59-90. (ver também Planos de Campanha, p. 125/178 do mesmo autor).

BLEY, João Punaro, gen. Recordações de uma Velha Escola (EMR). **Letras em Marcha,** 1978, (ex-aluno do Realengo e ex-comandante da AMAN).

BOPP, Itamar. **Resende - cem anos da cidade.** São Paulo: Graf. Sangirard, 1977 (p. 228,317,318,319,321,323,326,335).

BRAYNER, Floriano de Lima, Ten Cel. A Escola Militar - Síntese Histórica. **RMB**, n°1 jan/mar1942,p. 13-70.

BRILHANTE, Manoel de Azambuja, gen. Ética do estudante face às provas. **DN**, n°445, ago 1951, p. 5/7 (ex-comandante da AMAN).

CALMON, Pedro. Agulhas Negras. **RCM,** n° especial, 1961, p. 31/33.

CÂMARA, Hiran Freitas Ten Cel. **Marechal José Pessôa A força de um ideal**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985.

CÂMARA, José A. Saraiva. **Um soldado do Império.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978 (vida do Gen Tibúrcio que saiu da EMPV para a Guerra do Paraguai. Resgata história da Escola Militar do Ceará).

CAMPOS, Carlos, mar. A profecia da EMPV. **DN**, n° 112, Fev 1323, p. 519/21. (discurso de Benjamin Constant a oficiais chilenos "fagulha que incendiou a Monarquia".)

CAMURÇA, João Bosco. Cel **Minha vida de cadete 1859/1961**. Fortaleza: ABC Editores, 2007, prefácio do Cel Cláudio Moreira Bento)

CARDOSO, Licínio A. Nossos antigos mestres. **RAMAN**, 1979, pp. 40/42.

CARTA DE LEI DE 4 DEZ 1810. Criação da Academia Militar no Rio de Janeiro. Rio, Imprensa Militar, 1961.

CARVALHO, Estevão Leitão de, gen. **Memórias de um Soldado Legalista.** Rio de Janeiro: Imprensa Militar, s/d

CASTRO, Jeanne Berance. A Milícia Cidadã. A Guarda Nacional. 1831-50. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978.

CAVALCANTE, Pedro, gen. Discurso - Pedra Fundamental da AMAN. **RAMAN**, jul 1938, p.. 5-6 (discurso como Diretor de Ensino do Exército).

CAUSOS, CRÔNICAS e OUTRAS HISTORIETAS MILI-TARES, Coleção no seu 8º volume organizada por ex-cadetes da AMAN contando assuntos variados de interesse da História da AMAN.

CERQUEIRA, Dionísio, gen. **Reminiscências da Guerra do Paraguai.** Rio de Janeiro:, BIBLIEx, 1958 (impressão sobre a EMPV).

CIDADE, Francisco de Paula, gen. Síntese de três séculos de literatura. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1959 (muitas

indicações sobre escolas militares).

- (). Cadetes e alunos militares através dos tempos. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1961 (Reminiscências da EMPV, EGPA. (importante subsídio sobre a revolução no ensino em 1905, como transição do bacharelismo para o profissionalismo leitura básica).
 - (). Ensino Militar. **DN**, n° 118, ago 1923, p. 729/730.
- (). O Exército do Passado. **NA**, 1942-1943 (importante série de artigos).
- (). A literatura nas velhas escolas militares. **Cadetes e alunos.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1961.
- (). Cadetes em Portugal, no Brasil e vida anedótica. Cadetes e alunos... Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1961.

COELHO, Edmundo Campos. Em busca de identidade - o Exército e a Política na Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Forense, 1976,1ª Edição.

CONSTANT NETO, Benjamin. **Benjamin Constant.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1940.

CORREIA, Jonas. M. gen. **Vocabulário de Gíria Militar,** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1958.

CORREIA, Jonas, cel. Escola Militar do Realengo, **RA-MAN**, 1975, p. 13-14.

COUTINHO, Lourival. **O general Goes depõe.** Rio de Janeiro: Liv. Coelho Branco, 1956.

CUNHA, J. Marques da, ten cel. A Evolução do Ensino Militar no Brasil 1810-1913. **Anuário Militar,** Rio de Janeiro: EMR, 1913/14. (trabalho pioneiro).

DAMASCENO, Filadelfo, cap. **Vida de cadete.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1962. (o autor formou- se na AMAN em fev 1955).

DENYS, mal. A Missão Indígena. **Infantaria.** Resende: Curso Inf. AMAN, n° 14, 1979.

DINIS; Almério, cel. Meus ex-cadetes. **RAMAN,** 1977, p, 18.

ECEME - Mal Castello Branco - seu pensamento militar. Rio de Janeiro: Imp. Militar. 1966. (Organizado pelo Cel Ruas Santos e Major Maia Pedrosa).

ESCOLA MILITAR DO REALENGO. Mudança (tentativa, lo-

cais e situação atual) **DN,** 186, jun 1929, p. 269/271 e 199, jul 1930, p. 611/612 (ideia mudança surge antes da Revolução de 30).

ESCOLA MILITAR DE RESENDE. Construção. Rio de Janeiro: EMR (histórico da construção e ideia do Pantheon de Caxias em Resende). (Ano 1943).

ESTRADA, Augusto da Cunha Duque, cel. Discurso Pedra Fundamental AMAN. **RAMAN**. jul 1938. p. 5-9 (representando o corpo discente e docente da EMR).

FIGUEIREDO, Euclides de Oliveira, cap. Escola de Pelotão de Cavalaria da Escola Militar do Realengo. (Missão Indígena). DN, n° 78, fev 1920, pp. 209-213.

FIGUEIREDO, João Baptista de Oliveira, maj. Batalha de Tuiuti - Conferência da AMAN. **DN**, n°420, mar 1949, p. 125/133.

FIGUEIREDO, Lima, cel. **Casernas e Escolas**. Rio de Janeiro: BIBLIEx,1945.

FONTES, Arivaldo Silveira, Cel. **Posses de acadêmicos** na **AHIMTB 1996-1997**. Brasilia: SENAI,1997 (Contém biografias dos patronos de cadeiras Cel Adailton Pirassununga p. 19/29, e dos ex-comandantes Marechal Mascarenhas de Morais e Carlos de Meira Mattos p.711, e do Marechal José Pessôa p. 124 e do Gen Raul Silveira de Mello ex-aluno da Escola de Guerra).

FONSECA, Roberto Piragibe. **Dois estudos militares.** Rio de Janeiro, 1974.

FORNIER, Barros, cap. Local para a Escola Militar. DN, n° 69, jun de 1939, p. 308-9.

FRAGOMENI, José, gen. Sesquicentenário da Independência. RAMAN, 1972, p, 112-113.

FRAGOSO, Augusto Tasso, gen. **Batalha do Passo do Rosário**. Rio de Janeiro, 1922.

(). O Ensino Militar e a ECEME. NA, abr 1970.

INSPETORIA GERAL DO ENSINO. **A Evolução Militar no Brasil. RMB**, jan/mar 1942, p. 9/12.

KLINGER, Bertholdo, cap. A Nova Escola Militar - seus efeitos na tropa. DN, set 1920, p. 34/35.

GUIMARÃES, J. O Macedo Soares. Civis e militares. Car-

ta Mensal, dez 17, p. 11-14.

LAGO, Laurênio, cel. **Brigadeiros e generais de D. João VI e D. Pedro I.** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1941. (Estuda alguns ex-comandantes da Escola Militar.

(). Os generais do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar Volume LIX 3º volume. Imprensa Nacional, 1941. (Estuda alguns ex-comandantes da Escola Militar do período mas não conseguiu dados de todos os generais)

LIMA, Luiz. A. Correia, cap. O efetivismo corrosivo. DN, n° 115, set 1920, pp. 762/765 (elogio à Missão Indígena, no Realengo).

(). Ensino Militar. **NA**, n° 71, Out 1945, p. 14/17.

LOBATO, Filho, gen. Escola Preparatória do Realengo. In: LOPES, Luiz Arthur. Fui cadete de EMPV, em 1889. **RCM**, n° especial, 1961, p. 37/47.

MALAN, Alfredo d'Angrone, cap. Reminiscências da Praia Vermelha. **In**: CIDADE: **Cadetes e alunos...** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1961, p. 45-49.

MALAN, Alfredo Souto, gen. **Uma escolha um destino**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1977.

MALAN. Carlos José, cel. Centenário do General Alfredo Souto Malan em Artigos de sócios no site da AHIMTB www. ahimtb.org.br.

MATTOS, Carlos de Meira, gen. Aniversário da AMAN. Ordem do Dia. **BI AMAN**, 23 Abr 1970.

- (). Chefia e Liderança. **RAMAN**, 1972, p. 176/181.
- (). **A experiência do FAIBRAS**. Rio de Janeiro: IBGE, 1966 (participação oficiais egressos da AMAN).

MÉDICI, Emílio Garrastazú, gen. Aniversário da AMAN. Ordem do Dia. **BI AMAN**, 23 Abr 1963.

MERCEDEZ-BENZ - Sua Boa Estrela, n° 27, 1970. (n° especial dedicado a AMAN).

MEXY KANO. O Carro de Fogo - paródia. RCM n° especial, 1961.

(). MEYER, Walter dos Santos, ten cel. Achegas para um anedotário da AMAN. **RCM**, n° especial, 1961, p. 58-64 (excelente trabalho)

(). Síntese histórica da formação dos oficiais do Exército. **In: Alocuções do sesquicentenário da AMAN**. Resende: Ed. Acad, 1961.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **O Exército no Estado Novo**. Rio de Janeiro: Graf. Guarani, 1971, p. 12-15.

MIRANDA, Salm de, **Cel Floriano**. Rio de Janeiro: Bl-BLIEx, 1963.

MISSÃO INDÍGENA NA EMR (1919-22). Instrutores selecionados. **DN**, n° 65, fev. 1919, p. 146-148.

(). Situação promissora no ensino. **DN**, n° 152, ago 1926, p. 1210. (balanço das atividades após sete anos).

MONTEIRO, Afonso, gen. Reminiscências da EM Praia Vermelha. **In**: CIDADE, **Cadetes e alunos**... Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1961, p. 50.

MONTEIRO, Pedro Aurélio Góes, gen. A Revolução de 30 e a finalidade política do Exército. Rio de Janeiro, 1932.

MOTTA, Jeová. Formação do oficial do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Cia Bras, Art. Graf. 1977 (excelente trabalho sobre currículos).

NOGUEIRA, Túlio Chagas, cel. Palavras aos cadetes da turma Independência. **RAMAN**, 1964, p. 175 (comandante do Corpo de Cadetes),

NORONHA, Jurandir Passos. Resende não é West Point nem Saint Cyr. **NA**, n° 64, mar 1945, p. 30/37.

NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO, n° especial dedicado à AMAN, 1967.

O ALAMBARI - Noticioso interno da AMAN -1953-2009 (coleção).

OLINTO, Antônio. **Militares no Poder**. Rio de Janeiro: Arca, 1977 (importante estudo relacionando o desenvolvimento do ensino militar com a progressiva influência política do Exército).

OLIVEIRA, Ermilio da Costa. RAMAN, 1974, p.175.

PARDAL, Paulo. **Real Academia de Fortificação e Desenho**. Rio de Janeiro: Odebrecht,1990.

().Brasil 1792 – O início do Ensino de Engenharia Civil no Brasil. Rio de Janeiro:Odebrecht, 1991.

(). A sucessão do pioneiro ensino militar de 1792. **RIHGB**,155(383) ;428-435 abr./jun.

PEDREIRA, José R. **Resende em revista**: Volta Redonda, 1975.

PIRASSUNUNGA, Adailton, gen. O Ensino Militar no Período Colonial. **RAMAN**, n°30 e 34,1936.

- (). Ensino Militar no Brasil. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1958.
- (). O Clero no magistério militar. **RAMAN**, jul 1938.
- (). Subsídios para a História das Escolas Militares 1811-38. RAMAN, 1938.

PEREGRINO, Umberto. Evolução da Escola Militar, 1931-41. **RMB**, jul/set 1941, pp. 271/288.

(). Caderno de adolescente. In: CIDADE. **Cadetes e alunos**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1961, p. 106.

Pessôa, Antônio José, cad. Marechal José Pessôa - o idealizador da AMAN. **Jornal Agulhas Negras**. Resende, Ed. Acad, 1977.

Pessôa, José, gen. O Espadim, O Brasão das Armas, O Corpo de Cadetes e o Uniforme da AMAN. **RAMAN**, 1939.

- (). Resende e a Escola Militar. NA, n° 21, ago 1971, p. 137/138.
- (). A Pedra Fundamental da E. M. Resende. **RAMAN**, jul 1938.

PONDÉ, F. de Paula e Azevedo, gen. A Academia Real Militar. **Anais do Congresso da Independência do Brasil**. Rio de Janeiro: IHGB, 1975 (importante e básico subsídio. A documentação que localizou e usou encontra-se no Arquivo Nacional e foi micro filmado pelo Arquivo do Exército, quando éramos o seu diretor 1985/91.

POTIGUARA, Moacir Barcellos, gen. Uma vida a serviço do Brasil. **RIGHMB**-77 (biografia Gen Tertuliano Potiguara testemunha da Revolta da Vacina Obrigatória em 1904).

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto nº 1718 de 17 jun 1937 que considerou a Academia Real Militar de 1810 como raiz histórica da Escola Militar do Realengo.

PRETEXTATO, Alfredo, Maciel da Silva. cap. Os generais do Exército Brasileiro 1822-1889. Rio de Janeiro: Biblioteca

Militar, 1906. (Possui algumas sínteses de ex-comandantes da Escola Militar).

RABELO, Manuel, gen. Discurso - Lançamento da pedra fundamental da AMAN. **RAMAN**, jul 1938, p. 3-5 (oração como Diretor de Engenharia).

RESENDE, Moacir Lopes de, gen. **História da AMAN**. Resende: Ed. Acad, 1969 (foi síntese pioneira mais completa e básica para a abordagem do assunto).

(). Comandantes das Escolas Militares. **RCM** n° especial, 1961, p.5/16.

REVISTA DO CLUBE MILITAR – 1961, n° especial dedicado ao Sesquicentenário da AMAN.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA. Construção da Escola Militar de Resende, n° 1 jan/mar 1942, p. 1 - 149. (importante).

REVISTA A DEFESA NACIONAL, n° especial 1963. (alusivo ao Sesquicentenário da AMAN. Contém artigos dos generais Leitão de Carvalho, Castello Branco, F. Paula Cidade, Tristão Alencar Araripe e Pompeu Cavalcanti).

REVISTA DA AMAN (RAMAN) - Coleção 1921-2008 existente na Biblioteca da AMAN (faltavam em 1994 os anos 1923,1929-32,1958,1961-62 e 1970). Possuem interessantes e vastos assuntos ligados à memória AMAN, dos quais reproduzimos, como amostragem, o subtítulo a seguir de índice por nós completado:.

- 1) Gustavo Cordeiro de Farias elogio, jun 1921.
- 2) Homenagem ao Mal Hermes, jul, 1921.
- 3) Homenagem a Adalberto C. de Aguiar, ago 1921.
- 4) Homenagem ao Gen Celestino Bastos, out 1921.
- 5) Homenagem ao Gen Setembrino de Carvalho, mar 1934.
- 6) Homenagem ao Cel Dr Moreira Guimarães, mar 1924.
- 7) Almirante Alexandrino de Alencar, necrológio, 1926.
- 8) Homenagem ao Cap A. Pirassununga, mar 1936.
- 9) Homenagem a Henrique Lage, n° 33, mar 1936; n° 50, 1942; n° 53,1943; 46, 1941, 1n° 54,1945.
- 10) Homenagem aos cadetes de aviação, mortos em serviço, n° 34, ago, 1936, p.7.
 - 11) Homenagem a Benjamin Constant, n° 35,1936.

- 12) Homenagem a Caxias, n° 37,1937; e 1957,1960.
- 13) Homenagem ao Cel Mascarenhas de Moraes, 1937 e 1938.
- 14) Resumo Histórico da Escola Militar, nº 30,1937, p. 3.
- 15) Centenário da morte do Mal Floriano, n°40,1939.
- 16) Homenagem a Lhufas, a Celso Santos Meyer, n°40,1939.
- 17) Homenagem ao Gen José Pessôa, n° 44, 1940, p. 14; n° 54, 1945; n° 61, 1949 e 1960.
 - 18) Homenagem a Henrique Lage, n° 46,1941.
 - 19) Homenagem ao Gen Osório, nº 49,1942.
- 20) Homenagem ao Gen Ciro Espírito Santo Cardoso, n° 59,1948; n°61,1949; n°62, 1950; n° 63,1950.
 - 21) Homenagem ao Mar Trompowski, 1954.
 - 22) O BCSv, n°60, 1959.
 - 23) SAM O que é? 1960.
 - 24) Bandeiras Históricas, 1960.
 - 25) Histórico da AMAN, 1960.
 - 26) Brasília Capital da Esperança.
 - 27) Curso de História Militar da AMAN.
 - 28) O que é AMAN, 1963, p. 4.
 - 29) Cadetes e seus personagens, 1964 p. 127.
 - 30) Ângulos da AMAN, 1964, p. 125-126.
 - 31) O ensino na AMAN, 1965, p. 7/9 e 1966, p. 11.
 - 32) O cadete e outro personagem, 1965, p. 17/20.

Fontes documentais e Instrumentos de Trabalho (Relação parcial)

ARQUIVO DO GEN POLIDORO QUINTANILHA JORDÃO (Loc: AN). (Ex, comandante da EMPv).

ATA DO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA AMAN EM 1938 (Loc: MA).

ARQUIVO ICONOGRÁFICO DA AMAN - FOTOS E FIL-MES (Loc: Se Comunicações da AMAN).

BOLETIM N° 1 DE 1° MAR 1944 - ALUSIVO A INSTALA-ÇÃO DA AMAN (Loc: MA).

CÂMARA, Hiran Freitas, maj. Arquivo Pessôal constando de vasta documentação que reuniu, com vistas a escrever a biografia do Marechal José Pessôa Cavalcante de Albuquerque.

CARTA DE LEI DE CRIAÇÃO DA ACADEMIA MILITAR

REAL EM 1810 - Fotocópia (Loc: MA).

COLEÇÃO DE BOLETINS DAAMAN 1913 - 2004 (Loc: A.A.) COLEÇÃO DE BOLETINS DAS ESCOLAS MILITARES DA PRAIA VERMELHA, REALENGO E PORTO ALEGRE (Loc: provavelmente no AHEx).

COLEÇÃO DE ALMANAQUES DO EXÉRCITO 1945-2009 (consta nomes de todos os oficiais formados pela AMAN (Loc: BEx, C Doc Ex., A.A.).

COLEÇÃO DE REVISTAS DA AMAN 1922-1993 (Loc: BAeBE).

DOCUMENTOS RELATIVOS A ACADEMIA REAL MILITAR (Loc: AN).

ÍNDICE DA REVISTA DA AMAN 1922-1978 (Loc: AGA e fichário História da AMAN 1913-1957 (parcial) na Cadeira de História Militar, (não consta os documentos que faltam).

INVENTÁRIO DE N° DE ASPIRANTES EGRESSOS DA AMAN 1945-78. POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E NA-ÇÕES AMIGAS (Loc: AGA).

LIVRO DE OURO CONTENDO ASSINATURAS DE CA-DETES QUE CONCLUÍRAM A AMAN SEM PUNIÇÃO (Loc: Corpo de Cadetes).

LIVRO PARA O REGISTRO DE IMPRESSÕES POR VI-SITANTES ILUSTRES A AMAN (Loc: Gab do General Cmt AMAN). (Ata mudança de denominação).

134.LIVRO HISTÓRICO DO CORPO DE CADETES (Loc: MA). LIVROS REGISTROS HISTÓRICOS DA AMAN (1810-1979) de n° 1 a 5 (Loc: SA (todos) e IHGB e AGA os n° 1 e 2) PEREIRA FILHO, José, 1° ten, Relação e localização do acervo do Museu da Academia Militar das Agulhas Negras. (Loc: Aj G AMAN, AGA, IHGB, IHGMB e AHIMTB).

(). Relação e localização de bustos, placas e quadros localizados no âmbito do Conjunto Principal da AMAN. 9 fls. Não inclui o existente no interior das repartições exceto da Biblioteca. (Loc: AGA). Nos livros Registros Históricos consta a origem e doador de cada busto). (Loc: AHIMTB)

PASTA DE DOCUMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA AMAN (pasta com parecer, data de aniversário AMAN, ban-

deiras históricas etc (Loc: Cadeira de História da AMAN).

PLANTA DO AQUARTELAMENTO DA AMAN (Nomes, bairros, praças, ruas e instalações - Loc: Prefeitura Militar da AMAN).

RELAÇÃO NUMÉRICA POR UNIDADES DA FEDERA-ÇÃO E NAÇÕES AMIGAS DOS ASPIRANTES EGRESSOS DA AMAN 1945-1978 (APA).

RELAÇÃO DOS SUBCOMANDANTES DA AMAN ATÉ 1977. (Loc: AA, AGA e AHIMTB).

156.RELAÇÃO DOS COMANDANTES DE CURSOS DA AMAN 1944-1978 (Loc: Cursos, AGA e AHIMTB).

RELAÇÃO DOS COMANDANTES DO CO (Loc: Corpo de Cadetes e AGA).

RELAÇÃO DE PRÊMIOS COM OS RESPECTIVOS PATRONOS DESTINADOS AOS ASPIRANTES QUE SE DESTACARAM NOS ESTUDOS. (Loc: 1» Sec AMAN e AGA).

RIBEIRO, Jader de Lima, cap. Relação comparativa das cargas horárias por matérias; regulamentos de ensino de 1945,1958,1961,1964 e atual. (Loc: Div Ens AMAN e AGA).

SANTOS, Francisco Ruas. Efemérides da AMAN. (Loc: BA, AGA e AHIMTB).

IDEM - FICHÁRIO HISTÓRICO DA AMAN REFERIDO AOS BOLETINS INTERNOS E REVISTA (1913-1961), (Loc: Cadeira de História da AMAN).

- (). índice de **Defesa Nacional** até 1977 (Loc: C. Do Ex, AGA e AHIMTB).
- () índice da Revista Militar Brasileira até 1957 (Loc: C. Do Ex, AGA e AHIMTB).

TURMAS EGRESSAS DA AMAN 1946-2004 (Nome das turmas - ano de formatura e primeiros colocados nas cerimônias do espadim e espada. (Loc: AGA).

TELLES, Pedro Carlos Silva. **História da Engenharia no Brasil séc XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Clube de Engenharia, 1994.

SASDE. Revista da Sociedade de Amigos da 2ª DE. Publica artigo do autor Academia Real Militar em 2008 comemorativo dos 200 anos da vinda da Família Real para o Brasil.

Nota importante: Possuímos o exemplar único do índice

da Revista da AMAN elaborado pelo Cel Francisco Ruas Santos, que foi patrono em vida de cadeira da AHIMTB e por ele a nós doado. É instrumento de trabalho imprescindível para trabalhar com os mais variados aspectos da História da AMAN.

A presente relação não é completa. Constitui-se numa primeira aproximação bem expressiva até 2009. Outras fontes foram referidas ao texto.

Alguns assuntos de interesse referidos aos números das fontes relacionadas cujas páginas podem ser consultadas em:

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. **Os 60 anos da AMAN em Resende**. Resende: AHIMTB/Graf. Patronato, 2004.

- AMAN, ANEDOTÁRIO DOS CADETES
- ANTIGOS PROFESSORES -
- BANDEIRAS HISTÓRICAS -
- BCSv .BRASÃO DAS ARMAS AMAN
- CADETES QUE DESTACARAM
- CADETES FERIDOS OU MORTOS EM SERVIÇO
- COMANDANTES -
- RELAÇÃO SUB CMT, CMT CC E DE CURSOS -.
- CONSTRUÇÃO DA A R M: (Academia Real Militar)
- CONSTRUÇÃO DA AMAN
- CORPO DE CADETES
- CURRÍCULOS- (1910-1979):
- EFEMÉRIDES DA AMAN-
- ENSINO MILITAR (1810-1979):
- ESPADIM DOS CADETES-
- ESPORTES:
- HENRIQUE LAGE).
- HISTÓRIAS DAS ESCOLAS MILITARES:.
- HOMENAGEADOS PELOS CADETES:
- ICONOGRAFIA DAS ESCOLAS:
- IDEALIZADOR DA AMAN:
- INSTRUÇÃO ESPECIAL:
- INSTALAÇÃO AMAN:
- INSTALAÇÕES ESCOLAS MILITARES:

- INSTRUMENTOS DE TRABALHO PARA HISTORIADOR:
- LITERATURA ESCOLA MILITAR:
- MASCOTES CADETES:
- MISSÃO INDÍGENA EMR: (1918-1922):
- MUDANÇA DA ESCOLA PARA RESENDE:
- NATURALIDADE OFICIAIS FORMADOS NA AMAN:
- NOMES DE OFICIAIS EGRESSOS DA AMAN:
- PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO EXÉRCITO NA AMAN:
- PEDRA FUNDAMENTAL DA AMAN:
- REFORMA DO ENSINO 1905:
- REMINISCÊNCIAS DE EX-CADETES:
- SAM:
- SEDES SUCESSIVAS ESCOLAS MILITARES:
- CASA DO TREM: 1810-1811 (1 ANO).
- LARGO DO SÃO FRANCISCO: 1811 -1855 (44 anos):
- FORTALEZA S. JOÃO: 1855-1858 (3 anos):
- PRAIA VERMELHA: 1858 -1904 (46 anos):
- PORTO ALEGRE: 1906-1911 (6 anos):
- REALENGO:1909-1944 (35 anos):
- RESENDE: 1944-2010 (56 anos):
- TURMAS EGRESSAS DA AMAN:
- TRADIÇÕES DAS ESCOLAS MILITARES:
- UNIFORMES HISTÓRICOS:
- VOCABULÁRIOS DOS CADETES:
- VISITANTES ILUSTRES IMPRESSÕES:

Trabalhos produzidos pelo Cel Cláudio Moreira Bento

LIVROS E PLAQUETAS

BENTO - Cláudio Moreira, cel. **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro.** Brasília: EME/ECG-CF,1978.(reeditada ano1999)

- () Napion Patrono do QMB. **O Patolino,** AMAN, Curso de Material Bélico, 1978 (aborda a vida do General Napion, primeiro diretor da Academia Real Militar).
 - () Fortificadores do RGS. Revista da Sociedade de

(). História Militar de Resende
(). Escolas de Formação de Oficiais das Forças Arma-
das do Brasil.
() et Luiz Ernani Caminha Giorgis. Escolas Militares
de Rio Pardo 1858-1911. Porto Alegre: AHIMTB/IHTR-
GS,2004.
() IDEM, IDEM. História do Casarão da Várzea 1886-
2008 . Barra Mansa: AHIMTB/IHTRGS/Graf Drumond,2009.
(). Memória de minhas atividades como historiador
e em especial como historiador do Exército: Barra Mansa:
AHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS/Graf. Drumond, 2009.
() História da 3ª Região Militar 1953/ 2004. Porto Ale-
gre: 3ª RM, 2004. (Traz síntese biográfica do ilustre ex-coman-
dante da AMAN Gen Ex Emílio Garrastazu Médici Que criou o
lema " Servir e servir cada vez melhor ", da 3ª RM.
(). História da 6ª DE Divisão Voluntários da Pátria.
(). et Luiz Ernani Caminha Giorgis. Síntese biográfica
do ex- comandante da Escola Militar Marechal Trompovsky.
História da 3ª DE Divisão Encouraçada. Resende: HIMTB/
IHTRGS, 2008.
() Sínteses biográficas de ex-comandantes Generais
de Exército Emílio Garrastazú Médici, p.169, Rubem Bayma
Denys, Túlio Chagas Nogueira p. 201 e Délio Assis Monteiro
p.227. CMS 4 décadas de História . Porto Alegre, CMS,1995.
() Síntese biográfica dos ex-comandantes da AMAN
Generais de Divisão Nestor Souto de Oliveira, p. 95, Adalberto
Pereira dos Santos, Adolpho João de Paula Couto, p.133, Gen
Clóvis Jacy Burmann, autor das abas da obra História da 6 ª
DE - Divisão Voluntários da Pátria. Porto Alegre: 6ª DE, 2001.
() A Escola de Guerra de Porto Alegre. História da 3ª
Região Militar 1989-1953. Porto Alegre: 3ªRM, 1997.
(). História do Espadim e da espada do Duque de Caxias.
Caxias e a Unidade Nacional. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.

). O Jubileu de Ouro da AMAN em Resende

). Os 60 anos da AMAN em Resende

Engenharia do RGS, 1976/75.

(). O Centenário da morte do General Osório comemora-

do na AMAN, **General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro**. Resende: AHIMTB/IHTRGS/Graf. Drumond. 2008.

Artigos do Cel Cláudio Moreira Bento contendo Referências às Escolas de Formação de oficiais do Exército

Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

- O Espadim de Caxias dos Cadetes do Exército v.326 jul/ set 1980;
- 35° aniversário da AMAN em Resende (meu discurso de posse no IHGB), 336, jul/set 1982;
- Getúlio Vargas e a evolução da doutrina do Exército, 1930/1945. (Refere à AMAN, v.339, abr/jun 1983);
- Marechal Mascarenhas de Morais significação histórica. (Refere ao seu comando da Escola Militar do Realengo);
- As Tradições da AMAN em seus 40 anos em Resende. v.346,1984.
 - Pedro Calmon e a AMAN.v.347,1985;
- A revolta da Vacina-Obrigatória na Praia Vermelha. No suplemento v.151,1991;
- O Conde de Resende, o fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e o criador da cidade de Resende v.375,1992 (Este trabalho resgatou a memória do Conde de Resende, até então injustiçado).
 - A Revista Praia Vermelha p.143, v. 153 Suplemento 1992;
 - A Esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre.

O Guararapes - Informativo da AHIMTB

Muitas referências à AMAN nos seus 80 exemplares disponíveis em Informativo no site da AHIMTB, incluindo a Academia Real Militar em 2008. www.ahimtb.org.br.

O Gaúcho - Informativo do IHTRGS

Muitas referências à Escola de Guerra em Porto Alegre em seus 90 exemplares disponíveis em Informativo no site do IIHTRGS: **www.ihtrgs.org** sendo que o nº 54 de 2008 divulgou a cores o artigo Academia Real Militar uma decorrência da vinda da Família Real para o Brasil.

Revista do Exército - RE

- O Espadim de Caxias simbolismo .v. 114,1978, jul/set.
- Reminiscências da Escola Militar da Praia Vermelha do General Lobo Viana.v.123.1986, jan/fev.
 - Resende, um pouco de História v.123,1992 jul/set
 - AMAN Jubileu de Ouro em Resende .v 131,1994, abr/jun.

Revista a Defesa Nacional - DNH

- Paula Cidade, um soldado a serviço do Exército nº 709, 1883 (foi o meu discurso de posse no IHGMB (Foi professor de História Militar no Realengo e o introdutor da cadeira de Geografia Militar do Brasil, ideia trazida da França pelo Cel José Pessôa e por ele implantada no Realengo).
- Marechal José Caetano de Farias projeção histórica. V.784,1986. (Comandou as tropas do Exército que puseram um fim na Revolta da vacina obrigatória na Praia Vermelha).
- Abreu e Lima o brasileiro que foi general de Bolívar. Nº 725, 1986 (Estudou na Academia Real Militar de onde saiu como capitão de Artilharia).
- Marechal Odylio Denys, uma vida inimitável. v.772,1987. (Foi instrutor selecionado em concurso da Missão Indígena da Escola do Realengo)
- Ensino militar. A cultura geral x a cultura profissional militar. nº 746, nov/dez.
- Gen Div Augusto Tasso Fragoso, síntese biográfica. nº 750,1990. Foi nosso discurso de posse na Academia Brasileira de História. Ele foi aluno da EPV e condenou o bacharelismo que lá vigorava em seu livro a **Batalha do Passo do Rosário**).
- A Revolta da Vacina Obrigatória na Escola da Praia Vermelha, 1904. 752, 1991.
- O Exército na 1ª Guerra Mundial nº752,1991. (Referências ao Tenente de Cavalaria José Pessôa).
- Bicentenário da mais antiga Academia Militar das Américas. nº 754,1991(Refere-se à Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho).
- A formação de oficiais do Exército no Rio Grande do Sul.1858/1911. nº761,1993.
- Revista da Escola Militar da Praia Vermelha. nº 765, 1994 (Aborda assunto interessante de natureza social);

- Tasso Fragoso no Museu da AMAN. nº 769, 1995, p. 162. (Refere a sua túnica e projetil com que foi ferido no combate na ponta da Armação na Revolta da Armada e que doou à AMAN).
- Marechal Floriano Peixoto, centenário de seu falecimento. Nº 771/1996. (Foi nosso discurso realizado em sessão histórica na Fazenda Paraíso na divisa Barra Mansa / Resende, alusiva a seu centenário de morte e em que reproduz seu Testamento político que ele ali redigiu. Hoje ele é nosso patrono na Academia Barramansense de História cuja fundação orientamos e presidimos).

Revista do Clube Militar – RCM

- História da Infantaria Brasileira1978, Nov/dez.
- o 35 ° aniversário da AMAN em Resende, 1979, jul/ago.
- Cinquentenário da 1ª entrega de Espadins 1982, mar/abr.
- Marechal Mascarenhas de Moraes significação histórica.
- As Tradições da AMAN em seus 40 anos em Resende 1984, jul ago.
- O escritor e historiador militar Marechal José Pessôa 1985, set/out. (Número alusivo ao seu centenário em que pela 1ª vez ele é abordado sobre este enfoque. Foi o tema de meu discurso de posse na AHIMTB em cadeira que leva o seu nome).

Revista Agulhas Negras - AMAN

- O 35° aniversário da AMAN em Resende Ano de 1979.
- O Centenário da morte de Caxias na AMAN, 1970.

-Revista Cavalaria do Curso de Cavalaria/AMAN

- Osório Pensamento Militar 1979. Número especial alusivo ao centenário de morte do Patrono da Cavalaria.

Revista Infantaria AMAN RI-AMAN

- História da Doutrina da Infantaria Brasileira nº 13, 1978.
- A arma de choque do infante evolução histórica nº14,1970.
 - Caxias soldado de Infantaria nº16,1980.

Jornal Agulhas Negras - AMAN - JAG-AMAN

- O Espadim de Caxias dos Cadetes do Exército ago 1978, p.47.

Revista Lógica - Curso de Intendência da AMAN

- A importância da Logística: prever e prover nº1,1978.

- O General Osório e a Logística nº1, 1980.

Revista o Patolino - Curso Mat Bel AMAN

- O Patrono do Quadro de Material Bélico, comemorativo dos 20 anos da criação do Quadro de Material Bélico 1979.

Mensário Letras em Marcha - LM

- O Espadim de Caxias (encarte especial) nº 82, ago 1978. Refere ao Presidente João Figueiredo como o primeiro detentor do Espadim a atingir a Presidência da República.
 - Instalação da AMAN 35° aniversário nº 90, abr 1979.
 - O Exército na 1ª Guerra Mundial.
 - Aspirante Francisco Mega mai/jun 1991.

Mensário Ombro a Ombro - OO

- A Revolta da Vacina Obrigatória jan 1991.
- Os 200 Anos do ensino militar acadêmico nas Américas jan 1993.
 - O primeiro oficial a comandar a AMAN jan 1994.
 - Revista da Escola Militar da Praia Vermelha set 1994.
- Os 250 anos de Resende out 1994 O jubileu de Ouro da AMAN em Resende nov 1984.

Jornal Inconfidência - BH - JI BH

 - Duque de Caxias: significação histórica edições de agosto 2007 e 2008

Boletim do IEV-BIEV

- A 1ª Academia Militar das Américas, Jul 1992.

Diário Popular - Pelotas DP

-A formação de oficiais do Exército no RGS - 16 Jul 1993.

Jornal Estado de São Paulo- JESP

-Significação histórica do Marechal Mascarenhas de Morais.

Jornal A Lira- Resende - JAL- Resende

- AAMAN comemora o seu cinquentenário em Resende, 1994.
- -Centenário do Marechal Souza Dantas Jul 1994.
- Os 250 anos do descobrimento de Resende

Jornal do Comércio - Resende, JC-R

O ensino militar acadêmico no Brasil -17 Nov 1972.

Jornal Vitrine - Resende 2008

- Da Academia Real Militar à AMAN - reportagem ilustrada

com antecessoras da AMAN.

Tribuna do Comércio - Resende

- Santa Casa de Misericórdia de Resende - 22/29 Out 1992.

Jornal o Sul de Minas - Itajubá - JSM

- Significação histórica do Marechal Mascarenhas de Morais 5 Nov 1983.
- Falece aos 102 anos o historiador do Forte de Coimbra
 25 Ago 1984 (Foi aluno da Escola Preparatória de Rio Pardo e da Escola de Guerra em Porto Alegre).

Jornal Folha de Goyaz

- Um filho de Goiás herói da Independência e da Integridade do Brasil 1972 (Marechal Xavier Curado que, como capitão, comandou a 1ª tropa em Resende organizada para conter ataques de índios. Comandou a Real Academia, fundada pelo Conde de Resende).

Noticiário do Exército - NE

O Exército na 1ª Guerra Mundial nº 1254,19 abr 1991.
 Jornal Agulhas Negras, AMAN, jul 78 e RMB jul/set 78.
 (). Instalação da AMAN - ano XXXV.

Artigos e livros do Cel Cláudio Moreira Bento em sites da Internet relacionados com a AMAN e antecessoras

No site www.ihtrgs.org.br da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Em "Artigos"

- Academia Real Militar uma decorrência da vinda da Família Real para o Brasil em 1808.
- Uma evocação do comandante da FEB (ex-comandante da Escola Militar do Realengo).
- Gen Div Carlos de Meira Mattos (ex-comandante da AMAN).
- Continência a um herói Gen Plínio Pitaluga (nome de um refeitório de cadetes da AMAN).
 - Aspirante Mega (nome da Turma da AMAN 15 Fev 1955

e de refeitório de cadetes).

- Jubileu de Ouro da Turma Santos Dumont (nome da turma da AMAN em 25 Out 2005).
 - 2001 Resende, 200 anos, AMAN 57 anos.
 - 2004 Os 100 anos da Revolta da Vacina Obrigatória.
- Minha vida de Cadete na AMAN prefácio de livro com este nome do Cel João Bosco Camurça.
- A espada invicta de Caxias e o espadim dos cadetes da AMAN.
- Centenário do Gen Edmundo Macedo Soares, ex-aluno do Realengo e revolucionário de 1922.
- Palavras finais do presidente da AHIMTB na AMAN no bicentenário do Duque de Caxias, em 26 de abril de 2003.
 - Cel Prof Cel Chrysógono Cavalcanti Silva (necrológio).
- Centenário do Presidente Médici, ex-comandante da AMAN.
- Getúlio Vargas e a evolução da doutrina do Exército, 1930-45.
- Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso nome de Turma da AMAN e nome de rua da sua Vila Militar e por mim revelado no livro as Batalhas do Guararapes 1971.
- Abreu e Lima, ex-aluno da Academia Real Militar e general de Bolívar.
 - A importância da História Militar na formação do soldado.
- História Militar crítica à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, sua importância para a profissão soldado e para o Exército como força operacional.

Em Livros

- Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas.
- Os patronos nas Forças Armadas do Brasil (Mal Napion).
- Como estudar e pesquisar a História do Exército.
- Capas de livros, álbuns e plaquetas de sua autoria.

No site do google

Diversas referências a trabalho do cel Cláudio Moreira Bento Dados do Autor e AHIMTB

Sínteses sobre à AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil foi fundada em 01 de março de 1996 em Resende, RJ. Neste ano de 2010 completa 14 anos. Seu trabalho é o desenvolvimento da História das forças terrestres do Brasil, Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares. E prioriza a História Militar Crítica operacional e institucional das forças terrestres e, em especial a do Exército, com vistas a retirar da rica história militar, analisada à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, subsídios de nossa História Militar para a formação de seus quadros em Arte e Ciência Militar brasileiras e para o desenvolvimento de uma doutrina militar genuina como a sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto e Castelo Branco.

Para isso, conta com o concurso em especial de oficiais e praças da Reserva conhecedores de Arte e Ciência e unidos em delegacias espalhadas sobre o território nacional. Conta também com o seu Informativo o Guararapes e na Internet com o site www.ahimtb.org.br com farto material disponível, bem como usa diversos outros sites.

Seu Patrono é o Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro. Como patronos de cadeiras, a AHIMTB possui historiadores militares terrestres brasileiros de renome nacional e internacional bem como civis.

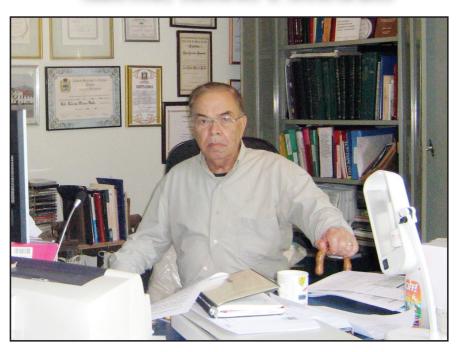
O 1º Presidente de Honra da AHIMTB é o Sr. Comandante do Exército, o 2º Presidente de Honra é o Gen Ex Chefe do DCEEx e o 3º é o Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras. O Presidente da AHIMTB é o seu fundador, o Coronel Cláudio Moreira Bento, natural de Canguçu, RS. A sede da AHIMTB continua sendo em Resende, em instalações cedidas pela AMAN. A AHIMTB é a única instituição dedicada ao desenvolvimento da História Crítica, institucional e operacional das Forças Terrestres do Brasil com vistas ao progressivo desenvolvimento operacional das mesmas, para o desenvolvimento doutrinário, com apoio em suas ex-

periências históricas vitoriosas e em especial nas guerras de resistência. Ela coopera com o Exército na conquista de seu objetivo estratégico atual nº 1:

"Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a História, as Tradições e os Valores morais, culturais e históricos do Exército".

Luta para conseguir um patrocínio oficial para suas atividades, por atuar numa área estratégica que se constitui um dever do Estado. E seus integrantes, movidos por patriotismo, a maioria das vezes pagam para pesquisar e divulgar seus estudos. Este é o desafio que ela aqui lança às autoridades responsáveis pela Segurança do Brasil.

DADOS SOBRE O AUTOR CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO - PRESIDENTE DA AHIMTB, IHTRGS E ACANDHIS



Natural de Canguçu, RS, onde nasceu em 19 de outubro de 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Esta, descendente dos primeiros povoadores de Canguçu, das famílias Mattos, Borba, e Gomes. Iniciou sua carreira como soldado na 3ª Cia Com em Pelotas-RS. Asp de Eng em 15/Fev/55 da Turma Aspirante Mega. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG, 1981-82 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército, 1985-90, tendo, como oficial de Estado-Maior servido no Comando Militar do Nordeste, Estado-Maior do Exército, Departamento de Engenharia e Comunicações, Comando Militar do Sudeste, Academia Militar das Agulhas Negras e 1a Região Militar.

Historiador Militar consagrado, com mais de 80 títulos publicados e mais de 1.000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e Estados Unidos, sobre História Militar e, em especial, a do Exército. Seu artigo Participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra, publicado em inglês na Military Review. do Exército dos EUA está acessível na Internet. Integra as principais instituições nacionais de História: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/1978 (sócio emérito); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (membro benemérito); Academia Brasileira de História (patrono: Gen Tasso Fragoso) e as academias de História de Portugal, Real de Espanha e da Argentina, o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro e o Marechal Ramon Castilha Brasil-Peru. Fundou em 1986 e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e fundou as academias Canguçuense, Resendense e Itatiaiense de História. Das duas últimas é Presidente Emérito e da 1ª Presidente. Idealizou a de Itajubá--MG, da qual é Presidente de Honra. Presidiu a fundação da Academia Barramansense de História da qual é acadêmico na cadeira Mal Floriano Peixoto. Pertence aos institutos históricos do RS, SC, PR, SP, MG, MT, RJ, PB, RN, CE e das cidades de São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Pelotas, Sorocaba-SP e Petrópolis. É correspondente das academias de Letras do Rio Grande do Sul e Paraíba e da Academia Petropolitana de Poesia Raul Leoni .

Fundou em 01/Mar/1996, em Resende - A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHI-MTB), com o apoio cultural da Associação Educacional Dom Bosco. Academia que tem como patrono O Duque de Caxias e entre seus patronos de cadeiras dois ex-comandantes da AMAN, os marechais José Pessôa e Mascarenhas de Moraes e os civis Pedro Calmon, Barão do Rio Branco e Vilhena de Morais, biógrafo do Duque de Caxias e Gustavo Barroso.

Foi instrutor de História Militar na AMAN/1978-80 onde, com apoio do Estado-Maior do Exército (EME) editou o manual **Como Estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** que, desde 1978, vem sendo adotado na AMAN e ECEME, particularmente no tocante à metodologia de pesquisa histórica. Coordenou então a edição dos livros textos **História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil**, com apoio em recursos do EME e desde então livros textos na Academia Militar das Agulhas Negras (há 20 anos).

Coordenou o projeto, a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, inaugurado em 19/ Abr/1971, ocasião em que foram lançadas suas obras A Grande Festa dos Lanceiros (relacionando o Parque Histórico Mal Osório, inaugurado, e o Parque Guararapes) e As batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar, sobre a qual se manifestaram, elogiosamente, por escrito, Pedro Calmon, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Nilo Pereira, Leduar Assis Rocha, etc. e os historiadores militares generais Aurélio Lyra Tavares, Antônio Souza Júnior, Carlos de Meira Mattos, Coronel Ruas Santos, entre outros. Trabalho no qual foram baseados a Maguete e mapas explicativos das batalhas, constantes de Sala sob o Mirante dos Guararapes, inaugurada em 20 de abril de 1998, pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Zenildo de Lucena, conforme consta dos referidos mapas e foi anunciado pelo mestre de cerimônias na inauguração do Mirante. Participou em 14-15 abril do 1º Simpósio Guararapes, onde abordou, na SUDENE, o tema As Batalhas dos Guararapes e foi distinguido pelo Comando Militar do Nordeste para ali hastear a bandeira nacional em homenagem a seu pioneirismo, há 29 anos, na ideia do 1º Parque Histórico Nacional, hoje concretizado, e lançamento de seu livro sobre as batalhas, o qual ajudou a que a data da 1ª batalha dos Guararapes, em 19/Abril/1648, fosse considerada, por decreto presidencial, o Dia do Exército, que ali despertou seu espírito, junto com o de nação brasileira.

Foi coordenador científico, em 1971, do Projeto Rondon dos Guararapes, que contou com a participação de 5 cadetes da AMAN, alunos e alunas universitárias de Ciências Humanas vindos de diversos locais do Brasil, para pesquisarem a Insurreição Pernambucana, com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes (citado), do que resultou o livro por eles escrito O Projeto Rondon nos Guararapes, que foi editado pela SUDENE, com apoio de seu Superintendente, o então Gen Bda Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. Os estudantes retornaram na inauguração do Parque, em 19 de abril de 1971, trazendo as bandeiras de seus estados, que hastearam no Morro do Telégrafo, a do Brasil e a de Portugal, hasteadas respectivamente por um cadete da AMAN e um cadete de Engenharia de Portugal. Experiência que inspirou a criação, pelo Cel Bento, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, voltada para a juventude militar atualmente frequentando as escolas do Exército e as das Forças Auxiliares.

Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, que editou a História do Exército Brasileiro em 3 volumes, cabendo-lhe, como historiador convidado, abordar as guerras holandesas. História ora reeditada com apoio da Oldebrecht e relançada no Forte do Brum em 20 de abril de 1998, em cerimônia presidida pelo Exmo Sr Ministro do Exército Zenildo de Lucena, com a denominação de **O Exército Brasileiro na História do Brasil**, com novas ilustrações e coordenada pela DAC/BIBLIEx. Presidiu: Comissão que editou Revista do Exército comemorativa do bicentenário do Forte de Coimbra, que resultou na escolha do Forte de Copacabana como Museu do Exército e sua consequente criação no final dos anos 80, além de haver cooperado no texto relativo ao Salão Império do Museu; Comissão de História Militar de A

Defesa Nacional, na administração, da BIBLIEx, do Cel Aldílio S. Xavier. Revista de que foi conselheiro editorial por longo tempo.

Possui 7 prêmios em concursos literários no Brasil e Estados Unidos onde se destacam: pela BIBLIEx, 1º lugar com O Exército e a Abolição e O Exército na Proclamação da República e O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul, 1º lugar em Concurso Nacional. Primeiro lugar pela Military Review com a pesquisa O Exército no desenvolvimento - o caso brasileiro, 2º prêmio com O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa e 2º lugar em concurso nacional com a obra Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul, comemorativo ao Biênio da Colonização e Imigração para o Rio Grande do Sul em 1975-76. Foram destaque especial em 1989 e 1990 pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJ) suas obras Quartéis Generais das Forças Armadas do Brasil e A Guarnição Militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República, editadas pela FHE-POUPEx, e premiado com a Monografia A Produção de Estimadas, em concurso Argus promovido pela EsNI em 1976. As duas obras, antepenúltima e penúltima, mais seus álbuns Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas (FHE-POU-PEx) e A História do Brasil através de seus fortes decoram paredes de comandos e tropas espalhados por todo o Brasil.

Sua bibliografia consta do **Dicionário de historiadores brasileiros** v.1 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do **Dicionário Biobibliográfico Gaúcho** (Martins Livreiro) e do site www.ahimtb.org.br.

Produziu e foram lançadas em 1995 no Rio Grande do Sul as seguintes obras suas, dentro do Projeto O Exército na Região Sul: História da 3ª Região Militar 1809-1995 e Antecedentes, em 3 volumes, que traduzem a História Militar do Exército no Rio Grande do Sul e que foi completada com Comando Militar do Sul - 4 décadas de História /1953-95 e Antecedentes.

Já lançou a História da 8ª Bda Inf Mtz, a História da 6a DE, a História da 3a Bda C Mec, a da 3ª DE, a da 6ª Bda Inf Bld, a da 2ª BdaCMec e a da Artilharia Divisionária da 6ª DE (AD/6),

além dos livros Caxias e a Unidade Nacional, 2002-175 anos da batalha do Passo do Rosário, História Militar Terrestre da Amazônia, História do Casarão da Várzea e As Batalhas dos Guararapes, Análise e Descrição Militar (2ª edição). Lançou também, em 2003, a plaqueta A Educação Cívico-Militar na visão do Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto. Desenvolve atualmente a História da 1ª BdaCMec e a da AD/3. Coordenou o 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba, que teve por tema pioneiro A Presença Militar no Vale do Paraíba, realizado de 3 à 5 de julho de 1996 na Fundação Educacional D. Bosco, na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende e no Centro Sargento Max Wolf em Itatiaia e que contou com a presenca de ilustres historiadores militares e civis.

O Cel Bento se dedica à História Militar Terrestre do Brasil dentro do seguinte contexto, definido pelo Marechal Ferdinand Foch, o comandante da vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial:

"Para alimentar o cérebro (comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da HISTÓRIA MILITAR".

Isto por considerar também a História Militar como o Laboratório de Táticas e Estratégias e, por via de consequência, contribuir para o desenvolvimento doutrinário militar dos Exércitos.

Foi lançada pela Biblioteca do Exército sua obra **A Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul aos espanhóis/1774-76**, baseada no Diário de Campanha inédito em português do Ten Gen Henrique Böhn, que comandou o Exército do Sul / 1774-77, que reconquistou o Rio Grande do Sul dos espanhóis e que liberou as terras de Pelotas e Canguçu para povoamento por Portugal.

Possui as seguintes condecorações: Comendador do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro com passador de platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Pacificador, Oficial da Ordem do Mérito das Forças Armadas, Ordem do Mérito Tamandaré pela Marinha, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont, Marechal Mascarenhas de Morais, Mérito Cívico pela Liga de Defesa Nacional, Comenda Conde

de Resende e J. Simões Lopes Neto pelas Câmaras de Resende e Pelotas, respectivamente.

Historiador Emérito pela 8ª Bda Inf Mtz em Pelotas, cuja denominação histórica Mal Manoel Marques de Souza I, pesquisou e instruiu processo de concessão.

Teve transcrito nos Anais da Assembleia Legislativa de Goiás seu artigo, em 1972, do Correio Braziliense - Um filho de Goiás, herói da Integridade e da Independência do Brasil (Mal Xavier Curado), bem como na Câmara Federal, trabalho seu sobre o centenário de morte do Duque de Caxias, em 1980, por proposta do deputado federal pernambucano Dr. Lucena. E na Câmara de Recife trabalho alusivo ao centenário do Patrono da Artilharia, Mal Mallet, no Comando das Armas de Pernambuco e nas câmaras de Resende e de Diamantina, respectivamente, seu discurso sobre o Conde de Resende no aniversário da cidade em 1992 e outro sobre O diamantinense, que foi o cérebro da Revolução Farroupilha na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Por indicação do Sr. Ministro do Exército e apoio logístico de sua assessoria parlamentar, participou de Simpósio na Câmara Federal, comemorativo do Centenário de Canudos. tendo ali defendido a Força Terrestre de manipulações que a apresentavam ao Povo, injustamente, como a responsável pela Tragédia de Canudos, em realidade uma responsabilidade da Sociedade Civil da época, ou de todos os avós e bisavós dos brasileiros. Idêntica postura transmitiu em entrevista pela Globo News em que as falsas e manipuladas acusações vieram à tona e foram rebatidas sem contestação. Idêntica postura em reportagem de O Globo e oferecida a outras publicações brasileiras.

Assinou o Livro de Honra do Corpo de Cadetes em 1955, p.42,18ª linha, por haver realizado seu curso de oficial sem nenhuma punição. Em 1993/94 foi o Diretor Cultural da SORAA-MAN (Sociedade Resendense de Amigos da AMAN) quando publicou a plaqueta 1994 - Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Sociedade constituída de civis e militares destinada a estreitar os laços de amizade entre as comunidades resendense e a acadêmica.

Foi o Diretor Cultural da Revista do Clube Militar no cen-

tenário do Clube, tendo colaborado e coordenado e Revista do Clube Comemorativa e enriquecido o seu museu com quadros históricos que promoveu e fez as legendas. Integrou a Comissão do Exército no Centenário da República e da Bandeira, tendo colaborado e coordenado O Caderno da Comissão do Exército, Comemorativa dos Centenários da República e da Bandeira, publicado em parceria pela BIBLIEx e pelo SENAI, este presidido então pelo Cel Arivaldo Silveira Fontes que também editou livro do Cel Bento O Exército na Proclamação da República/1989, que fora premiado pela BIBLIEx, lançado na ECEME e distribuído amplamente na AMAN .

Publicou com apoio da Odebrecht: A Participação da Marinha Mercante e das FFAA do Brasil na 2ª Guerra Mundial, comemorativo aos 50 anos do Dia da Vitória e distribuído amplamente na AMAN. A pedido do então Cel Sérgio Westphalen Etchegoyen, comandante das CIAS SUL (Cruz Alta-RS), elaborou pesquisa sobre os 68 sargentos heróis da FEB, para emular os alunos daquela Escola de Sargentos. Trabalho que difundiu em palestra na Escola de Sargentos das Armas, a convite de seu comandante e das unidades às quais pertenceram os bravos heróis e que participaram da 2a Guerra Mundial.

Possui várias distinções civis onde se destacam a de cidadão itajubense por unanimidade pela Câmara de Vereadores em 1982, a de Comendador da Ordem J. Simões Lopes Neto pela Câmara de Pelotas, a de Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, brasão de Canguçu, em reconhecimento "AO FILHO ILUSTRE, PELA RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA" (Set /91). Orador oficial na Câmara de Resende no aniversário da cidade, guando resgatou a memória do Conde de Resende, em cujo estudo esta se apoiou para criar a Comenda Conde de Resende. Câmara que acaba de aprovar, por unanimidade, Moção Congratulatória por sua atuação, de 1991 a 97, para o resgate e divulgação da História de Resende e Itatiaia. Foi orador, em 13 de abril, na cerimônia de inauguração, no Batalhão Escola de Engenharia em Santa Cruz-RJ, do Memorial ao Patrono da Arma de Engenharia, o Ten Cel Vilagran Cabrita. Integra a Confraria dos Cidadãos de Resende, voltada para o culto da cidadania, na função de Tribuno.

Pois desde 1991 tem escrito sobre a História de Resende onde se destacam seus livros A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende: 1994 - Jubileu de Ouro da AMAN em Resende (já citado); "Os puris, primitivos habitantes do Vale do Paraíba: "Lenda resendense do Timburibá"; História Militar do Vale do Paraíba e, "Resendenses na Guarda de Honra de D. Pedro" na proclamação da Independência em 7 setembro de 1822. Foi distinguido pela Câmara de Resende com Voto de louvor pela brilhante participação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil nos 200 anos de Resende em 2001.

Conferencista Emérito da ECEME, EsAO, EsIE e Instituto Militar de Engenharia onde, em 15/Abr/98, pronunciou para os corpos docente e discente palestra de 2 horas sobre As Guerras Holandesas, em comemoração aos 350 anos da 1a batalha dos Guararapes e 4o ano do Dia do Exército. Tem pronunciado palestras na AMAN e em especial sobre a História da mesma aos novos cadetes, logo que nela ingressam. De igual modo tem atendido alunos da ECEME e em especial seus ex-alunos da AMAN, para ajudá-los com fontes históricas na elaboração de suas monografias, gravando para os mesmos seu pensamento e interpretações, o mesmo acontecendo em relação a pesquisas históricas de cadetes e da própria AMAN no seu arquivo Pessoal sobre a história da mesma e antecessoras. Como diretor do Arquivo Histórico do Exército/1985-91, promoveu sessões comemorativas de centenários de generais brasileiros, resgatando expressivamente as memórias dos mesmos e suas preciosas lições.

Vem acompanhando e divulgando na mídia civil e castrense fatos expressivos recentes ocorridos na AMAN, relacionados com o culto das tradições da mesma. Estudou de 1938-44 no Colégio N. S. Aparecida de Canguçu; de 1945-50 no Ginásio Gonzaga de Pelotas, tendo se bacharelado no Curso Ginasial, com destaque, em 15 de dezembro de 1948. Concluiu o Científico, com destaque, em Porto Alegre, na Escola Preparatória de Cadetes no Casarão da Várzea. Como aspirante, 2º tenente, 1º

tenente e capitão serviu em São Leopoldo / 1955-57, em Bento Gonçalves (2 vezes, 1957-59 e 1961-66) e em Cachoeira do Sul/1959-61. Como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul presidiu encontros da entidade em Pelotas, Porto Alegre, Caçapava do Sul, São Gabriel, São Borja, Santana e Lavras .

Possui alentada produção histórica sobre a Zona Sul do Rio Grande do Sul na antiga Coluna Querência do **Diário Popular** de Pelotas, bem como no jornal **Tradição** de Porto Alegre, órgão de divulgação do MTG, no qual é considerado autoridade tradicionalista.

Passou sua vida nos seguintes locais: Canguçú-RS/1931-44; Pelotas/1945-50; Porto Alegre/1951-52; Resende-RJ/1953-54; São Leopoldo/1955-57; Bento Gonçalves e Veranópolis, destacado no vale dos rios da Prata e das Antas/1957-59; Cachoeira do Sul/1959-61; Bento Gonçalves/1962-66 (sendo que no 2o semestre de 1964 na Vila Militar-Rio de Janeiro); Rio de Janeiro/1967-69 (na Praia Vermelha); Recife/1970-71; Brasília/1972-75; São Paulo/1976-77; Resende/1978-80; Itajubá - MG/1981-82; Rio de Janeiro/1983-85, no EM 1ª RM e de 1985-91 no Arquivo Histórico do Exército, quando passou para a Reserva, passando a residir em Resende, onde construíra casa de campo em 1980 e para onde se fixou em definitivo em 1991, à sombra de sua mãe profissional, a AMAN.

Residiu destacado quando no 1º Btl Ferroviário, sucessivamente em Jabuticaba, junto a ponte ferroviária sobre o Rio das Antas (Bento Gonçalves); Rio da Prata (em Veranópolis junto à Gruta do Paco); no KM 2, na altura do Passo do Governo (Bento Gonçalves) e na Linha Marechal Hermes (Violanda) em Veranópolis e próximo de Muçum-RS. Tudo na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, conforme registram suas alterações. Foi pioneiro em 1963, como capitão, na perfuração do maior túnel ferroviário da América do Sul, o Túnel 19 Boca Norte, no qual revolucionou o rendimento de perfuração de no máximo 8 metros por semana para até 21 metros, tendo em consequência sido distinguido pelo seu comandante de Batalhão, Cel Dirceu de Araújo No-

gueira, com a caminhonete Aero Willys que até então usara, até adquirir outra, para cumprir promessa feita junto ao então coronel Rodrigo Otávio Jordão Ramos, atual denominação histórica do 20 GEC em Manaus.

Revisou, com o concurso da AMAN, ampliou e condensou, num só volume, os originais de projetada reedição de **As Bata-Ihas dos Guararapes, análise e descrição militar**, com apresentação de S.Exa. o Gen Ex Zenildo de Lucena e por sua Exa. instruído a BIBLIEx a publicá-lo. Obra em implantação em disquete no Web do CcomSEx, para apoiar estudos e pesquisas que se estenderam até 19 de fevereiro de 1999, 350 anos da 2a Batalha dos Guararapes.

Produziu para o Sistema de Ensino a Distância para preparação para a ECEME os trabalhos Lutas internas no período monárquico, Ação pacificadora do Duque de Caxias e Conflitos externos e lutas internas na consolidação da República/1889-97.

Produziu, faz cerca de 8 anos, para a FHE-POUPEX, pesquisa original sobre Os patronos nas Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) ilustradas pelo pintor Newton Coutinho e que se destinariam a distribuição no seio da juventude militar brasileira, estudando em escolas das FFAA e potencialmente futuros associados à FHE-POUPEX. Lamenta o autor a falta de recursos para dar prosseguimento ao projeto que cobriria lacunas biográficas referentes a personalidades exemplares para a juventude militar, tão carente de obras sintéticas e ilustradas do gênero.

É também autor da obra inédita Moedas de Honra, que consolida a bibliografia sobre Ordens de Cavalaria vindas de Portugal até as honoríficas atuais, a nível federal, e condecorações militares. Obra inicialmente encomendada pelo GBOEx, na antepenúltima administração e não honrada pela penúltima, em relação à atual, que nem sequer indenizou o sofrido investimento intelectual e financeiro do autor. É obra essencial para o conhecimento do assunto pelos recipiendários. É importante disciplina auxiliar da História Militar e Civil do Brasil e está sendo implantada na Internet no Site da AHIMTB: www.ahimbt.org. br, que a cada dia que passa vem sendo enriquecida com livros

e artigos sobre História Militar Terrestre do Brasil.

Em 1972 foi autor do parecer solicitado ao EME pelo Ministério dos Transportes sobre o verdadeiro local da descoberta do Brasil, se em Porto Seguro ou Cabrália, opinando sobre a descoberta em Cabrália, do que resultou a decisão governamental de estender a rodovia federal até lá, conforme consta da obra: MAIA, Rocha. **Do Monte Pascal a Cabrália**. Rio de Janeiro, MT, 1993.p.25-26.

Sua projeção atual na historiografia nacional e internacional resultou de seu desejo de escrever a História de Canguçu, sobre a qual produziu os seguintes trabalhos, entre outros:

- Canguçu, reencontro com a História, 1983. História da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu/1783-89. Município de Canguçu formação histórica: 200 anos da Igreja N.S. da Conceição de Canguçu. Apresentação do livro de Ilka Neves Primeiros povoadores e batismos de Canguçu 1800-13. Colaborações na antologia anual do CIPEL: Canguçu na Revolução federalista; Guerra à gaúcha; As Pedras das Mentiras; A Educação em Canguçu - evolução; Canguçu, aspectos da Comunicação Social, até o advento da radiodifusão e apreciável volume de artigos em O Diário Popular de Pelotas e no O Liberal, de Canguçu.

Possui as principais fontes da História de Canguçu reunidas no Arquivo Conrado Ernani Bento, seu pai, iniciador da preservação das referidas fontes históricas. Arquivo que será colocado à disposição da pesquisa na sala da Casa da Cultura destinada à Academia Canguçuense de História.

Acaba de ser agraciado pela Câmara de Vereadores de Resende com a Comenda Conde de Resende. Está produzindo para o Jornal da SASDE (2ª DE-SP), Passagens da História Militar de São Paulo.

É colaborador da Revista Eletrônica da AHIMTB no site www.militar.com.br

Endereço: Rua Florença, 266 - Jardim das Rosas, Itatiaia-RJ, 27.580-000

Fone: 0xx24-3354-2988 - E-mail: bentocm@resenet.com.br e bento1931@gmail.com

ÁLBUM DE FOTOS, PARTICULARMENTE FOTOS DE CAPAS DOS LIVROS DO AUTOR MENCIONADAS NO TEXTO



FOTO 1 - 1ª Edição



FOTO 2



FOTO 1 - 2ª Edição



FOTO 3 - 1ª Edição



FOTO 3 - 2ª Edição



FOTO 4



FOTO 5



FOTO 6

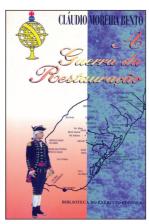


FOTO 7

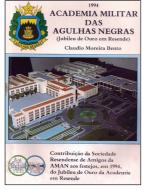






FOTO 8 FOTO 9 FOTO 10

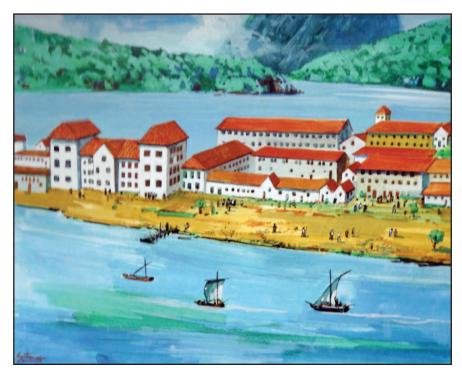


FOTO 11







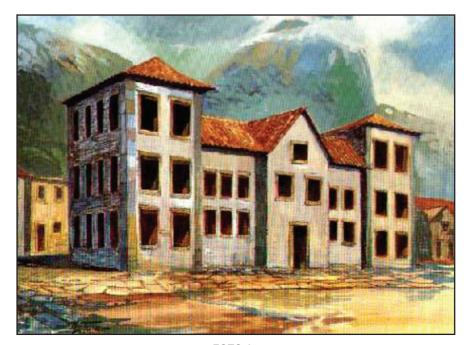


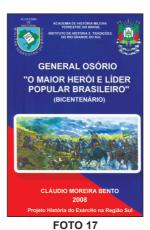
FOTO 14



FOTO 15



FOTO 16



HISTÓRIA DA
3º REGIÃO MILITAR
1807 - 1889 E ANTECEDENTES

VOLUME!

CLÂUDIO MOREIRA BENTO

FOTO 18



FOTO 19



FOTO 20

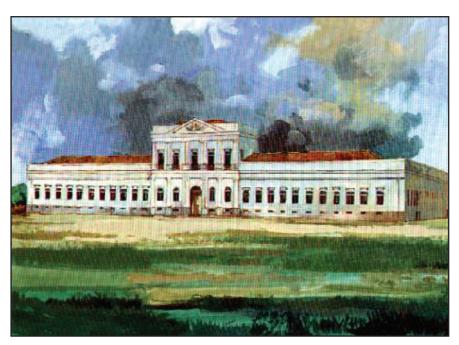


FOTO 21

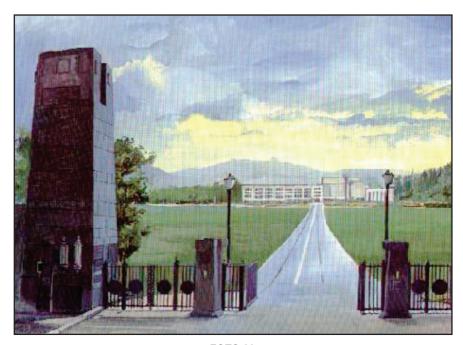


FOTO 22



FOTO 23



FOTO 24



FOTO 26



FOTO 27



FOTO 25



FOTO 28

FOTOS DA SESSÃO CONJUNTA DA AHIMTB E A3P NA ANTIGA SEDE DA ACADEMIA REAL MILITAR 1811-1858 EM 12 JUNHO 2008 ONDE O CEL BENTO E O ACADÊMICO EMPOSSADO ABORDARAM A HISTÓRIA DA ACADEMIA REAL EM ORAÇÕES COM PONTOS DE VISTA COINCIDENTES



FOTO 29 - Mesa Diretora Posse Prof. Silva Telles na Ass. Antigos Alunos da Politécnica - A3P na antiga Academia Real Militar 1811-1858 em 12/06/2008 no Largo de São Francisco, Rio de Janeiro. Da esquerda para a direita Acad. Prof. e Ten. R2 Israel Blajberg, Eng. Jacob Steinberg, Conselheiro da A3P, Prof. Heloi José da Silva Moreira, Presidente da A3P, Acad. Em. Cel. Cláudio Moreira Bento, Presidente da AHIMTB, Acad General Geraldo Luiz Nery da Silva, Coordenador do PHOEx e Acad. empossado Prof. Pedro Carlos da Silva Telles.



FOTO 30 - Grupo de acadêmicos da AHIMTB presente à posse do Acadêmico Silva Telles na Cadeira Pedro Calmon na sede da Antiga Academia Real Militar 1811/1858 - Acad. Prof. e Ten2 Israel Blajberg, Museóloga Marietinha M. L. de Aquino, Acad. Cel. Roberto Mascarenhas, Acad. Prof. Silva Telles, Acad. Maj. Enf. Elza Cansanção Medeiros, Acad. Em. Cel. Cláudio Moreira Bento, Presidente da AHIMTB, Acad. Cel. Ernesto Caruso, Acad. General Geraldo Luiz Nery da Silva, Coordenador do PHOEx, Ten. Cel. Onildo, Cmt. Regimento Sampaio, Acad. Cel. PMRJ Vidal da Silveira Barros.



FOTO 31 - Ex-alunos do CPOR/RJ presentes a posse do Acadêmico Pedro Carlos da Silva Teles, considerado o maior historiador da Engenharia Brasileira: Prof. Eng. Aimone Camardella, ENG. 1946, Eng. Jacob Steinberg, ENG. 1946, Prof. Eng. Pedro Carlos da Silva Telles, ENG. 1947, Eng. Manoel Martins, ENG. 1946, Prof. Eng. Israel Blajberg, ART. 1965 e Advogado Davi de Souza e Silva, ART. 1955.



FOTO 32 - Placa na parede da antiga sede da Academia Real Militar colocada no Sesquicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras com os seguintes dizeres:

"Sesquicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras - Esta Casa foi sede da Escola de Formação de Oficiais do Exército do Brasil de 1811 a 1858 com as denominações sucessivas de Academia Real Militar, Imperial Academia Militar, Academia Militar da Côrte, Escola Militar e Escola Central" Segundo o Acadêmico Israel Blajberg a placa hoje está em local pouco iluminado e com mancha de tinta branca e o reboco do local afetado o que explica o empenho da A3P - Associação dos Antigos Alunos da Politécnica que ali possui sua sede em promover a restauração do histórico prédio.



FOTO 33 - Placa pichada por vândalos com o que foi inscrito coberto com tinta branca. Uma mostra da falta de manutenção do histórico prédio que formou várias gerações de oficiais e engenheiros do Brasil que explica o empenho da A3P - Associação dos Antigos Alunos da Politécnica para que o Governo preserve o histórico prédio.